

palavra

NÚMERO 13. 2024/2025. SESC.



LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM REVISTA

29 autorias, corpos, sotaques & territórios.
Ensaio de Eliana Alves Cruz, Geni Núñez e
Marcia Tiburi. Poemas inéditos de Carlos de
Assumpção. Ilustrações de Carol Fernandes.

**É possível
escrever sem
partir de si?**

**“Há
sempre
um copo
de mar
para uma
pessoa
navegar”,
inspirado
em Jorge
de Lima**

Editorial

Palavra é alicerce.

Dita ou escrita, transforma vida em canção, sonho em processo, pensamento em atitude. E para lidar com a palavra é preciso coragem, seja pelo risco permanente de ser traído por ela – a qualquer tempo, com ou sem razão –, seja pela ameaça não menos constante de se deixar encantar. E sucumbir.

Convicto da importância dessa experiência, que aqui chamaremos afetuosamente de aventura, o Sesc se dedica em todo o Brasil, de maneira incansável, ao estímulo à leitura, à fruição da literatura, ao reconhecimento dos talentos do tempo presente, à memória dos autores que deixaram legados que fertilizam a produção contemporânea. Como se não fosse o suficiente, o Sesc também acredita na força da palavra nos mais diferentes suportes. Por esse motivo, não há que se falar em Cultura sem admitir a presença soberana da palavra – essa célula-mãe que multiplica sentidos.

Em 2024, mais de 41 milhões de pessoas participaram das apresentações artísticas e exposições realizadas pelos Sesc em todos os estados brasileiros, contemplando ações em artes visuais, artes cênicas, música, literatura, audiovisual e atividades em biblio-

tecas. Com orgulho ativamos, por meio dos Departamentos Regionais, 387 bibliotecas e salas de leitura, 119 teatros, 430 salas de cursos e atividades formativas, 86 cinemas e salas de exibição, 160 galerias e espaços expositivos, 19 museus, 27 estúdios de música, além das 44 unidades móveis BiblioSesc. Contamos também com apoio de espaços parceiros (públicos e privados) para intensificar ainda mais nossa programação. Num país que enfrenta tantos desafios ao acesso à leitura, mais de 1,5 milhão de pessoas realizaram empréstimos de livros em nossas estruturas institucionais.

Mais que números, esses dados revelam o verdadeiro sentido do nosso propósito: alcançar cada dia mais, e melhor, o trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo, seus familiares e a sociedade em geral. Com a finalidade objetiva de proporcionar transformação e bem-estar social por meio de ações em educação, cultura, saúde, lazer e assistência, esta é uma iniciativa singular e sem precedentes dos empresários do Sistema Comércio que, desde 1946, investem na satisfação das pessoas para impactar positivamente o desenvolvimento do país.

Para além dos conceitos e a bem da verdade, não sabemos quanto transformamos cada um. Ninguém que atua com programas sociais sabe. Porque este não é um cálculo que se faz com números, mas com palavras. Mas, se fosse o caso de propor marcadores, bastaria converter cada resultado em centenas de milhares de pessoas em movimento, ávidas pelo acesso a toda sorte de alimento para a alma. Trata-se de entregas apalavradas e realizadas com empenho. Com alegria. Para que não tenhamos, como sociedade, medo da linda aventura que tem sido, e sempre será, lidar com o universo inesgotável da palavra e tudo que ela proporciona.

JANAINA CUNHA

Diretora de Programas Sociais
do Departamento Nacional do Sesc



Educação para a palavra

A literatura transforma as palavras. É no instante da criação que a matéria-prima se apresenta para ser reinventada e ressignificada, muitas vezes movendo-se de seu significado do dicionário para adquirir novas camadas de sentido e compor a narrativa. Os termos tornam-se, assim, pontes que conectam imaginação e referências da pessoa autora às interpretações possíveis de cada pessoa leitora ou ouvinte. Ela inscreve ali sua trajetória e seu repertório, tornando a leitura um ato singular e o escrito, um organismo vivo, moldado por experiências e sensibilidades compartilhadas.

O texto é, nesse sentido, uma construção coletiva, cujos significados se concretizam na leitura e nos múltiplos desdobramentos dessa interação, permitindo ressoar o reconhecimento de diferentes vozes. Ler é uma prática ativa, que se manifesta na experiência do corpo-leitor, no movimento percorrido pelos olhos nas páginas, na constância da respiração que se ajusta ao ritmo textual e na mobilização de sentidos que produzem imagens, sons e sensações.

A expansão desse fluxo em dimensões políticas e sociais abre caminhos para a energia que reside na palavra, sobre a qual nos conta o educador Paulo Freire, em

suas pedagogias: ao questionar normas e registrar realidades, ela assume um papel crítico, capaz de desafiar preconceitos e gerar mudanças. O tempo atravessa esse processo, registrando os acontecimentos de um presente que, ao preservar a memória, torna-se história.

Face aos imperativos do mundo contemporâneo, onde o imediatismo e a velocidade da informação tomam espaços antes dedicados à concentração, a literatura resiste como encontro, contemplação e reinvenção. O trabalho modelar desenvolvido pelo Sesc São Paulo na área de Literatura e Bibliotecas parte de três eixos orientadores, que incentivam a leitura e a formação de leitores, valorizam a produção literária e a cadeia do livro e exploram novas formas de expressão da palavra, em diálogo com diferentes suportes e linguagens artísticas.

A publicação da revista *Palavra* demonstra parte desse esforço articulado em âmbito nacional para potencializar a difusão e a circulação das manifestações literárias. Os conteúdos apresentados valorizam a experimentação com a linguagem e a diversidade, refletindo inquietações e experiências nascidas da liberdade criativa e que ganham o campo da educação para a sensibilidade.

Fortalece-se, assim, a empatia, ao propor o contato com diferentes perspectivas, ampliando visões restritas sobre a realidade. Trata-se de celebrar a criatividade humana e reafirmar o direito de fabular, muitas vezes ofuscado pela urgência pragmática do presente. Mais do que um exercício de imaginação, um compromisso com a potência das palavras e sua capacidade de transformar, de alguma maneira, o mundo.

LUIZ DEOCLECIO MASSARO GALINA

Diretor do Sesc São Paulo

Escrita, corpo, identidade

Como a arte pode contribuir para a compreensão da noção de corpo e da opressão sobre a sua existência? Como os corpos delineiam o mundo em que vivemos? É possível escrever sem partir da própria existência? A escrita é capaz de constituir uma forma de resistência à opressão aos corpos? Como a escrita pode fortalecer a concepção de que corpo também é identidade?

Esses foram alguns dos questionamentos com os quais nos confrontamos para pensar a presente edição da revista *Palavra*. Diante da opressão de gênero, das estruturas e mecanismos de racismo, da xenofobia e das relações de poder e de classe social, em que o corpo é tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada, nos indagamos de que forma ele está presente na literatura e como a escrita pode expressar suas experiências e transformar tais dinâmicas sociais.

Em um contexto de caráter hegemônico, corpos dissidentes são muitas vezes invisibilizados por meios de controle e normatização. Assim, suas vivências, subjetividades e desejos se veem impossibilitados de serem representados em uma esfera cultural restrita a determinados valores e estéticas. A literatura, assim como outros meios de expressão, é campo fér-

til no descortinamento da diversidade que configura sociedades livres e dignas e é também um laboratório capaz de engendrar criações em consonância com a pluralidade de vozes que ocupam e definem o tempo presente.

O número 13 da revista *Palavra* apresenta 29 artistas de diversos estados brasileiros, etnias, culturas e sotaques os mais variados, reunidos para oferecer um panorama da literatura brasileira contemporânea. As inquietações mencionadas acima tiveram como frutos os seguintes enunciados: “É possível escrever sem partir de si?”; “Há sempre um copo de mar para uma pessoa navegar”, inspirado em Jorge de Lima; “A quem pertencem minhas palavras?”; e “A política é escrita por quem escreve”.

A partir dos enunciados, as escritoras Eliana Alves Cruz, Geni Núñez e Marcia Tiburi produziram ensaios em que abordam sob diferentes perspectivas a relação dos corpos com a literatura. A edição conta ainda com textos inéditos do poeta Carlos de Assumpção, das quadrinistas Helô D’Angelo e Carol Ito, do escritor paraense Airton Souza, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2023 na categoria romance e, de Bethânia Pires Amaro, vencedora na categoria conto, além de autoras e autores participantes do Arte da Palavra 2024, projeto de circulação literária promovido pelo Sesc.

Na pluralidade de poemas, contos, quadrinhos e crônicas, percebemos uma multiplicidade de olhares para diversos corpos, identidades e manifestações, e criamos as seções da revista divididas em diferentes abordagens: Corpo-Identidade, Corpo-Território, Corpo-Político e Corpo-Ancestral, alinhavadas pelas ilustrações da artista Carol Fernandes.

Ótimas leituras!

DIOGO BORGES

MARIANA MARQUIORI

MARCO ANTONIO ROSA JUNIOR

THAÍS HEINISCH

TIAGO MARCHESANO

Curadores

Modos de palavrear

Em nossas mãos temos textos que se entrelaçam por eixos temáticos, que propõem roteiros de leitura pelos quais as pessoas que escreveram partilham criações acerca de corpos, vozes e expressões em constante (re)configuração. São narrativas que também comentam a experiência de quem escreve. Contudo, podem ser vistas como espelhos em que nós, pessoas leitoras, a cada página, vemos refletidas histórias e corpos como os nossos.

Fomentar a leitura e a troca de impressões a partir destes textos poderá estimular o alargamento de discussões e reflexões sobre possíveis entendimentos do corpo e suas representações e, sobretudo, o que a literatura tem a dizer sobre isso. Uma experiência literária que mergulha na diversidade das formas de escrever sobre temas que nos atravessam e nos habitam.

A seguir, apresentamos algumas maneiras de explorar os conteúdos da revista *Palavra* coletivamente, a partir de encontros, atuando como pessoa mediadora ou educadora, em ambientes de educação formal ou não formal, em casa com as crianças, em encontros com pessoas amigas ou onde mais couber a leitura e a literatura compartilhada.

Clube de Leitura: Escolha um bloco temático para navegar. Aprofunde a leitura, tecendo observações ou inquietações. Convide outras pessoas para o encontro do clube e conduza a conversa de modo que os participantes possam se expressar. Sugira trechos para serem lidos em voz alta por aqueles que desejarem. Reflitam, comentem o trecho. Sigam para outro e mantenham a roda em constante rotação.

Sarau: Escolha um ou mais blocos temáticos e uma data para o encontro do grupo que participará do sarau. Não é necessário que os textos sejam lidos previamente. No dia agendado, cada participante seleciona um ou mais trechos/textos para serem lidos em voz alta. As leituras podem ser performáticas, dramáticas ou da forma que as pessoas se sentirem à vontade. Na voz, o texto ganha um novo corpo. O sarau ganha corpo com diferentes vozes.

Mediação de Leitura: Selecione textos dentro de um ou mais blocos temáticos. Não é necessário que o grupo de pessoas participantes tenha realizado a leitura previamente. Durante a atividade, é possível propor uma leitura compartilhada, em que cada pessoa leia trechos dos textos. Além dos textos, informações sobre as autorias tornarão a ação mais interessante se forem apresentadas, assim como outras informações sobre o assunto da criação podem auxiliar na contextualização da obra. Explore as narrativas gráficas, as HQs possibilitam ótimas experiências e debates em uma sessão de mediação. Após a leitura, cada participante pode apresentar suas impressões e opiniões.

Roda de Conversa: Os ensaios iniciais da revista *Palavra* são oportunidades para estimular rodas de conversa. Partindo desses textos de vieses teóricos, é possível realizar debates sobre temas e assuntos de relevância no presente, estimulando a reflexão e a troca entre as pessoas envolvidas. Uma variação desse formato de encontro são as Rodas de História e Conversa, em que os ensaios podem combinar-se à leitura dos textos literários, agregando outras provocações à discussão.

EQUIPE DE CURADORES

CORPO-IDENTIDADE

CORPO-TERRITÓRIO

CORPO ANCESTRAL

CORPO POLÍTICO

—

A palavra encarnada do corpo

ELIANA ALVES CRUZ

Vou escrever este texto na primeira pessoa do singular, pois não há como separar o corpo que tecla estas palavras e frases do seu pensamento e da sua experiência de vida sobre a Terra. Com estas poucas linhas eu poderia dar por encerrada minha especulação sobre a possibilidade de apartamento das manifestações artísticas humanas da própria existência dos sujeitos, porém, sigo.

Eu, mulher preta descendente majoritariamente de pessoas negras africanas, nascida em um continente de nome América, em uma cidade no Sudeste do país chamado Brasil e falante de uma língua latina, não tive a escolha de despir todas essas especificidades (e uma infinidade de outras!) em nenhuma circunstância da minha vida. Seja no mercado de trabalho, em viagens pelo mundo, nas questões mais cotidianas da existência. A pergunta que se põe é: por que na literatura seria ou deveria ser diferente? Sinceramente, nem ao menos tentei esquecer que meu corpo existe enquanto crio histórias.

Acredito que este problema – o do corpo de quem escreve influenciando ou não o resultado da



escrita – é um “não problema”, uma questão que leva a uma enorme perda de tempo e energia, posto que é infrutífera e insolúvel. Não creio em neutralidades nem mesmo “quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos e encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso”. Aliás, principalmente.

Quem é Gregor Samsa, se não um homem real e torturado por uma sociedade igualmente atormentada, que precisa encarar suas monstruosidades, a visão monstruosa que ele imagina que os outros têm dele, por conta de uma autoimagem prejudicada? O que seria do surrealismo da obra *A metamorfose* sem o tempo distópico e a identidade de Franz Kafka?

A obra do autor tcheco é apenas uma ilustração da minha tamanha crença na força das palavras, justamente porque leva em conta este derramamento de humanidades em formas de narrar, esta mescla de quem cria com o que é criado.

O texto de um alienígena descrevendo a Terra vista do espaço seria todo um espelho dele mesmo justamente pela frieza do distanciamento, logo, é possível que exista a neutralidade de uma visão do “lado de fora” do corpo para produzir algo que se faz justamente com ele?

Feitas essas primeiras especulações, que me perdoe grande parte dos filósofos e pensadores que por séculos buscaram definições e enquadramentos entre corpo, alma e espírito. Não posso fazer-lhes companhia. Reconheço como necessárias as reflexões. Elas espelham o nosso caminhar ao longo das eras e a busca da humanidade por explicações sobre a sua natureza, mas volto ao pronome “eu”. Não me contempla o pensamento dualista que tanto influenciou inúmeras religiões e que separa corpo e espírito, trevas e luz, vida e morte, Deus e mundo; ou de corpo espelho da alma ou ainda daquele que suprime alma para privilegiar o corpo. O professor Muniz Sodré, no livro *Pensar nagô*, diz:

Corpo não se entende, portanto, como um receptáculo passivo de forças da alma, consciência ou da linguagem, a exemplo da síntese teológica, segundo a qual corpo é a carne possuída pelas palavras que nele habitam (...). Assim, o corpo faz a mediação, seleção e organização de todas as forças que atuam nele, assim como os estímulos recebidos pela ordem social e cultural.

Sendo assim, entendo que Sodré afirma o corpo como um dos centros de interpretação das ocorrências da vida e com isso, sim!, consigo me conectar. Minha crença é a de que elaboramos a existência a partir da esquina em que estamos localizados no mundo, ainda que por oposição e estranhamento, como o alienígena escrevendo sobre o planeta Terra. Nunca por neutralidade.

Voltando à formulação de Muniz Sodré, de que o corpo não é apenas um receptáculo de forças que atuam sobre ele e sem vontade, mas, ao contrário, ele é a própria encarnação e materialidade das palavras, não posso deixar de lembrar uma pesquisa recente que fiz para uma futura obra, sobre ferreiros africanos de séculos passados. A preciosidade do ofício desses homens para as comunidades era tanta que eles eram membros especiais dessas sociedades e viajavam por toda parte como comerciantes e também como enviados para estabelecer relações políticas.

Nesses deslocamentos aconteceram trocas e convivências que geraram novos hábitos, crenças, enfim, enriquecimento de culturas. Esse movimento de corpos em ação gerou obras de arte, histórias e memória, que é onde está assentada uma grande – se não a maior – guerra de todos os tempos. Quais corpos são os protagonistas do presente e, no futuro, representarão os protagonistas do passado? Quem terá a primazia de figurar como influente sobre a massa que move as engrenagens e garante a manutenção dos poderes constituídos?

Em face dos dilemas e desafios impostos pelo tempo presente, a arte frequentemente questiona, afronta, confronta, elabora e propõe compreensões sobre a noção de corpo e a opressão sobre a sua existência. Ela questiona protagonismos e subalternidades ou reafirma essas posições, visto que ninguém cria ou escreve em outro lugar que não seja a partir da própria existência. Na tarefa de escrever, tudo é e ao mesmo tempo não é sobre quem escreve.

É o corpo, com suas contradições e anseios, que determina o cotidiano por seus movimentos, inações, pelo dito e o não dito. Aliás, nada mais presente do que o silêncio. Autorias que pensam estar imunes a pensar, citar, referenciar ou questionar a sua própria existência ou o contexto social em que vivem não falam, gritam sobre o descompromisso que revela um casamento com o descolamento da condição

humana. A tentativa de neutralidade é cômoda e, sob algumas perspectivas, covarde. No entanto, ela não resiste a si mesma.

A reflexão de Judith Butler sobre abjeção é extensa e profunda, porém em suma ela elabora como corpos que estão em minorias ou em majorias minorizadas são colocados no lugar de objeto e do repugnante e, por isso, devem ser eliminados simbolicamente e literalmente. O grotesco não pode e não deve sobreviver.

Pensando nesse conceito e falando como uma autora negra, observo que de longa data propuseram o pensamento sobre nossas vidas no país e no mundo. Na guerra da memória que se perpetua pelas obras literárias, onde nós, corpos por longos séculos considerados inumanos, estávamos e estamos?

No passado brasileiro, Maria Firmina dos Reis e Teixeira e Sousa, passando por Luiz Gama, Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Souza, são alguns nomes que desde o século XIX se comprometeram em seus enredos recheados de contextos econômicos, políticos e sociais, com as grandes questões nacionais. Porém, para além disso, apontaram holofotes para essas vidas vistas como objetos abjetos. Seus escritos trazem um direito conferido apenas a quem é considerado humano: subjetividade.

Quando uma autora como Conceição Evaristo coloca nas prateleiras a obra *Olhos d'água*; ou Ana Maria Gonçalves, com seu *Um defeito de cor*; Jefferson Tenório e Itamar Vieira Junior com, respectivamente, *O avesso da pele* e *Torto arado*; ou mesmo eu, Eliana, com *Água de barreira*, *O crime do cais do Valongo* ou *Solitária*, obviamente há um e muitos corpos que querem o direito humano citado no parágrafo anterior. Pessoas que não são e ao mesmo tempo são todos e todas nós.

Saindo da questão da negritude, o mesmo se verifica quando uma autora como Amara Moira, escritora trans, cria o romance *Neca*, inteiro na língua bajú-bá, falada e criada pelas travestis com forte influência de palavras e expressões em iorubá popularizadas em terreiros de candomblé.

Aqui chegamos em outro ponto crucial sobre a impossibilidade de abstenção: a forma. As escolhas semânticas, gramaticais, metafóricas, estruturais e afins falam sobre quem escreve e essas marcas são como pegadas ou impressões digitais. Quem não busca ocultá-las enriquece a literatura e se torna temunha

relevante do seu tempo. Considerando que a realidade é mutável, fluída e relativa segundo o ponto de vista de quem observa, também poderíamos questionar o que é, afinal, fabulação.

É comum ouvir declarações de autores e autoras exaltando o caráter “salvador” da escrita. São falas que estão a léguas de distância do sentido religioso e perto do significado literal que ela possui. Um livramento da morte a que são condenados os “corpos abjetos” que, quando não são eliminados pela violência, são suprimidos em suas vivências, histórias, pertencimentos e, mais uma vez, memórias. Escrever é uma poderosa forma de continuar vivo sem negar, mas afirmando o corpo.

Em *Olhos d'água*, Davenga e Ana Davenga são um casal que exala desejo, afeto e amor em meio a uma vida marcada para ser ceifada pela violência.

Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga, Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa.

Quem, além de uma pessoa profundamente marcada por um corpo usualmente visto fora da chave do amor e do afeto, acostumado a ser relacionado com os aspectos menos romantizados da pobreza, escreveria com tamanha poesia a humanidade de um homem negro como Davenga?

Em um trecho de *A oração do carrasco*, Itamar Vieira Junior, autor negro, nordestino, mestre em geografia e profundamente ligado às questões de terra no Brasil, pois é servidor público no órgão criado para lidar com a reforma agrária, o Incra, escreveu:

O pai dá um machado para o filho com seu corpo frágil. Ele se equilibra para segurá-lo. Seus onze irmãos estão à volta e esperam em silêncio que o pai ordene a sentença. Há um irmão que olha com assombro. Outro com arguta curiosidade. Há outro irmão que pisca os olhos com aparente nervosismo. Outro coloca a mão na frente para sombrear o olhar que se mistura à luz do sol. Há uma irmã que tem uma ínfima lágrima repousada em um de seus olhos. Dois irmãos estão muito próximos e são quase um, as sombras se fundiram no chão de terra seca. Outro irmão tem a boca entreaberta e a saliva brilha como a seiva de uma planta. Outra irmã, tão decidida e forte, nem pisca. Outra irmã tem os cabelos grossos com sua oleosidade impregnada do barro suspenso na atmosfera. Outro irmão é apenas uma alma atenta e nenhum dos outros o podem ver, nem mesmo sua sombra sobre a terra.

O pai, os filhos e o próprio autor são possuidores de corpos que se inscrevem no vasto círculo dos que precisam encarar ondas contrárias para existir, e a escrita é uma casa onde essa existência é possível de ser elaborada sem pressa e medo, sem perigo de ser descontinuada, como um texto inacabado que poderia ser algo que nunca foi e jamais será.

Machado de Assis, um homem negro nascido no morro do Livramento, com uma das subidas de frente para o complexo escravocrata que era o Valongo, na zona portuária do Rio de Janeiro, escreveu no conto *Pai contra mãe*:

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fugiões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste

grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade.

A ironia mesclada ao relato quase jornalístico sobre os métodos de castigos, as torturas e as motivações de quem fugia e quem procurava os fugitivos e o caráter mercantil de tanta crueldade, não fala sobre um autor que nasceu mergulhado nisso?

Ficariamos por longas páginas citando exemplos e demonstrando as conexões entre a arte de escrever e os corpos que a produzem, mas prefiro encerrar este pequeno ensaio respondendo a uma das perguntas propostas para este texto: a escrita é capaz de constituir uma forma de resistência à negação do corpo?

Escrever é conjurar, e conjurar é tramar outros finais de enredo para as palavras que encarnam os corpos, evocando outro tempo que há de chegar.

Além do corpo e alma

GENI NÚÑEZ

O mundo deles é quadrado, eles moram em casas que parecem caixas, trabalham dentro de outras caixas, e, para irem de uma caixa à outra, entram em caixas que andam. Eles veem tudo separado, porque são o Povo das Caixas...

(frase de um pajé do povo Kaingang, recolhida por Lúcia Fernanda Kaingang) – monocultura

Há muitas perspectivas possíveis para se pensar o que seria corpo, e neste ensaio pretendo abordar essas questões a partir de uma leitura contracolonial, que tem na crítica ao binarismo um de seus pilares.

Na primeira parte do texto, irei discutir brevemente como os pensamentos platônico e aristotélico influenciaram o cristianismo, ideologia dominante em nosso contexto. Na segunda parte, trarei alguns contrapontos indígenas. O objetivo não é encerrar o debate, mas expandi-lo.

Quando as manchetes anunciam “corpos foram encontrados”, uma das primeiras associações que se faz é com a morte. Uma das influências dessa pressuposição é o platonismo cristão, que se estrutura por meio de divisões binárias como corpo e alma, céu e inferno, razão e emoção, humano e animal, natureza e cultura, dentre outras. Nesse contexto, corpos seriam um mero invólucro que hospeda a alma, a mente ou o espírito, assim como esta vida seria apenas passagem para uma verdadeira, futura e eterna.

Para compreender como esse discurso foi formado, é importante retornar para suas inspirações.



No livro *Genealogia da moral*, Nietzsche explica que o cristianismo empresta do platonismo alguns pressupostos. O platonismo foi uma corrente filosófica grega criada por Platão (428 a.C.–348 ou 347 a.C.) e seus seguidores, que tinha entre seus fundamentos a ideia de que haveria dois mundos; essa oposição entre esses mundos, o real e o ideal, o das ideias e o sensível, é articulada de maneira particular, mais tarde, pelo cristianismo. Nietzsche comenta que, dentre esses pressupostos e fundamentos, um dos principais seria justamente esta oposição binária entre o mundo real e mundo ideal, mundo perfeito e imperfeito. No contexto do cristianismo, no lado perfeito estariam o céu, a alma e a imutabilidade. Já na parte imperfeita estariam a Terra, a carne, o corpo, a mudança. Enquanto no céu haveria a eternidade, na Terra haveria limitações, transformações, modificações. Isso traz a oposição entre tempo (imperfeito) e eternidade (perfeito), como explica o professor Roberto Machado em seu livro *Nietzsche e a verdade*.

Para Platão, o tempo seria uma espécie de imitação fraca da eternidade, uma vez que, enquanto



o tempo estaria sujeito à fluidez, a eternidade seria ideal por sua fixidez e imutabilidade. Com isso, os povos que, ao invés de desvalorizar a vida por sua mutabilidade, valorizam-na precisamente por isso, são vistos como pouco evoluídos, atrasados, subdesenvolvidos.

Nas palavras de Maria Helena Oliva Augusto, em Platão, o tempo

é contraposto à ideia de eternidade. (...) no mundo inteligível, as verdades eternas, necessárias, imutáveis e, no mundo sensível, justamente o mundo dominado pelo tempo. A eternidade não é uma forma de tempo; a eternidade aparece, em Platão, como a negação do tempo. O tempo existe no mundo sensível como o lugar da passagem, o lugar daquilo que não permanece, como o lugar da geração e da corrupção, como o lugar do aparecer e do desaparecer; enfim, como o lugar em que nada é permanente. (...) Contra esta ideia de tempo, ligada ao mundo sensível e, portanto, ao mundo das aparências, Platão vai contrapor a imagem de eternidade como a negação do tempo.

Nessa conjuntura, que estabelece como critério fundamental a falta de mudanças, a experiência da alegria, da serenidade e do contentamento se vê prejudicada. Afinal, não há como a vida se harmonizar com a utilização de valores imutáveis, transcendentais e universais quando ela é o oposto disso.

Ainda nesse fio de pensamento, haveria um único criador e o restante seriam apenas criaturas que não seriam capazes de criação, invenção e produção da vida (daí também deriva a demonização de qualquer arte que não tivesse o objetivo de louvar esse deus). Antes comentei o pensamento platônico, agora retomo algumas reflexões do pensamento aristotélico, escola filosófica grega protagonizada por Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.), que tinha como um de seus fundamentos a ideia de que todas as coisas do mundo teriam uma finalidade superior. Essa corrente filosófica também foi parcialmente apropriada pelo cristianismo, em um movimento de atualização que tomava de empréstimo estas duas grandes correntes filosóficas (platonismo e aristotelismo) como inspiração para o que ficou conhecido como patrística e escolástica. A patrística teve como maior representante o filósofo cristão Santo Agostinho, que partia do pensamento de Platão, já a escolástica teve como maior representante o filósofo cristão Tomás de Aquino, que partia de Aristóteles. Por isso, para compreender as transformações históricas na ideologia cristã é inescapável compreender suas bases. Tomás de Aquino propunha a ideia de que deus seria algo como o primeiro motor imóvel, aquele que move tudo e todos e não é movido por ninguém, por isso deus teria criado o tempo. Com isso compreendemos que a divisão passado, presente e futuro é criacionista, ou seja, precisa de uma figura que inaugure o tempo, que seja anterior ao passado e superior ao futuro. Nessas divisões, para se aproximarem de deus, da alma e do céu, as pessoas precisariam se afastar da Terra, do corpo, de si mesmas, de tudo aquilo que, de alguma forma, fosse “tentador”. É por isso que o desenvolvimento, até mesmo pelo seu prefixo “des”, é um projeto de afastamento, de distanciamento da terra, do corpo, da sexualidade, pois esses são compreendidos como falhas e fraquezas.

Esses binarismos coloniais não deixam de ser atravessados pelo racismo. Quando Fanon (1968) discute a compartimentalização do mundo colonial, compreendemos que esse recorte vai desde as noções

racializadas de mente e corpo – relação na qual a pessoa branca seria correspondente à mente, enquanto pessoas não brancas, ao corpo – até à própria relação binária entre natureza e cultura, selvagem e civilizado, humano e animal. Se aí o que distingue o humano dos demais bichos é a capacidade de pensar, a pressuposição é que pessoas negras e indígenas seriam menos humanas por seu suposto afastamento da dimensão mental e sua proximidade ao domínio do corpo. A partir do momento em que o branco é tomado como representante universal do humano, o subtexto complementar dessa premissa é que “quem não for branco não é tão humano assim”. Se compreendemos a violência do racismo como assente na desumanização, é indissociável desse movimento a animalização do não branco, outrificado. Fanon resalta que na própria linguagem do colonizador essa animalização é assídua, em outros termos, ele se utiliza de uma “linguagem zoológica” para descrever o colonizado, associado ao “bestiário”.

A monocultura (da fé, da sexualidade, dos afetos) não admite concomitâncias, pois é binarista, então não temos corpo e mente, mas corpo ou mente, não somos humanos e animais, mas humanos porque não seríamos também bichos, e assim por diante. Como constrói suas identidades de forma parasitária, para se afirmar civilizada, a sociedade dominante precisa de nós, indígenas, como seu contraste selvagem; para se narrar como uma nação da ordem, do progresso e do desenvolvimento, a nação colonizadora precisa de nós como representantes do atraso, do subdesenvolvimento. Como assinala Fanon, não existe um Terceiro Mundo sem a invenção da Europa, pois há uma íntima correlação entre a inferiorização do primeiro e a superiorização da segunda. Pautamos a necessidade de uma luta anticolonial, contracolonial, porque não é possível que a monocultura coexista com a floresta se ela só se afirma pela negação da outra.

Nesse sentido, não se trata aqui de negar o humano para posicionar o animal, isso seria parte do mesmo equívoco, mas de repensar outras possibilidades de encontro e desencontro com as singularidades entre os diversos seres. Desmantelar lógicas binárias não significa simplesmente posicionar um de seus polos, mas questionar sua própria construção, ou seja, se há uma divisão entre corpo e mente, não é suficiente criticar a mentalização e elogiar o corpo, propondo

a centralização deste último. Da mesma forma, se há uma divisão entre natureza e cultura, não basta defender uma contrastando-a com a outra, pois, como dizia Frantz Fanon, quando o branco atribui a si a mente e ao não branco o corpo, ambas as associações são equivocadas, afinal, nem a pessoa branca é apenas a mente, nem a pessoa não branca é apenas corpo.

A saída da crítica à elevação da alma contra o corpo não me parece ser, simplesmente, a inversão dessa equação, mas seu desmantelamento. O mesmo vale para os demais binarismos, não basta criticar a cultura e passar a louvar a natureza, pois isso também é fruto da divisão binária. Como disse Alberto Caeiro¹ (1946):

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

A obsessão em transformar as partes em um todo coerente é central na tradição eurocristã hegemônica (embora também possa estar presente, de outras formas, em outras narrativas). Essa vontade de estabilidade e imutabilidade cria a necessidade de um deus com essas características (supostamente perfeitas) que faltariam aos humanos (imperfeitos).

Essa busca tenta dar um sentido transcendental à existência, como se, juntas, as partes obedecessem a um todo coerente que as organizasse. Essa vontade é fruto da dificuldade de sustentar a falta desse sentido, a falta de uma ordem, origem, destino, justiça ou predestinação. E nisso se tenta acreditar que “tudo ocorre por um motivo” que estaria por trás e para além da compreensão humana. Isso parece mais fácil que cogitar e afirmar que o sentido das coisas e do mundo, se é que existe, não é centrado no humano e muito menos é único.

Em uma perspectiva nietzschiana, compreendemos que “a ciência nem se opõe à moral nem pode ser sua superação porque não apenas tem as mesmas

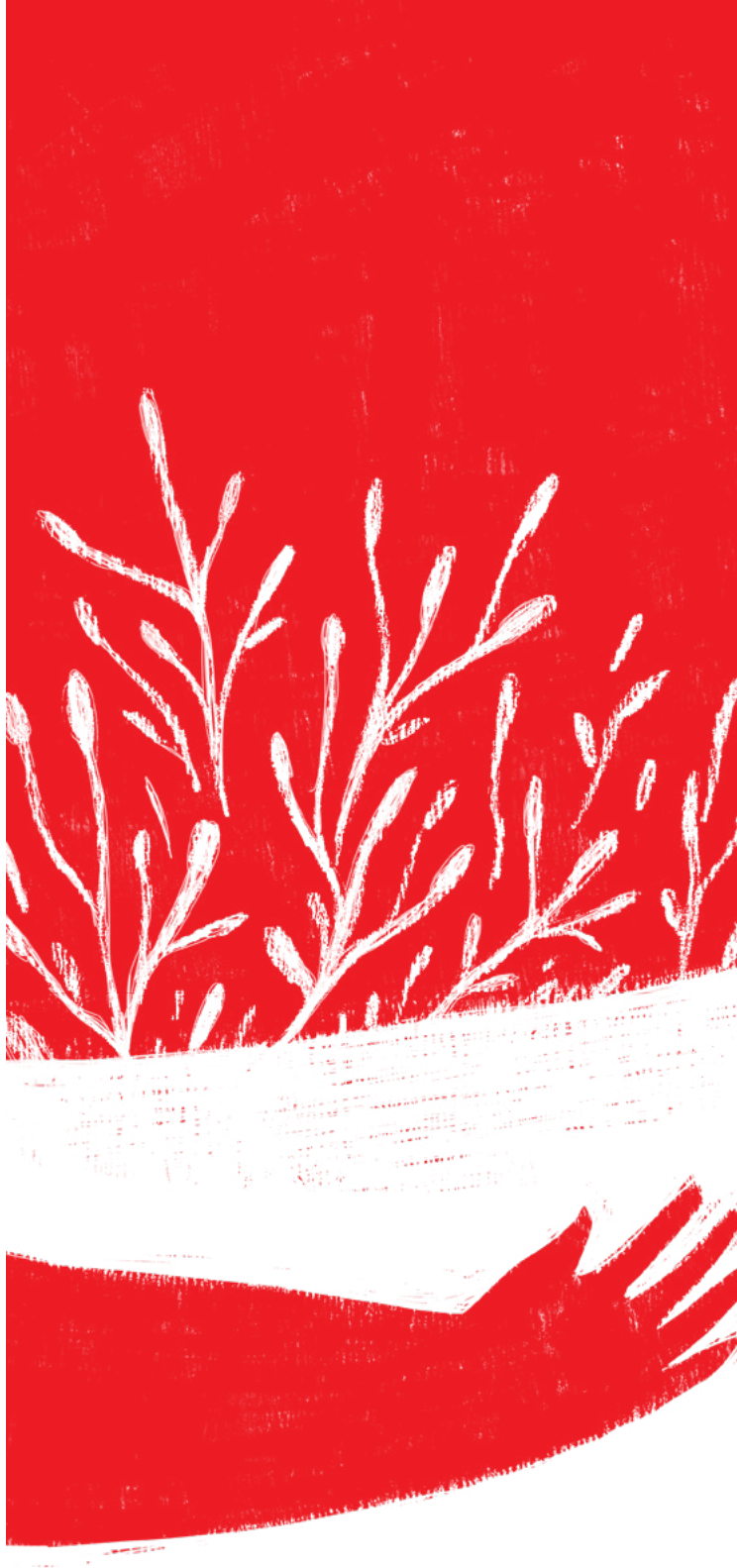
bases que ela como é a última etapa de seu aperfeiçoamento; (...) ainda que de modo inconsciente, são os valores morais que reinam na ciência”. O ponto principal de união entre ciência e moral seria “a mesma superestimação da verdade (a mesma crença no caráter inestimável e incriticável da verdade)”. Essa obsessão com a verdade é reflexo da oposição à verdade-aparência, uma vez que “não há ciência sem o postulado, sem a hipótese metafísica de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade tem mais valor que a aparência, a ilusão”. Portanto, a substituição de Deus pelo Humano ou da Alma pelo Corpo não muda o essencial, que é a falta de questionamento sobre a legitimidade dos valores morais como ponto de partida. É justamente esse tipo de crença moral que tem inspirado tantos autores à universalização de suas verdades.

Se, ao contrário da Ciência e da Religião, a arte pode querer algo mais que buscar a verdade, então corpo-mente-alma também pode compor uma experimentação sem origem e sem destino, sem causa nem efeito, sem desejo de progresso, desenvolvimento ou eternidade.

Em nossos povos indígenas, onde não há essa concepção de tempo como falha da eternidade, as mudanças podem ser honradas e celebradas. Compreendemos que, assim como as plantas podem ter suas sazonalidades, nós também vivenciamos nossos ciclos, todos eles têm seu valor, sua força e sua beleza. Morte e vida, nesse contexto, são termos insuficientes.

Entendemos que nosso corpo-mente-alma não é uma unidade linear e fechada em si mesma, pois, para que possamos existir, há milhões de seres, de micro-organismos que coexistem conosco. As teias que nos conectam aos demais seres criam uma grande rede de interdependências, e nelas todos aqueles que respiram também são um pouquinho de vento, todos os que bebem água também são um pouquinho de rio, e assim por diante. Dessa maneira, quando nos tornamos minhocas, por exemplo, não há nesse fim uma vergonha ou humilhação, afinal, a existência de uma minhoca é tão preciosa quanto a de um vagalume, quanto a de uma estrela, e assim se segue em espiral infinita.

Sandra Benites Guarani assinala que, em perspectivas guarani, a descentralização do humano é fundamental e que esse aprendizado sobre outras formas de existência não tem uma receita pronta, pois é caminhando e vivendo que se aprende. Em suas



palavras, só assim “conseguimos, de fato, abraçar o mundo. E, na verdade, quando digo abraçar o mundo, me refiro, literalmente, ao chão e às pessoas, ao modo como elas devem enfrentar algo imprevisível. Estou falando, então, sobre saber pisar no chão”. Ela lembra que não indígenas tentam invalidar nossas práticas, dizendo que somos atrasados, atitude que acontece

porque nos colocam em um lugar de inferioridade, não entendem como nós pensamos e vivemos. Com isso, digo que atrasado é aquele que não sabe abraçar o mundo – abraçar, inclusive, o mundo do outro –, que não sabe nem procura sequer saber sobre o outro e se acha melhor porque pensa diferente.

Uma folha que antes era verde e agora é marrom não é uma existência menos válida por isso. As mudanças, as transformações não rebaixam a vida, exaltam-na. Como nos ensina o filósofo guarani Timóteo Popygua, em seu livro *A terra uma só*, nós, guarani, vivemos “em círculos, orientando-se através dos ciclos da Natureza, tendo a consciência de que nosso planeta é redondo. E que o universo é expandido em anéis pelo infinito”. Assim, o tempo do instante vale o mesmo que o da eternidade.

Se, assim como as plantas, também temos nossas sazonalidades, lembro aqui um tipo de vegetação, conhecido como caducifólias, que são plantas que, no inverno, ficam sem folha nenhuma, para poupar energia, e depois florescem novamente. O nome delas vem de *caduco*, que significa “cair”, deixar descer, ir. Nesse processo de deixar ir, cair, nesse processo de envelhecer, que possamos honrar não a eternidade, mas o tempo que circula de modo espiralar. Nesse tempo, o instante e o primeiro respiro de vida valem tanto quanto o último – que também é o primeiro de outras tantas transformações, em minhocas, em ar, vento e terra, que, como lembra o parente Casé Angatu Tupinambá, não é o que temos, mas o que somos.

Quem faz a vida acontecer não é o criador, mas as criaturas que a inventam, e a arte talvez seja o meio mais bonito de fazê-lo.

1 Alberto Caeiro é um dos mais importantes heterônimos de Fernando Pessoa.

Do corpo ao texto das mulheres

Um breve ensaio sobre autodevolução

MARCIA TIBURI

Hiato, oco, morte. Foi a isso que Clarice Lispector se referiu em entrevista um pouco antes de morrer, em 1977, para falar sobre os momentos em que não estava escrevendo. A escritora de *A hora da estrela* fala de seu cansaço e sua tristeza naquele momento, menciona sua timidez ousada, conta da surpresa de saber que sua mãe escrevia poesia e da liberdade de escrever que ela queria garantir diante de uma escrita profissional que ela nunca desejaria assumir.

A solidão da escrita, da casa da escritora, o silêncio em torno de quem escreve. É sobre isso que Marguerite Duras falará ao se lembrar do encontro único que teve na casa em que viveu enquanto esperava Robert Antelme voltar do campo de concentração de Dachau: é o encontro com a escrita. Escrever, ela dirá, foi a única coisa que habitou a sua vida, que a encantou e que nunca a abandonou.

Escrever, viver, se ver. A partir desses verbos Conceição Evaristo inventa a expressão “escrevivência”, resgatando a escrita das mulheres africanas que contavam histórias de dormir para os filhos da casa-grande. Borrando uma imagem do passado num salto hermenêutico, Evaristo explica que essas mulheres

já eram donas de sua escrita. Provocação poética, escrita-denúncia, soco incômodo nos racismos acomodados, é assim que ela revê o horror da escravização com um traço que a liga a mulheres antepassadas. Esse traço deriva de um reconhecimento. São rastros de mulheres interrompidas em suas existências, percebidos por alguém que, desenhando uma linha que vai do presente ao passado, desvela um sentido e, escrevendo a partir das outras, refaz a sua própria história. Escrever a si mesma pode ser um destino.

O trabalho da escrita

A história das mulheres é feita de rastros, de cacos esparsos, de fragmentos e apagamentos. Como disseram os historiadores franceses Michelle Perrot e Georges Duby, a história das mulheres é uma história de esquecimento. Escrever, para as mulheres, sempre foi uma conquista. Sem jamais ser um direito natural como foi para os homens, esse recurso chegou às mãos de algumas mulheres por meio de astúcias, aca-sos, paciências e persistências. Por meio de escritas resgatadas do passado, sabemos hoje que as mulheres estiveram vivas, tensas, lúcidas, preocupadas, indignadas, pensantes, inquietas.

Não sabemos exatamente o que Safo ganhava escrevendo, mas, séculos depois, desde o irônico ensaio intitulado *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, sabemos que uma escritora precisa de uma casa e de dinheiro para poder se dedicar ao seu ofício. Safo foi uma mulher reconhecida até mesmo por misóginos do seu tempo. De sua obra resta um bom conjunto de registros – mais do que de muitos homens da Antiguidade, bem mais incensados do que ela, às vezes com suas obras de uma linha. Da Antiguidade, sabemos que Aspásia escrevia e ensinava a escrever muito antes de se casar com Péricles e passar a compor os discursos pelos quais seu marido brilhava no poder. Já na Idade Média, Christine de Pizan sustentou a família com seus textos depois de ter ficado viúva, e no século XVIII Mary Wollstonecraft sobreviveu de sua escrita, além de aulas particulares, pois, vinda de uma família pobre, mas não ignorante – e que, por isso, não a deixou sem educação –, ela podia realizar trabalhos intelectuais interditados às mulheres, confinadas em casa como esposas. O acesso à educação sempre foi uma luta das mulheres; e escritoras, como Carolina Maria de Jesus, ajudaram a dar saltos no processo histórico em que a

escrita sempre foi um trabalho nos mais diversos sentidos. Infelizmente, ainda hoje meninas e mulheres são impedidas de estudar em vários países do globo terrestre, em geral administrados por fundamentalistas religiosos que dependem da ignorância e da submissão feminina para sustentar seus privilégios e, inclusive, o gozo das violências simbólicas e físicas que praticam.

O direito a escrever

Além do casamento, ou, em certos contextos, do convento, nunca houve alternativa para os corpos heterodenominados *mulheres* ao longo da história patriarcal. Esse corpo tinha destino assegurado no sistema. As mulheres nasciam para servir às famílias, para procriar, para trabalhar, para agradar. É bom lembrar, com Simone de Beauvoir, que o nascimento das meninas nunca foi celebrado. Elas sempre valeram menos que meninos aos olhos das famílias, sempre ocuparam um lugar “inessencial” e secundário na sociedade como um todo. Elas nunca tiveram o direito a transcender o lugar pré-traçado para elas, o que vale ainda nos dias atuais. A forma social homem – branco e europeu – é o grande valor no capitalismo, o capital em si, ele é o corpo e a existência aos quais tudo deve servir. Criados para o serviço, como “Sofia” que deve servir ao “Emílio” de Rousseau, os corpos femininos não teriam o direito de escrever, independentemente do sentido ou do fim a que se destinava sua escrita, pois a posição de um sujeito do conhecimento e da liberdade consubstancial à atividade de escrever sempre foi negada às mulheres.

Poucas mulheres tiveram a sorte ou o privilégio de serem alfabetizadas e, em sendo, de fazer uso dessa habilidade sem que fossem desabonadas estética e moralmente, pois, nas regras heterossexuais ao longo da história da produção ideológica de gênero, as mulheres que fizessem um uso criativo ou livre da linguagem eram constantemente execradas por não estarem de acordo com a norma. No século XVIII, filósofos importantes como Kant diziam que a uma mulher que tivesse a “cabeça entulhada de grego” ou que travasse “disputas profundas sobre mecânica” só poderia faltar uma barba, numa argumentação que visava impedir que as mulheres se dedicassem a pensar reflexivamente, exercitando assim a liberdade do pensamento que era mantida como apanágio masculino. A *mentis imbecillitas* sempre foi parte da retórica dos homens contra as mulheres em um jogo de marcação sobre o corpo.

A agressividade e a hostilidade contra as mulheres por parte de homens posicionados no lugar de autoridades pensantes sempre foi comum. Pensadores da política, como Thomas Hobbes e Jean Bodin, apoiavam a caça às bruxas que, além de matança de mulheres, promovia o medo, sustentava a ameaçabilidade necessária para a dominação e a violência do sistema. O terrorismo machista precisava ser naturalizado. Os jogos epistemológicos facilitavam a docilização e o controle dos corpos num jogo de terror que nunca teve limites.

Certamente, para as mulheres que tiveram acesso à escrita, ela sempre foi um recurso também existencial e psíquico diante do terror. É justamente esse recurso psíquico de que vemos ser privada a heroína de Charlotte Perkins Gilman em *O papel de parede amarelo*. O marido é um médico que recomenda que ela se mantenha afastada da escrita culpando essa atividade por seu quadro mental, quando, na verdade, a prática da produção textual deveria aliviá-la de uma vida de opressão e medo. A novela de Gilman, ela mesma uma ativista feminista na passagem do século XIX para o XX, é uma das primeiras ficções sobre abusos psíquicos, o que logo viria a ser chamado de *gaslighting*, o processo pelo qual uma mulher é perturbada mentalmente até à loucura. Ao mesmo tempo, o texto de Gilman é uma meditação sobre o fato inapagável de que a escrita é um poderoso dispositivo de subjetivação, tão importante que é ainda cerceado a quem o sistema quer silenciar e tornar inoperante.

O corpo por trás do texto

Analisando textos poéticos de Rimbaud, Jacques Rancière diz que “a chave de um texto é, comumente, um corpo”. O pensador francês analisa a presença do corpo de uma bela mulher em um determinado poema, lembrando que exegese quer dizer buscar o corpo sob o texto. A fórmula do romance policial de *cherchez la femme*¹ passa à poesia. Rancière nota a consubstancialidade entre a ideia da mulher e a ideia da beleza, contudo, sem chegar à compreensão de que a beleza é uma marca inventada para assinalar a mulher, confinando-a a parâmetros estéticos dos quais a poesia vem a ser uma fábrica de véus. Como as leis escritas sobre o corpo do prisioneiro da colônia penal de Kafka², as mulheres e todos os corpos marcados pela diferença não terão consciência delas, mas irão conhecê-las, tão somente, na própria pele. Rancière prefere caminhar





na direção da autorreferencialidade da poesia de Rimbaud sugerindo que, na verdade, o corpo em jogo é o corpo do poeta, sua própria vida tecida por palavras.

De algum modo, se trata sempre disso, mas por outro caminho. Homens que escrevem falam sobre eles mesmos quando escrevem sobre as mulheres. No monumento misógino que foi *O romance da rosa*, de Jean de Meung, publicado no fim da Idade Média, o ódio à mulher erige o texto. O autor expõe a si mesmo como porta-voz do sujeito transcendental da misoginia que se confunde com o sujeito do princípio de identidade da patriarcal razão ocidental. O princípio de identidade instaura o “outro”, sempre pronto a produzir a inimiga, o estrangeiro, o indígena, o negro, para, por fim, aniquilar a todos. A tradição da escrita masculina colocou foco sobre o corpo feminino para desviar a atenção de seus interesses. O machismo cria o “identitarismo” de minorias políticas, para escamotear a ideologia identitária do homem branco.

Na poesia e na prosa dos homens, a mulher bela foi o principal tropo do *continuum* histórico que vai do amor cortês ao amor romântico. Erich Auerbach chamou de “figura” a sobrevivência de uma imagem que evolui na história dos textos, aquilo que Aby Warburg chamaria de *pathosformel* ou “fórmula de páthos”, uma espécie de “afetografia”, um desenho do sentimento que surge em uma obra de arte, seja na forma da poesia, da pintura ou do cinema. De fato, o ódio às mulheres foi sublimado por meio do elogio da beleza. O amor-ódio sempre esteve explícito, só não viu quem não quis.

A verdade contida na ideia de beleza traiu a causa poética deixando a nu certo desejo mórbido mais de uma vez. Edgar Allan Poe, em um texto publicado em 1846 explicando seu processo de criação, afirmou que “a morte de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo”. A mulher procurada no poema estava morta, algo que desde os autores trágicos da Grécia Antiga já havia sido percebido. Desde as tragédias gregas as mulheres são sacrificadas ou se suicidam trazendo prazer sonoro e visual aos homens, como percebeu a helenista Nicole Loraux. O que ela chamou de “morte-narração” tem a função do prazer, uma função eminentemente estética. Contudo, toda estética sempre promete uma política.

A frase de Poe revelou uma tendência da produção poética que atravessou a literatura e as artes visuais



antes e depois de sua época. Figurando em profusão na pintura moderna e romântica, dividindo lugar com naturezas-mortas, como vemos nos quadros do holandês Vermeer ou do dinamarquês Hammershøi, inanimadas entre coisas inanimadas, as mulheres são representadas em meio a “objetos”, como se elas mesmas fossem objetos. Fetichizadas, as mulheres são imagens-mercadoria na sua qualidade decorativa que serve ao perverso e publicitário olhar masculino na era do espetáculo.

O mesmo aconteceu na pintura: da *Vênus adormecida*, de Ticiano, à *Ofélia* flutuando de costas na água na pintura de Everett Millais, a imagem das mulheres mortas é a imagem mais acabada da trajetória do amor-ódio, que vem a definir uma complicada dialética em que pulsão de vida e de morte se confundem. A crueldade contra os corpos é, infelizmente, muitas vezes a vencedora no conflito entre Eros e Tanatos. Certamente, o mal-estar na cultura é patriarcal e se refere ao destino da mera vida dos corpos femininos – posicionados a meio caminho entre humanidade e não humanidade – reduzidos às funções de manutenção do sistema que os violenta.

Aquilo que Walter Benjamin definiu como a “vida nua” passa a representar-se como “morte nua”. Reduzidas a carne, as mulheres partilharam com os animais a promessa do abate político ou íntimo: a profusão de feminicídios domésticos em diversos países ao longo da história e cada vez mais presentes não deixa ninguém mentir. A serviço dos homens, as mulheres são transformadas em troféus estéticos. Como o animal abatido pendurado na parede, a nudez feminina é ornamento e condecoração à cultura de assassinato de mulheres que expõe o caráter “natural” da “fêmea humana”.

As mulheres que escrevem – e todos os corpos não identitários da masculinidade branca oligárquica – surgem como intrusas em um território que sempre teve dono. A poesia, a prosa, a ficção e a não ficção das mulheres rompe com o sujeito patrirracialcapacitista do controle sobre seus corpos. O corpo sempre perseguido, explorado e inferiorizado torna-se um corpo em si mesmo revolucionário por meio da escrita. Para além do cálculo e da divisão do trabalho, seja a sexual, a racial ou a emocional, escrever devolve uma escritora a si mesma e, com ela, as mulheres todas se tornam donas de si.

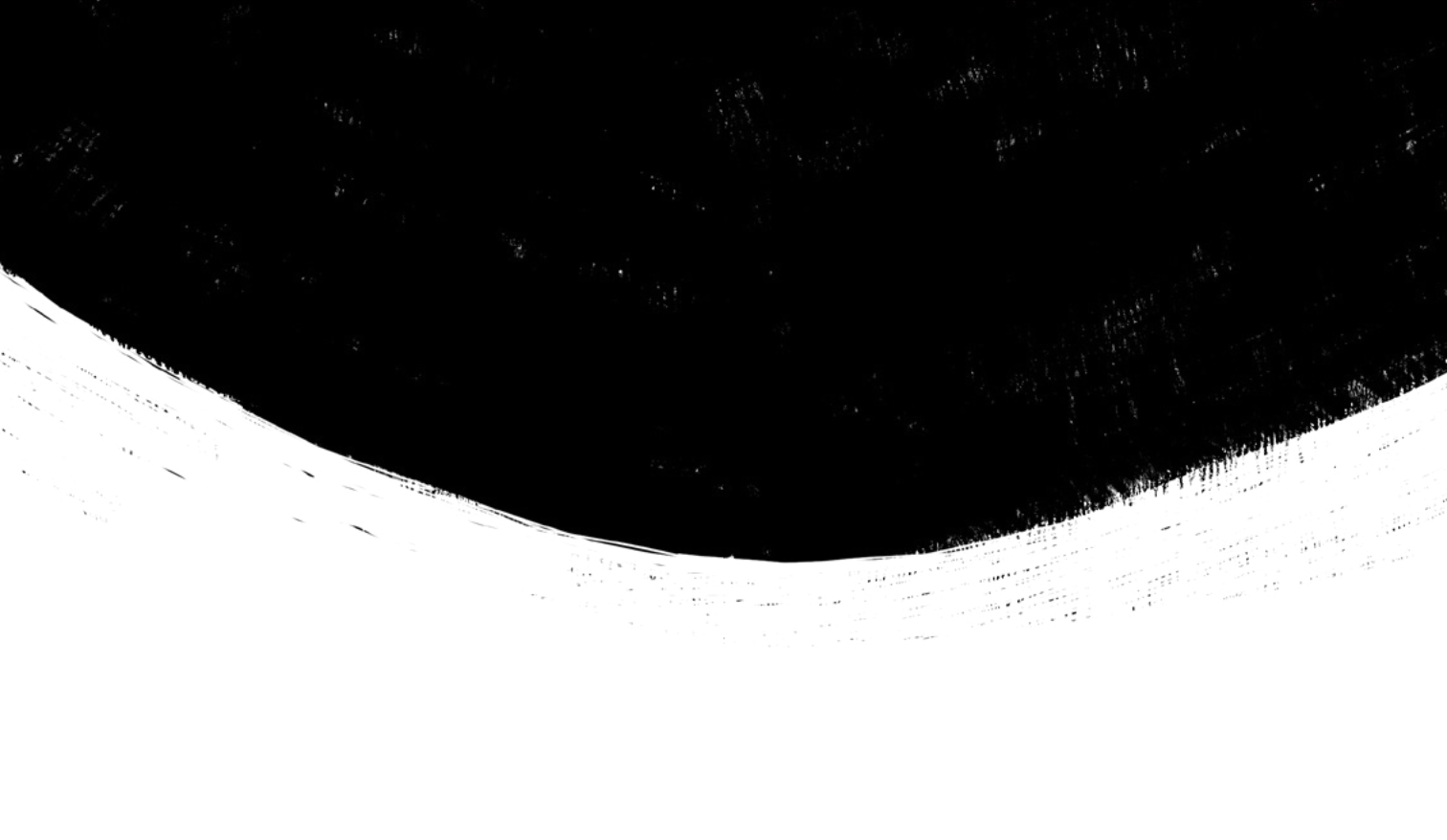
1 Literalmente “procure a mulher”. Nos romances policiais, geralmente o motivo do “problema” (ou do assassinato, ou o que for) é a personagem feminina.

2 Referência ao livro escrito em 1919 pelo austríaco, em que a pessoa condenada era presa sem ter consciência de seu delito.

CORPO e alma NA FILOSOFIA



Helena
HELÔ D'ANGELO



Poemas inéditos

CARLOS DE ASSUMPÇÃO

Passarinho

para Alberto Pucheu

Passarinho tá cantando
No telhado do País

Passarinho tá dizendo
Que Zumbi tá vindo aí

Passarinho canta alto
Para todo mundo ouvir

Passarinho tá dizendo
Que quando Zumbi chegar
Vamos acabar com o racismo
Que tenta nos destruir

Passarinho tá cantando
No telhado do País

Passarinho canta alto
Para todo mundo ouvir

É Zumbi Zumbi Zumbi
É Zumbi o nosso herói
É Zumbi Zumbi Zumbi
É o herói de todos nós

Passarinho tá cantando
No telhado do País

Passarinho canta alto
Para todo mundo ouvir

Passarinho tá dizendo
Que quando Zumbi chegar
Teremos muita alegria
O País vai ser feliz

Passarinho tá cantando
No telhado do País

Passarinho canta alto
Para todo mundo ouvir

Passarinho tá dizendo
Que a sonhada liberdade
Realmente vai sorrir

Passarinho tá cantando
No telhado do País

Passarinho tá dizendo
Que Zumbi tá vindo aí

Passarinho não se engana
Tem certeza do que diz

Racismo à brasileira

para Heraldo Pereira

Brasilino por favor
Brasilino anote aí
Que aqui tem racismo sim
Que o racismo que há aqui
É racismo inusitado
É racismo sem racista
Racismo que não tem cara
Que age sempre atrás do pano
Que é difícil combater
Mas também anote aí
Que já tá chegando o dia
Em que gente vai vencer

Corpo- Identidade



Fora do relicário, soltas no ar

EZTER LIU

Eu me transformo em quem sou 3 vezes ao dia, 4, nos feriados. É constante e vagaroso. Estou em movimento, como um caleidoscópio lento, feito de letras soltas e cacos de vidro coloridos, à mercê da luz. Dentro do caleidoscópio lento, as letras soltas se encontram e vão formando sílabas que vão virando palavras – à minha revelia.

Eu me transformo em quem sou 4 vezes ao dia, 5, se o dia é nublado. Faço uso das palavras no processo, também faço uso delas para fins de alívio, para fins de registro, para fins de segurança nacional: escrevo para não esborrar, escrevo porque não sei dançar, escrevo porque a bomba atômica que tem no meu peito está sempre prestes a...

Conheço profundamente a vontade própria das palavras, às vezes elas são um bicho arredio que agarro pelos chifres, outras vezes chegam dóceis, fáceis, dadas ao afago. Conheço de antigamente a *vontadeprópria* das palavras, porque elas são minhas, são minhas demais. Mais minhas do que meus dados pessoais, muito mais. Mais minhas do que minhas aftas, mais minhas que os calos do meu polegar.

São mesmo minhas demais. Tão minhas que me desobedecem, tão minhas que me fecham as portas, tão minhas que me viram as costas.

Eu me transformo em quem sou 6 vezes ao dia, às vezes 7, se o ônibus demora. Me transformo em quem sou, apesar do trânsito, apesar de mim. Carrego nas costas uma mochila muito pesada, nela, todas as palavras do mundo, em todas as línguas – vivas e mortas. Isso faz muito tempo. Meus ombros nem se lembram de quanto tempo faz.

Eu me transformo em quem sou 7 vezes ao dia, 8, quando é dia de feira. Vou me compondo de líquidos, vegetais frescos, metáforas e minerais. Também uso música, carboidratos, versos e fragmentos de nuvem. Vou variando a matéria-prima, vou procurando outras ginecologias que me resolvam os hormônios, pesquisando outras geografias que me expliquem as fomes.

Eu me transformo em quem sou 8 vezes ao dia, 9, em tempos de guerra. Preciso voltar uns quilômetros para recuperar as palavras que caíram do caminhão de mudança. Nenhuma palavra será deixada para trás. Preciso delas, de todas elas, porque a mesma pergunta cai no meu colo todas as manhãs e é bom ter palavras de sobra para não responder.

Eu me transformo em quem sou 9 vezes ao dia, 10, quando é maré-cheia. Escrevo feito uma bordadeira cega, toda tato. Escrevo meio esquecida de mim, muito interessada no invisível. Escrevo manipulando malabares em chamas, tentando não queimar as mãos. As palavras flutuam dez centímetros acima da minha cabeça, estão coladas na minha pele, embaraçadas nos meus cabelos, às vezes são resíduos sob as unhas, ficam no palato, nas paredes da garganta, me causam ranço, pigarro, me ardem.

De manhã, na frente da xícara, antes de me transformar em mim, penso no caleidoscópio, nos chifres que agarro, no peso da mochila. A luz entra bonita pelo vidro da janela da cozinha, acima do fogão, flutuam palavras-crisálidas, palavras-polvo, palavras-*joiasdefamília*. São toda verve possível, toda elã, toda fúria e furor. São a graça da vida. São minhas e as deixo livres, fora do relicário, soltas no ar, para quem quiser pegar.

Geografia do olhar

CIDA PEDROSA



Nuvens

Quando eu te conheci, tuas mãos batiam ritmadas as claras de ovos que cresciam na bacia de louça.

Hoje te busco nas nuvens que formam montanhas brancas no firmamento.

O pior é que nem sei se existe céu!

Chuva de lã

Quando eu te conheci, em um final de tarde de abril, o velho cabelereiro do bairro lavava os teus cabelos.

Hoje, quando vejo o pôr do sol, cai sobre mim uma chuva de lã da cor de breu.

Aroma

Quando eu te conheci, o som do teclado mal tocado misturava-se ao vai e vem de compras e a sonata invadia a seção de guloseimas do supermercado. Não sei o que vi primeiro: se tuas mãos estabanadas derrubando aquela pilha de potinhos de compotas ou se teus olhos aflitos tentando acompanhar o charco rosa que se formava aos teus pés, em meio a embalagens quebradas e tampas entreabertas.

O atendente te socorreu antes que eu pudesse esboçar qualquer gesto de amparo. Um cheiro de goiabá, cravo e canela tomou conta do corredor e eu me perdi nos meus treze anos incompletos e no teu andar alto e curvilíneo que te afastava de mim.

Hoje, ao subir ao palco, sentar-me na banqueta, organizar ligeiramente o fraque, folhear nervosamente as partituras, dedilhar as teclas do piano Steinway, sinto um aroma doce e me perco na geografia irregular das minhas mãos que espalham no teatro os acordes de mais um *Noturno* de Chopin.

Há semelhança de Deus

Quando eu te conheci, você fazia a segunda leitura daquela Missa de Cinzas. Teus olhos eram apenas a imagem opaca do nada. Da tua boca saíam as mais belas e tristes palavras: *Agora, diz o Senhor, voltai para mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos*. Falavas de um Deus morto pelos homens no fogo da paixão. Um Deus que se entrega em nossos braços, que dorme embaixo dos nossos lençóis, que nos agrada após o ato penitencial. A igreja te ouvia hipnotizada. Teus cabelos loiros, ainda juvenis, se confundiam com os cabelos do Jesus menino, entronado à direita do altar. A bíblia em tuas mãos trêmulas era a mais suave expressão da beleza. Tua voz ainda ecoava em meu ouvido quando uma mulher subiu ao púlpito e começou a cantar: *Tende piedade, ó meu Deus, misericórdia! Na imensidão do vosso amor, purificai-me! Lavaí-me inteiro do pecado e apagai completamente a minha culpa*. Enquanto todos acompanhavam o salmo responsorial fazendo o refrão, eu te observava febril e atravessava com o olhar a tua batina de coroinha.

Hoje, quando subo ao altar e rezo mais uma missa de adeus para um Jesus que não se sabia santo e teve todas as dúvidas dos homens, sou perseguido por tua voz e faço o sinal da cruz de cinzas, na testa de cada cristão, como se estivesse grafitando a fé no meu próprio corpo.

A formação do imaginário e a imagem poética

MARIA DE REGINO

O imaginário, essência do espírito humano, pode ser compreendido como uma espécie de repositório imagético, onde estão reunidas todas as imagens, individuais e coletivas, criadas no passado, no presente e também, certamente, as que virão no futuro. Portanto, “imaginário” não deve ser confundido com “imaginação”, faculdade que nos permite representar imagens de objetos, cenários, personagens e ações, reais ou ideais. A palavra-chave para se compreender o imaginário é “imagem”.

A totalidade das áreas do conhecimento humano, inclusive as ciências, é impulsionada por imagens simbólicas e arquetípicas que se manifestam a partir do inconsciente. Um bom exemplo dessa função do imaginário foi a descoberta da fórmula estrutural do benzeno¹, por Friedrich Kekulé (1829–1896). Angustiado por não avançar em suas pesquisas, o químico viu, em um sonho, os átomos se movimentando diante dele, formando cadeias longas que se curvavam como serpentes, até que, de repente, uma serpente mordeu a própria cauda. A imagem arquetípica do Ouroboros despertou em Kekulé a intuição de que a estrutura do benzeno era circular.

As imagens que permeiam os sonhos realimentam o nosso imaginário, pois por ele são geradas. Alguns escritores retiram do universo das imagens oníricas, essencialmente simbólicas e arquetípicas, inspiração para suas ficções. As imagens poéticas, impulsionadas pelos tempos verbais, nos movem para o passado ou o futuro, enquanto as imagens das artes visuais apresentam-se ao fruidor como um eterno presente. Sobre a imagem literária, Gaston Bachelard afirma que é mais viva que qualquer imagem visual, pois se apresenta como um movimento independente da matéria, transcendendo a forma.

Enuma elish – epopeia de Gilgamesh – *Ilíada*, *Odisseia* e outros textos literários ancestrais trazem em seus versos as primeiras imagens poéticas da literatura ocidental. São imagens inesquecíveis, que desvelam nossa condição humana, preparando-nos para os conflitos da vida e nos fazendo refletir sobre o inevitável da morte. Na leitura desses textos, o leitor se identifica tanto com o empenho de Gilgamesh em sua busca pela flor da imortalidade quanto com a resposta de Odisseu à proposta da ninfa Calipso, de torná-lo imortal, afirmando que desejava a grandeza de ser simplesmente humano. Essas obras atravessaram os séculos e, ainda hoje, falam às nossas almas. Ao criarem mundos ligados ao universo dos símbolos, dos mitos e arquetipos, as grandes obras literárias geram diferentes interpretações e participam da formação de nosso imaginário.

Quanto ao processo de formação do imaginário, o meio mais efetivo de enriquecer o nosso repertório de imagens, ou seja, o nosso imaginário pessoal, é o íntimo contato com as artes e a literatura. Ler bons livros é essencial para quem deseja escrever, assim como visitar museus e exposições é importante para os que estudam as artes visuais. Um imaginário alimentado por imagens ricas em significados contribui para a expansão da nossa imaginação e capacidade criativa.

A concepção de um imaginário pessoal, formado por imagens simbólicas, arquetípicas e míticas, harmoniza-se com a tese desenvolvida por Nancy Huston em *A espécie fabuladora*. Nesse livro, Huston observa que o homem é a única espécie que conta histórias. Ao fabular, elaborou formas de marcar o tempo, consciente de que nasceu um dia e, como todos os demais, morrerá. Para nós, humanos, imersos no tempo, a construção de sentido se dá por meio de narrativas.

Somos uma espécie fabuladora. Construimos narrativas e somos construídos por elas. Essa é a tese que Nancy Huston defende em seu livro.

Dentre as narrativas que nos constroem, a primeira é a história do nome que recebemos ao nascer. Nossa identidade se forma a partir das ficções que nos foram apresentadas como verdades e nas quais passamos a acreditar. Preferências estéticas, ideológicas, religiosas, a escolha da profissão, de amigos e parceiros, nossas opções se definem em conformidade com as narrativas a que fomos expostos. E assim vai se formando, dia após dia, o nosso imaginário.

As palavras das preces dirigidas aos deuses, as que divertiam os companheiros de fogueira, as que recordavam o medo e a coragem daqueles que enfrentavam os inimigos e os grandes animais foram transmitidas de geração a geração e se tornaram o germe das grandes narrativas míticas, religiosas e literárias. Nossa matéria psíquica é construída por narrativas e estamos todos submersos no mar abissal do inconsciente coletivo. Perdem-se no tempo os dias em que palavras humanas fabularam pela primeira vez. E desde então, um oceano de histórias vem inundando a nossa alma.

Joseph Campbell, em *Mito e transformação*, observa que “a imagem mítica mostra a forma pela qual a energia cósmica se manifesta no tempo; à medida que mudam os tempos, mudam os modos de manifestação”. As narrativas míticas são modelos ancestrais que atravessam os séculos se renovando, ganhando novas formas e significados, mas mantendo intactos os seus mitemas, as partículas essenciais de um mito.

Um bom exemplo de atualização mítica é o conto de Cupido e Psiquê, tal como o vemos em *O asno de ouro*, de Lúcio Apuleio. Essa história atravessou os séculos e, em espaços e tempos diferentes, se transformou em outras narrativas, nas quais reconhecemos a permanência do mitema do “noivo animal”. Entre esses textos que atualizam o antigo mito grego, estão os contos: *A bela e a fera*, na França; *A Leste do Sol e a Oeste da Lua*, nos países nórdicos; e *Jardim de inverno e de verão*, na Alemanha, com os irmãos Grimm.

Desde o tempo ancestral dos contos em volta de fogueiras, dos poemas cantados nos banquetes pelos aedos, até os primeiros textos literários registrados pela escrita, século após século, contamos os mesmos contos e enaltece os mesmos heróis.

A história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano e com o surgimento da literatura como a conhecemos hoje. Ao reproduzir a linguagem por meio de caracteres, a escrita permite aos leitores o acesso direto ao mundo das imagens simbólico-arquetípicas e conduz o pensamento através do tempo e do espaço.

Em *A psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim compara os contos de fadas a “lagos profundos e calmos que, de início, parecem refletir nossa própria imagem, mas logo descobrimos sob a superfície os turbilhões de nossa alma”. As palavras de Bettelheim sobre os contos de tradição oral poderiam ser aplicadas à literatura em geral. As imagens literárias nos levam a transcender os limites de uma vida centrada na superfície do ego, buscando significados mais profundos em nossa existência.

As palavras que usamos para contar as narrativas de nossas vidas, as imagens dos sonhos que assombram nossas noites e as ficções que nos tornaram quem somos hoje, todas foram herdadas da ancestralidade humana e são rastros da sabedoria que nos chega de eras pretéritas. Essas palavras são dádivas do imaginário, que se revelam nas histórias que tecemos com os fios da razão e da imaginação.

1 Altamente tóxico e de odor adocicado, o benzeno pode ser encontrado em produtos industrializados, como plástico, tabaco e gasolina.

Entre uma ou outra coisa que aqui se desmonta: cinco formas de chegar perto de um assunto

FEBRARO DE OLIVEIRA

*Pousa
ó pombo
que me conheces a fundo!
Speak to me
Stay with me
Speak*

Maria Lúcia Alvim

*Alguém tem que deitar ali
na grama que cobriu
as causas e consequências,
com um matinho entre os dentes
e o olhar perdido nas nuvens.*

Wisława Szymborska

1.

**Antes de tudo colocar um matinho
entre os dentes**

Escrevo do lugar onde palavra é mato, matagal, ferrugem, fuligem, nome, sobrenome. Motosserra aqui é mato. Destroço, destruição. Incêndio aqui é mato. Fogaréu aqui é mato. Vinte mil indígenas sem água aqui é mato. As setenta famílias desabrigadas. As ocupações destruídas. Tristeza aqui é mato. A palavra, o objeto da palavra aqui é mato. As incendiadas e as incendiárias. As guaranis, as bolivianas, as refugiadas climáticas, as desaparecidas. Bolívia aqui é mato. Paraguai aqui é mato. As ribeirinhas e as indígenas. O mato grosso. Aqui, onde palavra são as famílias despejadas, as exploradas de Corumbá, as fronteiras. Os portunhóis. Felicidade aqui é mato. Aqui tudo é mato. Eu, você. Guavira: Urucum: Kadiwéu: Guató: Ñande Reko: Fogo: Cinza: Esperança aqui é mato. Aqui tudo eu mato. Tudo que cresce entre ruína, cinza e osso enterrado – aqui é mato.

2.

Breve gramatura sobre chão rachado

Para tecer um texto, a primeira gramatura exposta é a do vazio: não é pela criação de palavra que vive alguém que escreve: é pela criação de vazios que se faz um texto. Só depois de muito vazio que a palavra, de fato, vai nascendo; feito mato, sendo queimados os bois da gente. Um boi é meu nome, vê; lento, o pasto comendo meus gestos; vê, lento, meu nome sendo seu assombro.

3.

Quando se fala de meu assombro

Reformular um gesto: refazer um rito: repropor uma língua: tombar a língua como quem tomba a existência: prover outras formas de se ver: construir uma língua que seja possível: é pelo impossível que se fala: qual código constrói a língua: o que eu te digo: o que você escuta: antes de escrever abrir a roda do indizível: um ensaio em segredo: corroer a língua: dificultar a leitura: propor uma travessia: propor que ninguém sobreviva: propor a morte como vingança: propor a vida como vingança: dos bichos: das bichas: das refugiadas: das incendiadas: não ter medo das palavras: repor outro objeto para o que escrevo: repete o assombro: o nome: o rosto: a língua como nosso primeiro tratado e, por muito, construir uma pesquisa que se faça metade segredo, metade língua: metade pesquisa, metade músculo: perceba: é esquecendo que se aprende uma nova linguagem.

4.

Ensaiai o nome, anteaver o gesto

Como construir um texto se, antes mesmo, pela ideia de um texto, algo se cria? Assim, quando se cria um texto outro se destrói. Feito pasto, antes mesmo das coisas nascerem, elas vão se espalhando.

Sou da parte do Brasil que é Paraguai, assim, construir uma ideia narrativa é, antes de tudo, o movimento de construir uma derrota. O que quero dizer é que nem sempre pela perda, mas no movimento de buscar narrar algo que me aloca o descobrimento dos meus fracassos, essa palavra gasta. Venho, assim,

acumulando meus fracassos como um tecido em comum: minhas palavras pertencem, sobretudo, àqueles que fracassam.

E como o fracasso foi me moldando porque, em algum momento, tudo que existia era o fracasso como um nome próprio a me acompanhar. Era adolescente e, antes mesmo, já sabia que meu corpo não era o mesmo corpo daqueles que me acompanhavam – só anos depois que nomeariam meu corpo como dissidente –, muito cedo quis espalhar que esse meu corpo dado não era o meu, era o de outro.

Quando contei quem era e, no tanto, me narrei no mundo – e tinha me narrado antes, mas pelas camadas, no que não se vê de longe –, tive que me afastar da minha família, da minha ideia de casa, da minha ideia do que era ter um corpo. Então, fui cassando pela língua e fora dela uma casa que me coubesse, uma família que me fosse semelhante.

Minhas palavras pertencem, sobretudo, ao que não consigo dizer aqui, agora, mas tentarei pelo esforço de, ao narrar o outro, me narrar. Como se conta algo que não temos linguagem ainda para contar? Estou tentando, perceba, tocar no assunto. Toda vez que tento escrever o que quero escrever vem, em primeiro, um constrangimento e, em segundo, um medo das crueldades que me narram estarem aqui-ali sendo lidas como se fossem uma ou outra coisa que aqui se desmonta. A crueldade desse fracasso é porque as coisas não são o que dizemos sobre elas, assim, devem mesmo ser lidas como se fossem uma ou outra coisa que aqui se desmonta.

5.

Minhas palavras, esse desmonte com seu nome

Quanto tempo levamos para conseguir narrar algo? Fico fissurado na impossibilidade de narrar algo como metodologia para, inclusive, narrar esse *algo*. Se é pela impossibilidade de narrar que se narra, então é no impossível que se formam fragmentos, com que lidamos a todo instante.

Não sei se *onde*, mas talvez *quando* a pergunta sobre *quem serei* tornou-se mais importante do que *quem sou*. De uma forma ou outra, a pergunta se repetia, meticulosa, porque também ser é se afirmar em solidão, ou seja: se eu sou é porque deixei de ser algo,

se não sou é porque conheço essa diferença – conheço aquilo que não é eu.

Muito pequeno os outros já sabiam quem eu era, foi só depois que fui descobrindo. Os meninos correndo me chamando de bicha-bichinha. Se tinha a bicha haveria de se ter a não bicha.

Para negar algo, deve-se afirmar outra coisa. Ou afirmar o conhecimento dela. Aqueles meninos que corriam atrás de mim, outro exemplo, sabiam tanto quem eram como quem não eram – o que me importa mais é: eles sabiam quem eu não era: eu não era eles.

Perceba: não que quisesse ser eles ou não quisesse ser eles, mas a questão de quem eu era não me habitava. Talvez porque para ser algo precisemos deixar de ser algo. Naquele momento, nem um, nem outro: era todas as coisas que me cabiam ou em que eu me fazia caber.

Foi mais ou menos aí que me caber foi se complicando: essa roupa que queria que fosse do meu tamanho era de outro, mas insistia, rasgava um cantinho aqui ou ali. Talvez porque, para mim, naquele momento, pertencer a mim fosse pertencer ao que alguém me dava. E fui crescendo assim: primeiro, porque me deixaram; segundo, porque, quando não deixaram, eu insisti.

Não sei quando (e se sei esqueci) que, por uma coisa ou outra, comecei a escrever. E escrever era, para mim, esse depósito de pertencimento: a transformação desse grande cansaço em algo para falar. É pela insistência que aquilo nomeado como dissidente permanece, é pelo mato, pelo que espelha, pela praga – esse nosso nome próprio.



Foto minha tirada por Adriana Cristina Febraro de Oliveira. Descrição da imagem: a imagem retrata um garoto de olhos fechados enquanto um beija-flor toca suavemente seu rosto, segurado por uma mão adulta, a de sua mãe. O fundo mostra um quintal simples, com um chão de concreto com rachaduras e uma parede de tijolos pintada de branco, marcada por manchas pretas que sugerem desgaste. Elementos do cotidiano, como caixas e um varal, compõem o fundo. Há uma frase escrita à mão na fotografia, em amarelo: "Toda palavra é crueldade", acompanhada do nome Orides Fontela.

Versões da verdade

MANOELA SAWITZKI

Sempre é preciso escolher um ponto por onde começar. Por exemplo, agora, uma sexta-feira chuvosa em São Paulo. Do meu quarto, escuto mais o barulho do trânsito do que o som da chuva. O trânsito só dará trégua tarde da noite; a chuva deve se estender pelo fim de semana. A luz que entra pela janela não alcança todos os cantos, o apartamento de paredes brancas ganha tons de cinza mais ou menos escuros. Este momento, entre tantos outros, não está isolado numa redoma do presente. A travesti que costuma passar pela manhã do outro lado da rua cantando canções que parece improvisar – às vezes fala de um Deus vingativo, em outras, da injustiça dos homens ou de um amor que a espera em alguma parte – não comparece neste dia. Algumas manhãs, me debruço no parapeito pra vê-la. Está sempre vestida com uma sobreposição de roupas engenhosa e colorida – a sandália vermelha delicada, de salto baixo – e do alto noto que está ficando calva. Neste dia em que ela não está, dois mundos que eu diria inconciliáveis se cruzam neste mesmo quarto: o do meu pai e o do escritor francês Emmanuel Carrère.

No romance *Ioga*, que está sobre a mesa de cabeceira, Carrère diz que “tudo o que é real é verdadeiro”. O que varia são as percepções da realidade. As mais otimistas, como a de uma Dalai Lama, para ele, tendem a ser menos verdadeiras do que a de pessimistas, como Dostoiévski. Na velhice, meu pai costumava repetir que, ao longo dos anos, vinha escrevendo a verdade sobre os fatos da sua vida, uma verdade que mantinha preservada num cofre e que viria à tona no futuro, nunca agora. O anúncio, em geral, vinha acompanhado da menção a uma segunda pessoa. A verdade sobre ela também estava em suas mãos. Era, aparentemente, um *work in progress* que continuaria enquanto ele continuasse neste mundo.

Cedo, me insurgi contra essa ideia de que seria possível encerrar a realidade numa única verdade possível. Dito de outro modo: de se pretender que uma só percepção do real possa constituir a verdade integral sobre ele. Pelo contrário, cresci atenta às versões. Ao fato de que cada pessoa parecia conter uma realidade distinta. Filhos viam suas vidas de modo diverso do que seus pais podiam ver e vice-versa; homens e mulheres partilhavam os mesmos acontecimentos sob pontos de vista quase sempre distanciados por suas próprias expectativas e preconceitos. O mundo era um caleidoscópio de variação infinita. Cada pessoa, ao

mesmo tempo, personagem da narrativa alheia e um narrador voluntarioso e suspeito. Com muito pouca idade, eu já sabia disso, e desconfio que saber disso foi o que me levou à escrita. De um modo diametralmente oposto ao do meu pai. Enquanto ele se debruçava sobre sua versão, a mim interessavam as variações, o que era, mas sobretudo o que não era meu.

A chuva se derrama com força, apanho um copo d'água, olho para fora, a calçada quase desaparece sob uma grossa camada de água corrente. Volto ao Carrère. No mesmo livro, ele também diz que a literatura, ou pelo menos a literatura que faz, é “o lugar onde não se mente”. Defende tal ideia num momento interessante do livro. Está prestes a falar sobre um quadro depressivo severo que o levou a uma internação de quatro meses num hospital psiquiátrico. No entanto, não quer falar sobre as circunstâncias que o levaram a essa grande crise. Falar das circunstâncias implicaria envolver outras pessoas. Sobre si mesmo era possível, até necessário, lançar mão dos termos pouco lisonjeiros para chegar à verdade. Sobre os outros, não. Não sempre. Nesse relato – porque cada livro impõe suas próprias regras – ele teria de distorcer um pouco, apagar um pouco, “mentir por omissão”. Mas ao informar o leitor sobre esse procedimento, cumpriria o que preconiza: não mentiria, escaparia da hipocrisia.

No meu primeiro romance, que comecei a escrever muito jovem, com dezessete anos, e continuei escrevendo pelos cinco anos seguintes, eu pretendia dizer a verdade incomunicável, aquela a que, por medo das consequências, era impedida de dar corpo fora da escrita. O realismo fantástico, que tinha aprendido com Gabriel García Márquez, mostrou-se um instrumento eficiente para explorar minha versão pessimista com liberdade. Pessoas da minha família estão ali, transfiguradas, mascaradas, convivendo com personagens extemporâneos, como um homem com patas de cavalo, espécie de filósofo existencialista que nunca havia feito parte dos meus dias. O patriarca da história era um sujeito violento e mesquinho, que passava o tempo contando seu pouco dinheiro. Quando leu o livro, meu pai me chamou e, com seu exemplar fechado sobre a mesa, me disse: “Eu entendi tudo”.

Por entender, ele queria dizer que se viu ali. Claro que meu pai era mais complexo que o tal patriarca. Mas aquela versão parcial e imprecisa era toda a verdade que eu me sentia capaz de enxergar na época.

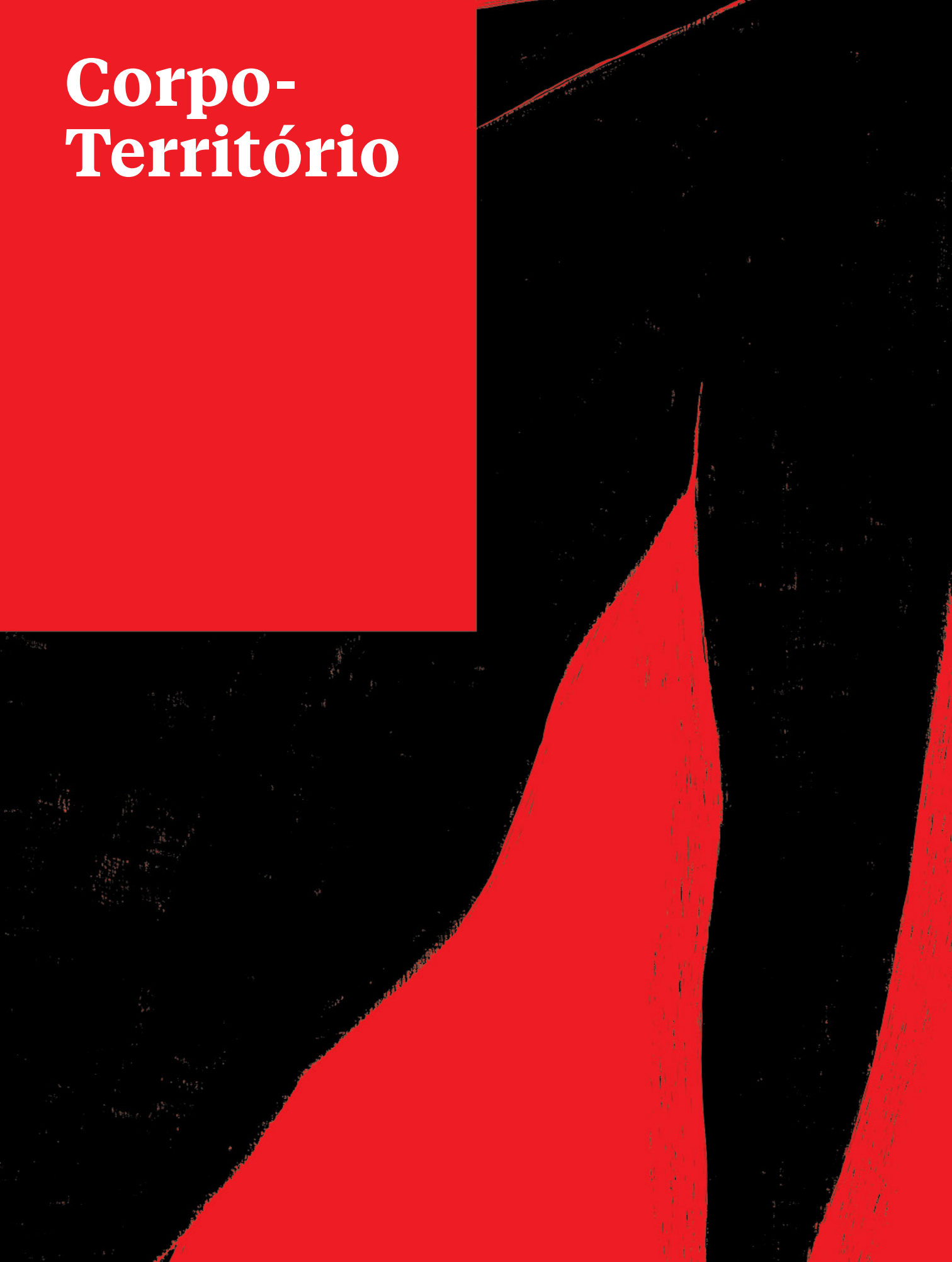
Com o passar do tempo, tal verdade se expandiria e desdobraria em outras versões.

Não perguntei se ele havia se ofendido. Sustentei que se tratava de uma ficção e, pensando hoje, não estava sendo hipócrita: de um jeito afetado, próprio da minha pouca idade, o que pretendi fazer ali foi me aproximar do mistério do meu pai e de tantos outros, confrontar o conhecido com o desconhecido, e talvez assim encontrar alguma verdade sobre mim. Sempre é preciso escolher um ponto por onde começar.

Em seus livros, que fui ler muitos anos depois, Carrère quase sempre parte de si, implicando-se na história que quer contar. É um narrador-personagem que se lança à narração sem máscaras nem subterfúgios. Seja para contar a história de um político radical e delinquente do mundo soviético, de sobreviventes de um tsunami no Sri Lanka, da amizade marcada pela doença de dois juízes do juizado especial de Vienne, ou de uma professora estrangeira que dá aulas de escrita criativa para jovens refugiados numa ilha na Grécia, ele traça a ponte que vai do eu para o outro com rigor e coragem. Subverte assim a chamada escrita de si e mesmo a divisão normalmente aceita entre ficção e não ficção (todos os livros de Carrère nos chegam como obras de ficção). Mas, nessa transparência, marca-se uma posição. O que me leva novamente à noção de verdade e suas versões possíveis.

Sob a chuva de uma sexta-feira, corre um jovem de jeans, camiseta branca e tênis até a marquise de um prédio vizinho. Um homem mais velho (setenta anos?), de camisa azul, calça social e sapatos escuros divide o mesmo refúgio. Eles trocam algumas palavras, sorriem. Talvez falem sobre o tempo, que interrompeu seu fluxo e os colocou pela primeira e, possivelmente, pela última vez lado a lado. Às suas costas, a vitrine do clube de aeromodelismo, para onde eles não olham. De onde os vejo, posso imaginar que o mais jovem está a caminho de uma entrevista de trabalho, aonde chegará atrasado e encharcado, e que sua vida está numa desordem inquietante contra a qual ele tenta lutar. O mais velho talvez seja um viúvo recente, e o tempo que passa sob a marquise ao lado de um rapaz simpático é recebido como uma benção. Carrère talvez descesse do apartamento, atravessasse a pequena correnteza e falasse com eles. Fico no quarto, e na realidade da história que invento para eles, e apenas nela, tudo é a mais absoluta verdade.

Corpo- Território



Uma ilha

ATENA BEAUVOIR ROVEDA

Habito uma ilha sem fim no mundo e longe dos continentes humanos. É, pois, nessa lonjura que tenho muito. Água oceânica, águas riachais e águas chuvosas. Da terra pari frutos de que me alimento e que divido com pequenos silvestres animais entre aves coloridas e lagartos corredores.

Enfio meus pés na areia quente e não percebo que o prazer vem não de um só elemento – a areia –, mas de vários pequenos conjuntos de grãos. O prazer não vem de um, mas de vários. Me envolvem em quente comunhão com minha pele e queimam ao mesmo tempo que me afetam.

Amo sentir desprender de mim a água vaporosa através dos meus poros. É quando sinto arrancarem de mim o que tenho, que sinto o que tive e não percebia. Mas logo me aquieto, pois hei de restaurar novamente todas as impressões e logo esquecerei que as tenho para perder uma vez mais.

A tradição do continente é uma: viver na silenciosa contradição. Mas ali, em isolada ilha, onde nem mesmo Darwin inaugurou suas teorias, onde nem mesmo Einstein a saturou de descobertas e Newton nem



sequer sonhou, eu ousei dizer que nossa contradição é silenciar a tradição viva.

Afoguei meus pés quentes na água cristalina e o sol batia reflexo em meus ombros como se seus raios fossem braços quentes a me afagar. Meu cabelo aquecia enquanto meu corpo esfriava, sendo transmissor do calor da estrela às estrelas-do-mar que procriavam quebrando-se em várias outras estrelas.

Que tão longe era meu ser das terras e neblinas que os ossos da cidade sustentavam. Prédios e cimentos, cores inebriantes e falsa profundidade, pois que toda a cidade sempre acabava em um beco torturado de lixo seco e plástico, pois o orgânico já havia sido comido por famintas bocas.

Vento pousou em meus cabelos e cada brisa era um levantar de arrepio de minha espinha. As folhas de veraneias árvores atingiam minhas mãos que sustentavam meu corpo apoiado na areia. Era o convite para ir à sombra. E não existia família ali. Não era necessário um nome para definir o afeto. Tudo era família, pois todas as vidas ali se necessitavam.

Nua, sentei perto de pequena cobra aquietada em quente pedra. Olhei mais acima e sutil aranha enrolava alimento fresco. Os escorpiões filhotes eram levados por sua genitora para lugar sombrio. E eu? Sentia cumplicidade entre os venenos que carregavam e o vírus que vivia em mim.

Nunca foram peçonhentos. Nunca foram perigosos. Nunca foram da morte, exatamente, porque produziam vida. Estavam em lugares onde a fome, a sede e o sono conduziam. Nunca foram compreendidos. Nunca foram entendidos. Nunca foram ouvidos. Nunca fora deles o veneno.

E não estaria eu morta entre o afresco de uma tela pintada por alguma mente da arte? O céu era contornado por nuvens tão formosas. Lembrei-me da arte de meu pai. Há quanto tempo não visitava os humanos no continente? Desde que a canoa havia sumido. Ou eu quis esquecê-la e ela sumiu. Mas não ardia saudade alguma em meu peito.

Minha boca seca, juntei galhos presos em árvores e movimenteí-os até que as gotas da chuva passada caíssem. Me banhei e ri-me. Minha voz se fez ouvir por toda a ilha. Espantei-me, pois que há tempos não escutava minha própria voz. Outros animais vieram observar meu balbuciar. Agora respondiam a mim todos os sons da selva. Eu molhada e a voz sumida.

Não saíam palavras. Eram fonemas. Eu sabia pensar em palavras, mas não dizê-las. Eu sorri e um pequeno inseto passou rindo ao meu lado. Eu deveria sugerir algum som específico. Deveria cooperar na onomatopeia da natureza ali presente. Deitei-me na terra e acordei dentro de mim mesma.

Em meu sangue, agora observando por dentro, havia fugidias sombras que pareciam medrosas células, mas tão surreptivas eram, que as descobri vírus. Centenas deles espalhados pelo meu sangue. Lembrei como cheguei na ilha. Elas me trouxeram até ali. Tão pequenas, mas tão sóbrias de si mesmas.

Queria erguer meus pulsos, mas dentro de mim não havia pulsos. Resolvi abrir os olhos, mas não enxergava através deles. Estava tomada de mim mesma. Estava em mim mesma. E tais vírus sentindo meu abalo vieram em mim. A fraqueza tomou posse. Imune estava até ali.

Num lapso de memória, recordei da minha família. A natureza toda. Artificial, sintética, robótica ou virtual, tudo que me afeta é a minha família. E aqueles vírus ainda não sabiam que eu era sua família. Estava com medo de morrer. Deixar de existir. E não poderia, pois, até aquele momento, se eles morressem, eu também morreria.

Acordei e lembrei. Eu os manteria vivos dentro de mim. E eles me manteriam viva no mundo. Eu era sua ilha. Meu corpo, minha mente e meu ser. Afetada até na raiz de mim mesma, até no núcleo terroso de meu chão. O hiv acabou se tornando minha maior referência de família em mim, antes de qualquer outra relação no mundo. Já ali não era uma ilha. Tornei-me continente em mim, então!

Futuro do pretérito

ISABOR QUINTIERE





Pequeno e revolucionário: apenas duas palavras para descrever algo que é capaz de manter vivas milhões de outras. O AdAstra IV, orgulhosa criação de professores e estudantes da pós-graduação em linguística preservacional da Universidade Federal de Terra Vermelha, é um aparelho de preservação de linguagem aparentemente simplório, semelhante a um bloco escuro de console antigo, mas com um objetivo distinto: o de conservar línguas isoladas, encurraladas e ameaçadas de extinção, bem como as culturas a que pertencem. O que o distingue de meros registradores de áudio e texto comuns é, também, o que torna sua proposta tão audaciosa: ele seria capaz de reproduzir a *língua-viva*, isto é, em constante mutação e criação, como se toda a comunidade que a falasse estivesse contida em seu minúsculo mecanismo.

Até esta data, o AdAstra IV já foi aplicado, de maneira experimental, em cinco pequenas comunidades ameaçadas da América Latina, localizadas no México, no Peru e na Bolívia. Os especialistas encarregados de sua manipulação carregam receptores do aparelho acoplados ao próprio corpo durante dias ou meses, enquanto convivem entre os falantes da

língua. Assim, são registradas as interações sociais do grupo analisado em sua forma mais cotidiana, bem como suas canções, histórias e vozes, criando um vasto repertório não apenas linguístico como também cultural. A partir desse armazenamento primário, o AdAstra IV, fazendo uso de inteligência artificial, é capaz não apenas de salvar da morte eterna esses dialetos, como também de produzir obras inteiramente novas. “Os idiomas das comunidades que visitamos contavam com um número extremamente reduzido de noventa, quarenta e cinco, às vezes trinta falantes caminhando para a extinção”, explica Galileia Freire, cientista de dados e supervisora das missões. “Isso pôde ser evitado graças à aplicação do AdAstra. Com a ajuda do aparelho, conseguimos também analisar o processo criativo de falantes da língua, e o sistema foi capaz de produzir até mesmo novos cânticos populares, perfeitamente alinhados com os originais. Assim, ainda que o povo encontre seu fim, sua voz continuará vivendo e criando através de um software constantemente refinado para alcançar maior naturalidade.”

O resgate mais recente foi também o mais emergencial realizado pela equipe, pois, desde setembro deste ano, já não resta mais nenhum falante da língua undamaya. O povo undama, nativo da Amazônia boliviana, era composto de uma grande unidade familiar com cinquenta e dois indivíduos. Apesar de não possuírem escrita, eram ricos em música e poesia falada, frequentemente reunindo-se para contações de histórias ou rituais grupais semelhantes ao sarau. Mantinham uma técnica de manipulação minuciosa da voz durante o canto, que os expedicionários diziam ser “indescritível”, “transformadora”. Dessa forma, os undamas narravam tanto batalhas épicas quanto dramas e histórias aparentadas às comédias, fazendo chorar ou rir a todos com igual intensidade – inclusive aos enviados da UFTV, que, durante três meses, foram inseridos na comunidade e alegremente imersos em seu dia a dia durante a coleta de dados dos receptores em seus corpos. Lá, os especialistas viveram e formaram laços sociais que engrandeceram múltiplos aspectos de sua pesquisa.

Muito do rico arcabouço cultural dos undamas foi registrado com sucesso, resultando em um primeiro vocabulário digital de impressionantes nove mil palavras. Infelizmente, foi registrado, do mesmo modo, seu massacre. Entre os dias 21 e 22 de setembro,

as terras undamas foram lamentavelmente invadidas, e seu povo, dizimado. Não se sabe ainda quem seriam os responsáveis pelo ocorrido, apenas que o território era visado por múltiplas iniciativas bolivianas de expansão agrícola. Quando as autoridades chegaram ao local, nada mais poderia ser feito. O receptor do único membro da equipe de pesquisa que ainda permanecia no local foi recuperado de seu cadáver contendo os registros do ataque. Tal evento ocasionou um impacto negativo significativo nos resultados produzidos pelo aparelho, que, por mais que seja incitado a criar baladas ou comédias em undayama, só consegue entregar lamentações.

“Estamos trabalhando para contornar esse defeito”, tranquiliza Freire. “É importante lembrar que o AdAstra IV como o conhecemos hoje ainda sofrerá inúmeras alterações para alcançar sua melhor forma. Nosso objetivo é treinar o sistema para priorizar a análise de produções afetivas clássicas das comunidades na criação de novas obras que as representem. Músicas, contos, risos. O fim não é interessante em um projeto sobre continuidade”, acrescenta. Quando procurados, os integrantes da missão de coleta undama não quiseram dar entrevista, ausentando-se ou permanecendo em silêncio completo por toda a duração da reportagem. Ao fundo, vindo de outra sala, era possível ouvir os choros do AdAstra IV, ainda resistindo às tentativas dos engenheiros de software de fazê-lo cantar.

Os bons resultados do projeto levam a equipe a sonhar com novos horizontes, planejando missões de resgate sociolinguístico em comunidades de outros continentes, como na África e Ásia. “Nada mais será perdido para sempre”, garante Freire.



Literatura, águas, símbolos e cultura na Amazônia paraense

ROBERTA TAVARES

“Era como se o tio tivesse conhecido um ente sagrado... Ah se lhe fosse permitido vê-la e ouvi-la, nunca mais lhe esqueceria a voz, nem suas três cabeças enormes, abrindo as bocas de espumas para mastigar os matos da margem, partir canoas, revolver os fundos, virar navios.”

Não poderia jamais começar qualquer esboço de escrita sem partir de mim mesma, embora partir de mim mesma não signifique partir sozinha. Então, partir de si para construir uma reflexão, seja ela qual for, inclusive a literária, é sempre carregar bagagens acumuladas de muitos lugares. Portanto, quando parto de mim mesma para escrever agora, carrego comigo repertórios adquiridos ao longo do tempo, por isso parto de mim, mas parto também de outras pessoas, simbologias e lugares, e partir de todas essas coisas é uma forma de carregá-las comigo, portanto, entre tantas coisas que aqui carrego texto, está o escritor Dalcídio Jurandir.

Carrego comigo Dalcídio, carrego nossas águas, nossos símbolos, nossas chuvas e nossa gente. A citação que abre o texto é do livro *Três casas e um rio*,

publicado em 1958 pela editora CEJUP, do escritor amazônico marajoara, o terceiro livro da sua famosa série do ciclo do extremo Norte. *Três casas e um rio* faz parte de uma espécie de saga literária amazônica de dez romances. Embora desconhecido por muita gente, principalmente fora do Pará, Dalcídio é, sem dúvida, um dos grandes romancistas do século XX, leitura fundamental para quem quer adentrar numa literatura extremamente sofisticada e ambientada na Amazônia paraense.

A passagem que abre o texto são pensamentos do personagem Alfredo, alter ego do romancista, que ouvia encantado as histórias que o seu tio da linha materna lhe contava, histórias de matos e águas, e entre elas estava a pororoca, um fenômeno natural antigo e lendário na região amazônica. O grande estrondo, o espetáculo do encontro das águas do imenso rio Amazonas em sua foz com o oceano Atlântico. Um esplendor, em que, quando alinhados, terra, mar e lua proporcionam as chamadas marés lançantes, emergindo as imensas, violentas e espetaculares ondas.

Sebastião, personagem negro, contador de histórias, narra para os olhos e os ouvidos encantados do sobrinho o fenômeno da pororoca da Caviana, uma ilha do arquipélago do Marajó. Sebastião parece personificar material e metaforicamente a existência humana da população negra na Amazônia, “um homem *preto-preto*, mas por demais preto... Dona Amélia, personagem mãe do menino Alfredo, deu uma risada reconhecendo a fala, o riso, os largos passos do irmão. E o menino ia descobrindo no tio as viagens, trabalhos desconhecidos, misteriosos elementos da água e da selva que constituíam toda a existência daquele preto, sorridente e jovem”.

“E seu tio ali com os olhos e ouvidos cheios da grande pororoca, de que tanto falavam. A do Arari. Tão zinha, a do Guamá, embora de bom tamanho, como diziam, não podia comparar nem de longe com a que acontecia para as bandas da Caviana, naquelas regiões incertas e arbitrárias da costa norte. Sebastião falou-lhe do rio Juruá, lá no Amazonas, quanta lonjura.” O narrador diz que os tios da parte materna viviam dispersos na Amazônia e que, de repente, surgia um deles na frente de Alfredo, o mais moço, de violão, cabelo pixaim partido ao lado, lhe falando da pororoca da Caviana, para povoar ainda mais a imaginação do menino.



A água, essa entidade que marca tão profundamente nossas vidas, nossos mundos nesse território pulsante. Na obra literária de Dalcídio, encontro ressonância de existência, na sua escrita tão profundamente marcada pelas águas.

Certa vez, vi uma entrevista de Dona Onete, em que alguém lhe perguntava que tipo de carimbó era aquele que ela fazia, e ela deu uma resposta que me impressionou, disse algo como que “o carimbó que eu faço é um carimbó das águas doces do baixo-Tocantins”, o que, portanto, o diferenciava dos carimbós da região oceânica das águas salgadas. Algo que a compositora reafirma em uma de suas canções, respondendo a mesma pergunta sobre seu tipo de carimbó “que carimbó é esse/que toque maneiro/gostoso brejeiro/donde é que tu vens?/Vim do baixo-Tocantins/pra tocar aqui em Belém/das cabeceiras dos rios/dos lados dos igarapés/onde a canarana é viçosa/e o tapete é mururé/sou carimbó de água doce/muito diferenciado/porque tenho o toque maneiro/meu suingue é chamegado”.

O cancionero do carimbó é permeado de imagens de rios, praias, baías, igapós, matos e igarapés. Mestre Verequete cantava “eu fui passear de canoa/eu fui aprender a remar/a minha canoa furou na baía do Guajará/rema rema remador/vem aprender a remar/vamos ver se atravessa/a baía do Guajará”.

Um dos instrumentos musicais tradicionais do carimbó, o tambor deitado, em que o tocador ou tocadora senta em cima para bater com as mãos no couro, é pra mim também a imagem de uma montaria, uma canoa levada por quem rema, se iniciando com um ritmo mais compassado de um lundu que desliza nas águas até virar um carimbó mais acelerado, quando quem rema acelera e a canoa corre mais rápido pelas águas. O gesto do remar acelerado se assemelha aos toques mais fortes no couro do tambor. A imagem poética. O tambor deitado, quem toca se senta nele, como se sentasse para conduzir uma montaria, uma canoa nas águas.

Concedo-me o direito a essa imagem, o direito de entoar na minha imaginação, como quem entoa um canto antigo, como um ressoar de antigas presenças de gente, mato, água, bichos e sons permeando taperas.

Termino com essas palavras que aqui não são só minhas, porque trago das águas, dos matos, de mim mesma e do mundo real e literário nosso e de Dalcídio, para ofertar a cada pessoa que estenda seu olhar para

a imagem que trago, para que a palavra seja sempre esse lugar de expandir nossas janelas para o mundo.

Ah, não podia esquecer de contar que enquanto escrevo, em Belém do Pará, a exatas 15 horas da tarde, numa terça-feira do dia 11 de dezembro de 2024, cai uma enorme chuva, beijando a cidade e avisando que a internada (como aqui chamamos) chegou, até revisei um pequeno texto que ensaiei sobre a chuva, por volta de fevereiro de 2019, num momento em que a chuva também caía. Eu chamava atenção pra como aqui nos referimos à chuva de forma diferente. Nos referimos a ela como uma pessoa.

“Ela. O Tempo dela. Se ela deixar. Ela já vem. Tem que ser antes dela cair. Era pra ter ido antes pois ela tá cai-não-cai.” Uma pessoa desavisada, ao passar por aqui e ouvir esses diálogos, talvez não entenda logo do que se trata. Aqui a chuva produz vocábulos, diálogos, dizeres e códigos próprios, são entes capazes de nos legar imagens incríveis e poéticas, de permear nossas memórias de encantos.

Infelizmente, descasos e projetos antipoéticos e sem cuidado com a vida têm impedido as pessoas de terem o direito de constituir memórias de encanto pela chuva, quando a falta de estrutura básica nas cidades com suas lógicas de exclusão faz o tempo de chuva virar pesadelo. Mas não podemos culpar as chuvas pelas mazelas causadas pelos projetos da antipoesia.

E como aqui se inicia o inverno amazônico, termino lembrando uns versos de carimbó de um grande mestre marajoara, chamado Zezinho Viana, de Cachoeira do Arari, assim como Dalcídio. A propósito, a música se chama *Internada marajoara*: “águas que rolam pro mar/redes que descem nos rios/é o inverno que quer chegar/com vento forte e frio”.



Poemas que brotam

FRANCIS MARY (BRUXINHA)

Na minha infância, numa cidade rodeada de florestas, a poesia me abraçou. Quem sabe em um banho de rio, num igarapé ou ouvindo as histórias dos encantados que meus avós seringueiros contavam, ou quando mergulhei no poema de Luís de Camões, num livro que meu avô me apresentou, despertando meu eu poético. Assim, entrei no universo das palavras. Poemas brotaram do meu cotidiano, da minha identidade amazônica e seu imaginário, poemas de lutas, pertencimento e de encantados, que compartilho com os leitores.

Filha da terra

Eu nasci aqui,
no meio desse mato
me criei.
Nadei no rio,
bebi água nos igarapés...
Conheço todas as doenças
desta terra.
Conheço todos os ladrões,
todos os exploradores.
Conheço todos nós:
filhos da miséria,
irmãos da fome
e da esperança!

Amazônidas

Vem abrindo varadouros
a multidão de indígenas,
seringueiros e colonos.
Das lendas do rio
saem os botos
que se encantam
em guerreiros.
À frente cavalgam amazonas
levando nas mãos
os estandartes da libertação!

Semente coração

Na minha terra
plantam-se corações
e nascem lutas
dessas plantações.
O chão é regado com sangue
e as balas são sementes
que fazem calos nas mãos!

Muito

São sete capas de folhas
sobre meu peito de barro.

São sete cores de flores
me enfeitando de sol.

São miríades de estrelas
e milhões de girassóis.

São mil pulos de macacos
nos caminhos dos meus galhos.

São periquitos-estrelas
na manhã que avoam o chão.

É um presente e uma peia
nas noites de miração.

São muitos rostos torcidos
perdidos na escuridão.

São multidões de buracos
onde ecoam gritos surdos
que invadem meus ouvidos
com lamentos e gemidos.

Mas são milhões querendo
virar vento, amor e pão
e se alimentar do avesso
do sabor da piração!

Gogó-de-sola¹

O gogó-de-sola
se agarra nos gogós
sempre que se sente só
para domar a dor
que aperta feito cipó.

Na floresta, são conhecidas
suas histórias de ser livre e infeliz.

É um macaco perdido
nas brenhas da solidão,
sonhando luas e estrelas
no céu do seu coração.

E, quando no gogó
de alguém se agarra,
é em busca das palavras
que destravem sua fala
para gritar as dores
da floresta mutilada.

Ai, meu Deus,
que agora ele se agarra
é na garganta da minha fala!

Mapinguari²

O Mapinguari quando
dormir conseguia
se afogava em pesadelos,
se enrolava em novelos
de fumaça e tossia.

Não dormia, nem comia,
não sabia aonde ia.

Quando o sol se avermelhava,
seu único olho chorava,
vendo a mata que ardia.

Banho de igarapé

É um bálsamo preparado
com espíritos de passarinhos,
pra lavar corpos cansados
de pensamentos mesquinhos.
A água bendita do igarapé
desliza, tranquila, na paz
que vai da ponta de minh'alma
ao dedão do pé.

Araras

As índias yawanawás
olhavam para cima.

Seguindo seus olhares,
descobri por que sorriam.

É que liam, nas entrelinhas
das castanheiras douradas,
as histórias de amores
das araras que passavam.

Amor

É amor de Deus
Amor de Buda
Amor de Alá
Amor de Juramidam
Amor de Oxalá.
É Amor de receber
É Amor de dar
É Amor de não reter
É Amor de libertar
É Amor de querer bem,
de não discriminar
É simplesmente amor,
Amor de amar!

¹ Gogó-de-sola: macaco muito valente da mitologia acreana.

² Mapinguari: criatura lendária da floresta amazônica.

UMA SOMBRA
PÁLIDA QUE
DEIXA O
CORPO NA
HORA DA
MORTE OU A
ESSÊNCIA DO
SER, CUJA
PRISÃO É A
MATÉRIA?



AFINAL,
O QUE
É ISSO
QUE
ANIMA
UM
CORPO?



O pensamento aplicado, racional.
Estômago e baço. Nutrição. Em de-
sequilíbrio: preocupação excessiva.



Virtude: fé ou
solidariedade.

Seu som
é o canto.

O PENSAMENTO LINEAR
VÊ A DUALIDADE COMO
OPOSIÇÃO, BINÁRIA,
"ISTO OU AQUILO".

NA MEDICINA
TRADICIONAL CHINESA,
TUDO CARREGA O
SEU OPOSTO
DENTRO DE SI,



SEMPRE
EM MOVI-
MENTO.
YIN VIRA
YANG E
VICE-VERSA.



Alma etérea.
Discernimento,
expansão e o
sono. Entra no
corpo no nasci-
mento e se vai
na morte.



Seu som
é o grito.

Fígado e
vesícula.
Virtude:
bondade.

Em desequilíbrio:
raiva ou fúria.

POR MUITO TEMPO,
NÃO VIA COMO ALGO
DE MIM PODERIA
CONTINUAR NÃO
SENDO ESTE CORPO.

A PRIMEIRA VEZ QUE
VI A VIDA DEIXAR UM
CORPO, SENTI ALGO
DESSE IMATERIAL.



UM
BRILHO
NOS
OLHOS
QUE SE
VAI, E
QUE SE
VÊ IR.



Alma corpórea. Regula as trocas com o
ambiente. Pulmão e intestino grosso.



Morre
com o
corpo.
Seu som é
o choro.

Virtude: justiça.
Alcançada pela
contemplação.
Permite viver
a tristeza sem
que desequili-
bre em pesar.



PARA MATURANA E
VARELA, CIENTISTAS
CHILENOS, O QUE
CARACTERIZA OS SERES
VIVOS É A AUTOPOIESE:
A CAPACIDADE DE CRIAR
CONTINUAMENTE A SI
MESMOS. PARA ISSO
ACONTECER PRECISAM
DO AMBIENTE E DE
RELAÇÕES DE TROCA
COM OUTROS SERES.



Espírito do desejo,
consciência afetiva.
Coração, pericárdio,
intestino delgado
e triplo aquecedor.
Se expressa no
brilho dos olhos.



Seu
som
é o
riso.

Virtude:
respeito,
aos limites
próprios e
de outres.

Alegria. Gera
desequilíbrio ao
querer se impor.

SÃO AO MESMO TEMPO
AUTÔNOMOS E DEPENDENTES.
"E" EM VEZ DE "OU".

SER É CRIAR-SE, POSSÍVEL
APENAS EM PERMANENTE TROCA E
TRANSFORMAÇÃO. O QUE É VIVO
CARREGA MEMÓRIA DA VIDA QUE
VEIO ANTES E SE ENTRELAÇA AO
QUE EXISTE, EM CONSTANTE
MUTAÇÃO COLETIVA.



Força de vontade. Memória
ancestral e possibilidades futuras.
Se abre na escuta. Rim e medula.



O medo
bloqueia os
fluxos, de-
sequilibra.

Virtude: sabedoria. O
movimento constante
sem pressa.

Seu som é
o gemido.

ESPÍRITO DO TEMPO; A
ALMA DE UM POVO; AS
ESTRUTURAS DE CADA
ESPÉCIE - UMA ALMA
SERIA TÃO INDIVIDUAL
QUANTO COLETIVA?

PARA MIM, A QUESTÃO DA
VIDA TEM SE TRADUZIDO EM
UMA: CONTINUIDADE. DA
PEQUENA DÚVIDA INDIVIDUAL,
"COMO CONTINUAR SENDO
ARTISTA, COMO CONTINUAR
CRIANDO?", À CONTINUIDADE
DA VIDA COMO UM TODO.



PARAR DE CRIAR É PARAR DE VIVER. CRIAR (-SE)
CONTINUAMENTE É PERGUNTAR (-SE) CONTINUAMENTE.
SEGUIR VIVENDO É A GRAÇA. PORTANTO É TAMBÉM A
GRAÇA SEGUIR PERGUNTANDO.



AFINAL, O QUE É ISSO QUE UM CORPO ANIMA?
por diana salu

Flutuo até a sua língua

VALESKA TORRES

Através da janela, envolto na neblina que envolve o quarto onde durmo, um homem observa meu corpo nu. Ele se chama medo. A floresta é feita de criaturas, seres encantados e homens. É madrugada, uma fina luz dourada clareia os contornos da mata. Deixo a luz do banheiro ligada todas as noites para que meus olhos vejam os olhos do medo. Aqui, onde o frio enrijece a musculatura do corpo e as águas são imensos lagos frente às montanhas, penso nas palavras impronunciáveis e nos gestos que tento decifrar. O modo como digo a mesma palavra em outra língua ainda faz com que seja a minha língua?

O corpo se move tenso por debaixo de tantas peles. A mão, desbotada e seca, envelhece muito antes dos meus lábios, do contorno dos meus olhos, da curvatura de minha coluna. Parte do meu corpo que uso para fazer da palavra a minha delícia. Uma crosta cinzenta veste as dobraduras dos ossos que usei ainda muito jovem para apunhalar o vento. Alguns diriam que é de outra criatura as mãos que tenho agora, apontariam para o céu numa tentativa de nomear a minha estranheza, mas ninguém responde lá fora. Por enquanto, é breu.

Vocês esperam que eu diga a quem pertencem minhas palavras, e eu digo que elas pertencem à minha filha e à filha dela. As palavras que eu ainda não disse carregam a nossa mágoa. A nossa nostalgia às avessas. Os traumas das nossas tataravós e bisavós ainda estão impregnados em nossa árvore genealógica. Foram as palavras que não foram proferidas. Ainda assim, desejo o futuro. E que nele os olhos de minha filha vejam que a claridade é só claridade e que no escuro a paisagem ainda permanece intacta como no clarão.

Mãe, espero que minha filha não herde a nossa sombra.

Faz silêncio e penso que escrever é fácil. Então, talvez, as minhas palavras se curvem ao silêncio. Mas é muito tarde e muito cedo, os dois fusos se confundem e ainda estou sozinha, como estive há dois anos e sinto que estarei para o resto da vida. Me pergunto, por quanto tempo eu me acostumei com a perseguição dos barulhos da cidade em que cresci? Fiz do caos a matéria-prima. A interrupção, a minha violência terceira, e é assim que aprendemos a rejeitar o terceiro lugar no pódio. São às perguntas que recorro para dizer a palavra que esqueço.

Devoção.

Dez anos devota aos livros. Fazendo deles um refúgio adolescente, depois convicta de suas bênçãos, aprendi a manifestar os primeiros balbucios: trabalho, trabalhar, trabalho, trabalhar.

Minha irmã, como fazer o enterro daqueles que ainda estão vivos?

A literatura não partiu de mim desde o dia em que disse minha primeira palavra no mundo. A língua que uso é a língua dos meus colonizadores. Houve outra antes dessa que pronunciei pela primeira vez ainda filhote. Talvez seja uma língua extinta. Até isso eles tiraram de nós. A memória e o registro dessa língua não estão nos livros que sob a luz das velas os monges copiavam. O último exemplar foi mastigado pelo tempo.

A minha primeira palavra deveria ser dita em sua língua, tatara. A palavra que deveria ter sido passada pra sua filha.

Arrancaram a literatura de nós, tatara.

Por quê, para que este homem se sente à beira de minha cama? De que servem os olhos do medo? De que servem os galhos outonais desse continente que me tirou aquilo que deveria ter sido a minha primeira palavra? De que serve perguntar às minhas alunas o som da primeira palavra no mundo? Amanhã os contornos

ainda serão os mesmos. Vou acordar e desejar dizer: *bom dia*. E ainda assim, sozinha. Agora a floresta acontece lá fora, os homens e os esquilos também.

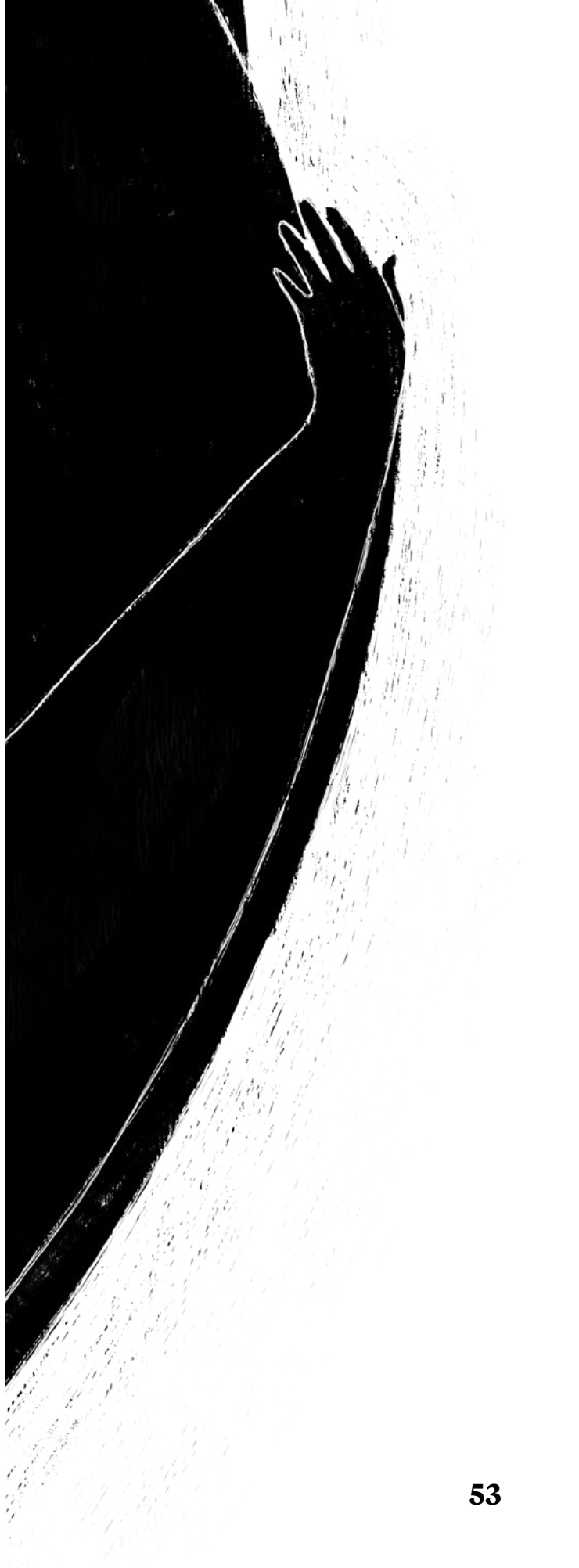
Cheguei a esta terra flutuando sobre o mar. Pronuncio o seu nome: Europa. Volto diante desse clarão que não esconde nada e desejo o espelho. Então sonho com espelhos, do outro lado meu reflexo dissociado dos meus gestos. Olho de novo, e ainda sou eu, mas não sou eu quem faz os gestos. Um duplo com vontade própria, refletido. O corpo não espelhado se desespera. Berra frente a outra pessoa que é e não é a mesma. Uma interjeição “ahhhhhh” e assim foi o primeiro som humano. Paracelso diria séculos mais tarde “A fala não é da língua, mas do coração”. Então o som interjetivo foi a nossa primeira herança. Espanto, espanto, terror, terror. Acordar de um sonho num tempo em que nem ao menos havia espelhos ainda.

Eles tiraram de nós o coração.

Imagino todas as línguas faladas neste mundo sobrepostas por todas as línguas extintas do outro mundo. É um quadro feito a partir de colagens. Uma línguas pequenas, outras robustas, todas cabendo empilhadas num quadro imenso. Esse quadro de tamanho continental é visto por outros seres a muitos quilômetros de distância do planeta e agora temos outro problema: os alienígenas se sentem preteridos, querem participar da festa. Alguém vai ficar chateado e nós bem sabemos que é o coração quem fala. Já foram os mares, as terras, os ares. O passado entrelaçado por inúmeras narrativas. O futuro é por onde navegam os alienígenas, então precisaremos de novo reinventar os nomes, os sentidos, outras propostas de experimentar o som. E a partir daí uma outra literatura com outro nome, mas ainda semelhante àquela que as anciãs praticavam.

Nada é tão velho que não se possa trazer de volta. Aí bem sabemos que nesta década de 20, neste século XXI, os saqueadores de sonhos se nutrem da contação de histórias. Revisitam e discutem a História. A ficção é um gênero vasto. Basta proferir palavra e assim traçamos o rumo do futuro. Esse mesmo em que alienígenas – que terão outro nome – descerão das galáxias e dirão uma nova língua, tão inédita que teremos que inventar nomenclaturas distantes desse passado que é, ridiculamente, binário.

E, de longe, aqueles que ainda não têm nome avistarão a Terra.



***Vejam bem, um copo de mar,
fogueirinhas acesas e o escuro tão
nítido quanto a claridade. Agora vejo
tudo e sinto que ainda não é nada. O
que acontece se eu for mais longe?***

É aqui onde tudo termina, e essa poderia ser a história das navegações, mas estamos diante de um precipício. Aqui é muito muito muito longe, e quando caímos, vemos que no fundo a terra guarda tesouros. Bichinhos subterrâneos dormem dentro de uma caverna distante de casa.

***Bakhita, seus olhos brilhavam em
direção a qual constelação?***

Os três olhos

Escrevo com três olhos voltados para o horizonte. Através do primeiro, direciono meu coração às coisas miúdas: uma joaninha pousando no parapeito da janela, seus olhos verdinhos encontrando com os meus que são castanhos e olha só aquele pato batendo as pernas e o rabinho no lago do Parque Tivoli. O outro olho cresce pro extracorpóreo, as energias que circulam entre esse vácuo dos nossos corpos. O coração sabe quando precisa se desconectar da mente. Talvez esse olho seja o mais difícil de dizer. Então não digo.

***As estrelas já diziam sobre nós
muito antes de nós mesmas.***

O terceiro é o olho do agora. É a presença. Faço tentativas meditativas, largo a pressa e, firme, rabisco letra a letra, porque até aquilo que me disseram que não serve é importante para o olho do agora. E vejo tão nítido, como se fosse possível uma vida distante do medo. Então, se vivo à espera do revide, é desse jeito que minha espera se curva. Faltam quantos minutos? Quantas horas? Quantas estações até que o medo me encontre novamente?

A minha escrita pertence ao tempo. Sim, sim. A primeira vez é sempre a primeira vez. E a última não é da alçada do relógio. Extrapola medidas temporais. Minha escrita pertence ao tempo. Meu corpo, o corpo daqueles que amo, os livros amarelados, a tecnologia e seus prazos de validade. Se ainda alienígenas descessem à Terra, encarariam a gravidade puxando os nossos ossos para debaixo da terra. Se inventamos a roda e o trilho, se estreitamos a velocidade dos encontros, se varremos a casa com um robô,

ainda assim, traçamos a linha do tempo. Estou viva para o próximo melhor álbum do século, aquele que vai incendiar as minhas pernas. As letras das músicas que virão depois de ter escutado as outras letras que já foram criadas muito antes da letrista nascer. É sob o espectro do tempo, com seus contextos políticos, geográficos e metafísicos, que encontro a parte de mim que olha com os três olhos apontados para essa língua-corção.

Estamos ainda mais distantes agora que escrevo
Revejo três, quatro e cinco vezes em minha memória:

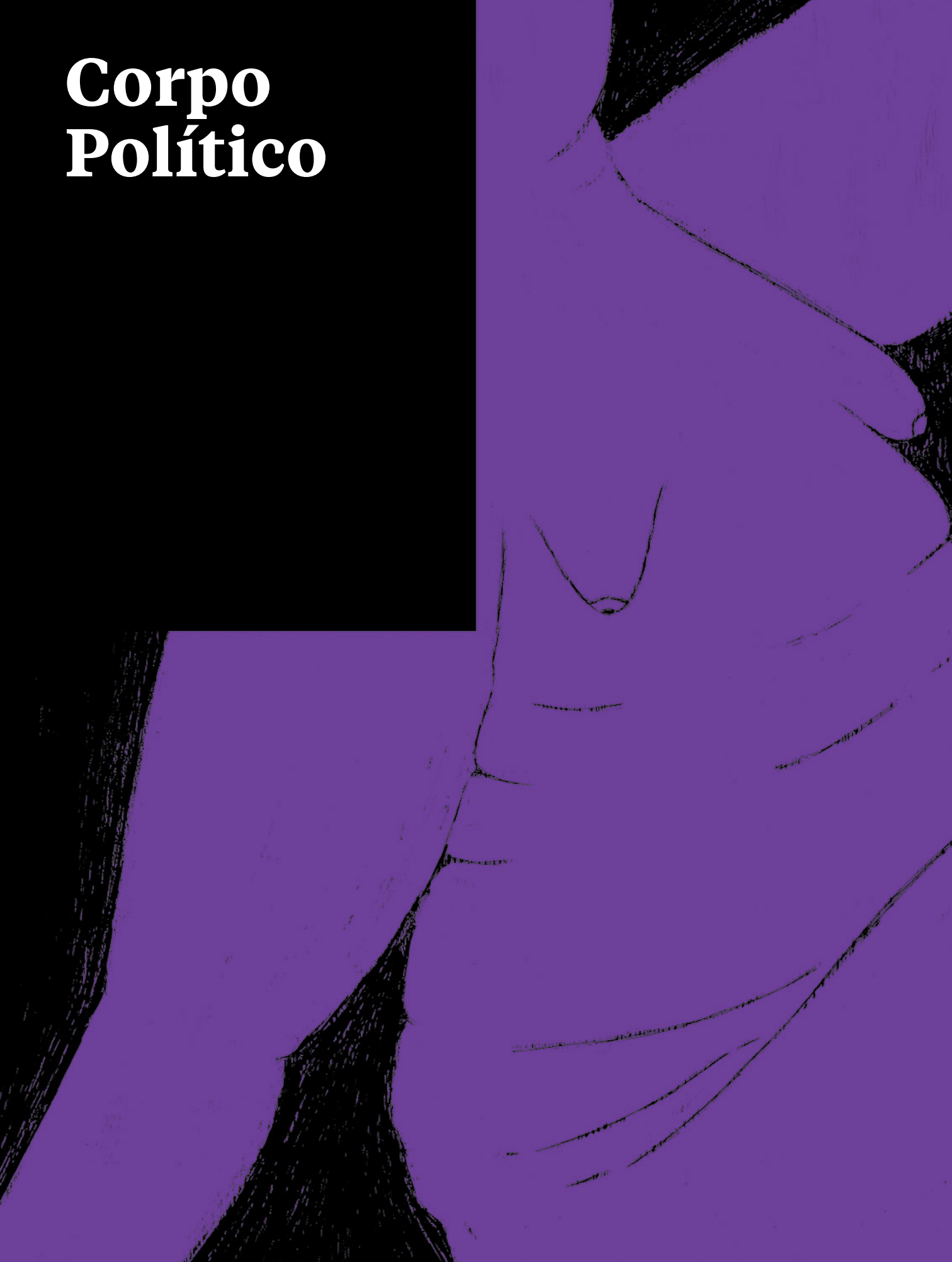
A fragilidade da neve se dissolve no
retrovisor do carro
A beleza lambe as minhas feridas
Estamos alegres como dois jovens que
descobrem pela primeira vez a paixão
Mas não dizemos sequer uma palavra sobre isso

É hora de partir. Fecho a porta do carro, como aquela cena barata de algum filme de pouco orçamento, em qualquer lugar do mundo sabem o significado desse gesto. Ainda sobrarão as palavras quando teu rosto for a escassez delas. Entretanto capturo, antes que eu seja capturada pelo tempo. Cada linha que escrevo é ainda mais distante. Estou muito perto da cura agora que te conheci. Cada um de nós amarrado, à sua maneira, ao seu continente. Escrevo porque imagino uma vida nova em meus sonhos, ao teu lado. E é nesse momento que percebo que, só por descobrir um novo sonho, ainda posso continuar.

Parto de mim, meu primeiro acontecimento. Décadas mais tarde: o marco zero do amor é o avesso do medo.

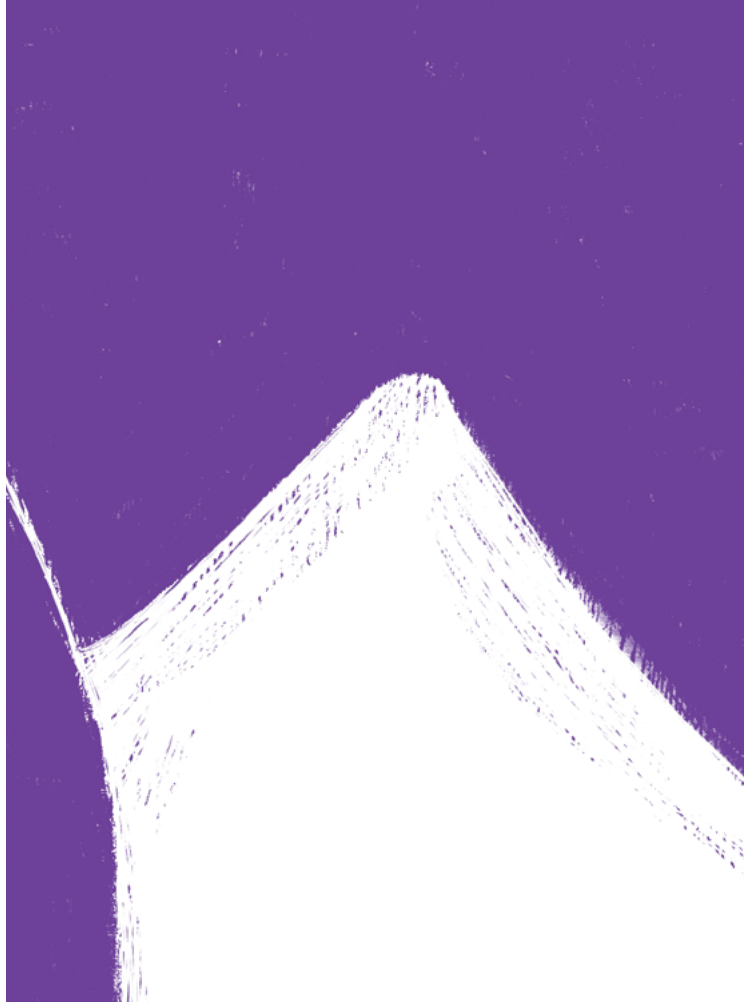
(Ljubljana, entre os dias 1º e 30 de novembro de 2024)

Corpo Político



Anî' piya' umaimu wanî¹

SONY FERSECK/WEI PAASI



A cada dia mais tenho a compreensão e vivência de que minhas palavras não são só minhas. Em minhas palavras vêm entrelaçadas palavras de muitas outras pessoas. Minhas palavras me precederam no antes do antes. Muito antes de 1500, da invasão colonizadora lusitana, os povos indígenas já semeavam suas línguas e palavras contadas, cantadas e encantadas. Cerca de mil línguas indígenas circulavam por Pindorama, esse chamado de Brasil, antes de 1500. Hoje temos cerca de trezentas. Tudo e todos tinham palavra. Tudo tinha encantamento. Mas nós, humanos, desaprendemos a ouvir essas palavras das outras gentes. Gentes essas que chamamos animais, vegetais, minerais, espíritos, corpos celestes.

No projeto Pantan Pia' (CAPES–CNPq), coordenado pelo já encantado Prof. Dr. Devair Fiorotti, que entrevistou cerca de trinta e nove mais velhos dos povos indígenas do chamado circum-Roraima, da tríplice fronteira entre Venezuela, Brasil e República Cooperativista da Guyana, em especial dos moradores das terras indígenas São Marcos e Raposa-Serra do Sol, em Roraima, pude me reencontrar com línguas,

histórias, cantos e orações não apenas de meu povo originário, Makuxi, mas de outros como Taurepang, Wapichana, Sapará.

O projeto partiu de um gesto aparentemente simples, mas que ainda hoje é uma grande dificuldade para a academia e a branquitude no geral: ouvir o outro. Fala-se tanto, mas compreende-se tão pouco. Fala-se tanto em lugar de fala, por exemplo, mas poucos buscam ouvir, praticar a escuta sensível, cultivar um lugar de escuta, por isso o caráter revolucionário desse projeto que traz para a academia uma coisa que já era feita originariamente, que eram as grandes rodas de conversa ao redor dos mais velhos em torno da fogueira. E se aprende muito quando paramos para escutar, principalmente quem está ali ao seu lado, como os povos indígenas que sempre estiveram aqui.

Pude então perceber como a colonização tentou calar não apenas as palavras e vozes desses povos indígenas, mas de muitas das outras gentes. Exemplo disso, recentemente, foram as enchentes que quase devastaram o Rio Grande do Sul. O que chamam de catástrofe natural nada mais é do que as gentes gritando para que



o ser humano reaprenda a ouvir que ele não é o único que tem direito à vida neste planeta. Busquei a partir de então compreender de que matérias eram feitas essas palavras que tanto resistiram às inúmeras violências e tentativas de silenciamento sofridas desde então.

Nesse caminhar,
os cantos para
mim foram uma
verdadeira chave
de virada na
vida. O canto que
ocasionou tudo
isso conclamou
em mim um antigo
parentesco: com
o sol. Ou melhor
“a” Sol.

Dois dos entrevistados pelo projeto Panton Pia', Terêncio Luis Silva e Zenita Lima, ele Makuxi/Taurepang e ela Makuxi/Wapichana, contaram suas histórias de vida e cantaram. Os setenta e nove cantos foram reunidos na obra intitulada *Panton Pia' – Ere-mukon do circum-Roraima* (2019), que traz em makuxi e português vários estilos musicais, como o parixara, o tukui, o marapá, o areruia. O canto que mudou minha vida foi um parixara. O parixara é um estilo musical que era entoado durante as grandes rodas de dança coletiva para festejar as boas caçadas, a fartura das colheitas, e duravam até semanas! Alguns mais velhos, como dona Eduína Ângela Castro dos Santos, uma anciã Makuxi, disseram que os homens chegavam trazendo as caças cantando parixara e eram recebidos pelas mulheres cantando tukui.

O Parixara 12 canta o seguinte: *uweyupe wei tapi'se/uipi sirîrî paapa/tiwiyupe wei tapi'se/kesera' uyepî paapa*. A tradução para o português ficou: “estou vindo agarrado na luz do sol/venho agora meu deus/ela vem agarrada na luz do sol/a maniva está vindo meu deus/venho agarrado na luz do sol/a maniva está vindo”. Isso foi um impacto! O canto me colocava em um movimento descendente, vindo do cosmos, amanhecendo, trazendo luz, ao mesmo tempo que me dizia que o sol era *paapa*, não apenas deus como traduzido, mas como “pai”, para logo em seguida me colocar dizendo que esse “eu” também era a maniva ou macaxeira, mandioca, a raiz que serve de base para a alimentação originária antes da invasão.

O canto reunia duas pontas, quase opostas e não conciliáveis para a ocidentalidade: a imensidão do universo e a roça de uma comunidade indígena. E, nesse ínterim, o “eu” cantado em língua makuxi, essa gente humana que nos autodeclarámos, se desdobrando em sol e raiz ao mesmo tempo. Isso mudou completamente a forma de ver tudo, porque percebi que o cosmos não está apenas lá fora: o cosmos somos nós, está dentro de nós. Somos uma potencialidade de existência que se manifesta em palavra e que em diálogo com as outras pessoas faz arte.

A partir daí, essa centelha de luz foi rebrilhando em muitos aspectos para entender o que são as minhas palavras: elas são feitas de sol, raiz, terra, palha de inajá e buriti, barro, urucum, jenipapo, caulim, espírito, reencontro, resistência, enfim, (re)encantamento. São palavras que muito antes de serem escritas em letras alfabéticas, foram inscritas. Inscritas no tempo e espaço pela voz nos cantos, no chão pelos passos de dança, no corpo com os chamados grafismos, pelos gestos no trançado de cestarias, na pedra com a chamada “arte rupestre” e agora na escrita alfabética. Como muitas dessas inscrições foram negadas pela colonização, muitos estão recorrendo à escrita alfabética para denunciar as atrocidades cometidas ainda hoje contra os povos originários, elaborar leis que busquem reconhecer direitos, demarcar outros territórios que vão para além da geografia, como a literatura e o imaginário. Um desses aspectos do imaginário da sociedade ocidental sobre os povos indígenas é o de que são povos ágrafos, o que não é verdade. Povos em territórios em Abya Yala, como os Nahuas, na região chamada de Mesoamérica, tinham suas escritas

e livros, os pictoglifos e códices. Muitos anciãos, como Clemente Flores, do povo Taurepang, da comunidade Sorocaima I, terra indígena São Marcos, dizem na obra *Panton Pia' – Makunaimö pantoü* (2019) que a chamada “arte rupestre” inscrita no Monte Roraima e na Pedra Pintada, este último, um grande sítio arqueológico em Roraima, são as letras de Makunaima. Ou seja, Makunaima, grande entidade dos povos destas bandas, é também nosso primeiro escritor, mas que só é reconhecido pelos estudos literários na forma plasmada por Mário de Andrade, *Macunaíma*.

Assim essas palavras, essas formas outras de escritas também, vão resistindo através da arte. Uma história que considero exemplar de que, ainda que nos tirem o direito a falar em nossas línguas originárias, continuaremos tecendo, bordando nossas palavras, é A'ka. A'ka era uma menina de dez anos de idade que foi “dada” para ser “criada” por uma família de não indígenas, de brancos. Criada muito mais no sentido de ser empregada doméstica do que no de ser adotada. E, como toda criança, fala em sua língua primeira, sua língua materna, no caso dela o makuxi. Sempre que tentava falar com os patrões, recebia um tapa violento na boca que lhe arrancava sangue. As línguas indígenas eram tratadas como “gíria”, “línguas do demônio”. Assim, seu nome originário lhe foi arrancado também. Primeiro lhe chamaram Regina, mas como havia outra Regina na família trocaram novamente, para final e cruelmente ser chamada de Iracema. Iracema, a indígena de José de Alencar, que, numa analogia da “nova” pátria que nasce logo após a independência de Portugal, morre dando à luz ao filho do europeu e assim abdica de sua maternidade originária.

Assim, A'ka cresceu, amadureceu, teve filhos, netos e morreu sem falar nem o makuxi nem o português, silenciada. Mas quando ela morreu, as filhas e netas foram organizar as coisas pessoais deixadas por A'ka e lá encontraram todas, muito bem organizadas, as agulhas de bordado e de crochê, os novelos e linhas, a forma com que ela se comunicava com o mundo, com o algodão, mantendo a capacidade de ainda escutar e falar nas línguas das gentes outras, ainda que isso lhe tenha sido tão violentamente negado com relação à língua, à palavra falada. Então, a neta dela, Kaiwino Wiz, nome originário de Georgina Sarmiento, reencontra essa arte, e juntas fizemos a obra *Weiyamî: mulheres que fazem sol* (2022). A obra reuniu quinze poemas

e quinze bordados que homenageiam as mulheres indígenas e chegou às semifinais do 65º Prêmio Jabuti na categoria Poesia. Isso nos deixou muito felizes porque não chegamos lá sozinhas. Chegamos junto com todas essas gentes e suas palavras.

Assim percebo que, mais do que pertencerem unicamente a mim, eu que pertenço às minhas palavras, que por sua vez pertencem ao povo, à terra, às gentes. Tenho dedicado a elas mais do que uma profissão, já que sou formada na licenciatura em letras; é meu compromisso de vida. Sou cofundadora junto com Devair Fiorotti da primeira editora independente de Roraima, a Wei, que busca publicar autores e línguas indígenas. No doutorado busquei investigar as literaturas indígenas partindo justamente do questionamento sobre de que matérias eram feitas as palavras indígenas. De que forma busco entrelaçar em minhas palavras sempre as palavras e vozes dessas gentes outras, tendo a preocupação de que, mais do que ler essas palavras, as pessoas indígenas, as mulheres indígenas em especial, se sintam lidas por elas também, que somos possíveis. Saibam que não estão sozinhas, que nossas palavras ecoam e ressoam nessa construção coletiva pelos direitos à terra, às formas de vida, a educação e cultura diferenciadas, que o acesso a bens sociais não nos diminui em nossos bens culturais e que sempre estivemos, estamos e estaremos nesta terra, buscando, como diz Ailton Krenak, estender um pouco mais nossa trajetória sobre este planeta, adiar o fim do mundo.

1 A quem pertencem minhas palavras? no idioma macuxi.

CORPO PRESENTE

POR CAROL ITO

QUANTAS VEZES
O CORPO FOI
NEGADO EM PROL
DO INTELECTO,
DA RACIONALIDADE,
DA SUPOSTA
SUPERIORIDADE
DA MENTE?



HÁ MUITO TEMPO,
FILÓSOFOS DO OCIDENTE
ELEVARAM A CONSCIÊNCIA
HUMANA - ÀS VEZES
CHAMADA DE ALMA -
A UM LUGAR DE
SUPERIORIDADE
E DE APROXIMAÇÃO
COM O DIVINO.



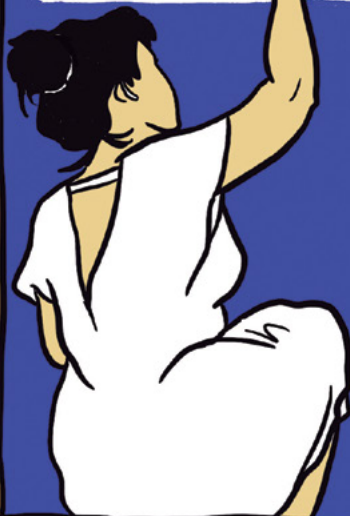
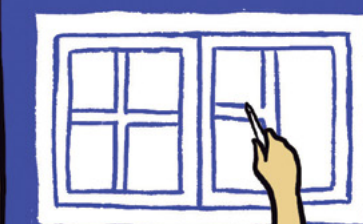
O CLICHÊ DIZ QUE SOMOS
OS ÚNICOS SERES
DOTADOS DE
RACIONALIDADE NO
PLANETA. CURIOSO PENSAR
QUE TAMBÉM SOMOS
OS ÚNICOS CAPAZES DE
DESTRUIR O ÚNICO LAR
QUE POSSUÍMOS...

EM NOME DE INTERESSES
SUPOSTAMENTE NOBRES E
VOLTADOS PARA
O "CIDADÃO DE BEM",
O CORPO É CONTROLADO,
VIGIADO, CASTIGADO
E APRISIONADO.



NÃO É NOVIDADE
QUE PUNIR CORPOS
DISSIDENTES É UMA
ESTRATÉGIA EFICAZ PARA
JUSTIFICAR OPRESSÕES
DE GÊNERO, RAÇA,
CLASSE E ETNIA.

"O PODER REQUER
CORPOS TRISTES.
A ALEGRIA, PORTANTO,
É RESISTÊNCIA, PORQUE
ELA NÃO SE RENDE",
ESCREVEU DELEUZE.



NEGAR O CORPO
É NEGAR A VIDA.

BASTA OLHAR
COM ATENÇÃO
PARA TODAS
AS POTÊNCIAS
E BELEZAS QUE ELE
PODE ALCANÇAR...



SOBRETUDO, POR MEIO DA ARTE E DA FESTA...



E VAI VER QUE O CORPO É A RESPOSTA.

Paleta

BETHÂNIA PIRES AMARO

Quando o pai o acordou, ainda era noite. Tomé nunca ia à aula na sexta-feira, era o dia em que virava catador junto aos homens maiores, seu pai e os outros. Vestiu-se, a mãe, já de pé, trouxe somente o café preto, ninguém conseguia comer àquela hora. Lá fora esperava o caminhão, um vulto maciço e fumarento que mal se apartava das sombras no entorno. Subiram. Toda sexta-feira, no mesmo horário, o caminhão vinha. Os crioulos já o conheciam, deram-lhe tapinhas nas costas e apertaram-se para encaixá-lo entre eles. O crioulo à sua esquerda fumava, caíram as cinzas no colo de Tomé, os cabelos negros vojavam, da mata umbrosa nada se via, nem daquele trecho de estrada. Era assim. O sono pesando a vista, o vento, e ao redor de tudo aquele breu. Os hálitos mornos cheirando a café e a cigarros.

Desceram no escuro mesmo, sentindo o caminho com as solas dos pés. Os sapatos ali apenas estragariam. As calças se enroscavam nos tornozelos de Tomé, o pai lhe estendeu o plástico plúmbeo e espesso com o qual ele foi envolvendo o braço direito, sete voltas até os ombros, todos ali gingavam o corpo nesta mesma





dança. Duas voltas nos punhos e então a separação entre o polegar e os demais dedos, até que tivessem todos as mãos de bonecos. Quando chegaram ao mangue, o sol raiava, o dia ainda frio e cinzento. Separaram-se em grupos, ele e o pai seguiram pelo meio, por entre as raízes aéreas que davam nós labirínticos por cima da lama. Naquele momento, com a luz entrando pela rede de galhos, o manguezal se transformava num mar de prata velha, ondulante e silencioso. Eles mergulharam os pés, o lodo afugentava os mosquitos, na fraca claridade se distinguiam os primeiros buracos no chão.

Tomé se deitou no solo lamacento, enfiou o braço protegido no buraco mais próximo, até o cotovelo, tateando. O bicho assustou-se e recuou, Tomé sentiu a pressão de suas garras contra o plástico e afundou ainda mais o tronco, o lodaçal adentrando as narinas e a boca, até que conseguiu puxá-lo, bem apertado na palma da mão – um macho grande, todo coberto de limo preto e sulfuroso, perfeito. Enrolou-o com agilidade na corda e passou ao buraco seguinte. Teve sorte por mais algumas horas, as fêmeas pareciam ter se afastado daquele território, havia apenas os machos gordos e agressivos que valiam dois reais a cabeça, talvez até dois e cinquenta se fossem vendê-los diretamente aos restaurantes na praia. A seu lado, o pai trabalhava como uma máquina, um caranguejo por buraco, quatro caranguejos por corda, Tomé tentava manter o ritmo, o sol queimando o cocuruto e fazendo suar o braço dentro da estufa plástica. Pararam brevemente para um lanche, engoliram as bolachas murchas a seco, logo voltaram a chafurdar no lamaçal, mas aí a sorte tinha acabado, encontraram apenas os filhotes que não se podia vender. Era assim. Contaram duzentos e oitenta caranguejos vivos, quarenta mortos pelos cambitos usados para atraí-los para fora quando os braços não alcançavam. O pai suspirou – outros morreriam no trajeto, teriam que conseguir mais amanhã.

Era quase meio-dia quando Tomé se ergueu, todo o lado direito do corpo dormente, apanhou os grandes volumes cinzentos nos quais se retorciam os bichos, juntou-se aos homens-lodo que avançavam enfileirados, satisfeitos com o sustento que carregavam nas costas. O caminhão regressara, decidiram seguir até o litoral norte, onde se acumulavam as belas praias e os turistas. Passaram os baldes d'água de mão em mão, Tomé foi tirando a lama do corpo, ao redor o manguezal cedia terreno à mata exuberante e densa,

ele podia respirar o verde úmido das folhagens, essa era sua parte favorita da sexta-feira. O concreto deu espaço às ruas bem pavimentadas do vilarejo, as casas todas recentemente pintadas, suas paredes amarelas e laranjas emolduradas de jardins. O sol a pino, ele derretendo sem sapatos, os caranguejos bem encaixados entre os joelhos, aos poucos surgiram as imensas dunas de areia onde se assentavam os restaurantes. Teria sido mais rápido vendê-los no porto, mas ali seria mais caro, ali pagavam cinquenta centavos a mais por cabeça, valia o esforço.

Quando desembarcaram, o pai tomou o rumo do Pontal, conheciam o seu Alcides de há muito tempo, era gente de boa lida. Chegaram pelos fundos, alô Dulcinéia, alô, alô, as cozinheiras na correria de sempre, Tomé vistoriou os caranguejos enquanto o pai negociava, trinta mais tinham morrido desde o mangue, esmagados pelo peso de seus companheiros. O pai negociava bem, os caranguejos estavam grandes, o seu Alcides ficaria com tudo. Tomé sorriu e foi ajudar a lavar os bichos, sabia que sempre lhe davam uma gorjeta no final. Submergiu-os no tanque e foi escovando com força, escovando a lama para o ralo, os bichos ressentidos tentavam pinçar a ponta de seus dedos, deixou-os todos limpos antes de apanhar a faca. Tomé tinha prática, levava apenas dois segundos para puxar a ponta do abdômen e enfiar a lâmina direto nas entranhas, depois arremessava os corpos na bacia, onde Dulcinéia vinha pegá-los para cozinhá-los no caldo com cebolas e tomates. Quatro caranguejos por corda, o movimento era quase mecânico, abria-os e apunhalava, os bichos moles já não resistiam, as pernas compridas e peludas arranhando a bacia. Ele curvado quase em dois, abria e apunhalava, as cabeças feridas soltavam um líquido escuro sobre seus dedos, o sol

impiedoso lambia a nuca e deixava feridas, mesmo se a pele ali já estivesse encaroçada. Duzentos e cinquenta caranguejos, quando acabou lhe doíam todas as juntas, precisava esperar o seu Alcides aparecer para lhe dar a gorjeta, àquela hora o restaurante estava a todo vapor, não havia jeito senão ficar plantado naquele pátio que às sextas se tornava um cemitério de caranguejos, festim de moscas-varejeiras.

Enfim veio o seu Alcides, deu-lhe dez reais e as ladainhas de sempre, a Dulcinéia pescou os caranguejos agora cozidos e cheirosos e depositou na cuia de barro, os caranguejos bem vermelhos em cima do tempero verde, ao lado vinham a farofa de dendê e o vinagrete. Tomé sentiu a boca salivar, mas logo uma das moças apanhou a bandeja e levou até a praia, sumindo na luz refletida pela areia branca e pelo azul imenso do mar. Ela colocou os caranguejos numa mesa de madeira, debaixo de sombreiros coloridos e inquietos, a mesa uma confusão de cangas finas e vibrantes em que tremulavam a bandeira do Brasil e outros temas, no meio daqueles verdes e amarelos pousou os caranguejos, vermelhos, vermelhíssimos, sem um traço de cinza. Era assim.

Palavras andantes

OTÁVIO JÚNIOR

Ilustrações de Valeria Felipe



As palavras, como sementes, andam por aí, buscando solos férteis onde possam crescer e se transformar em histórias. Mas o que é uma história senão o movimento das palavras?

O texto nos convida a uma celebração da palavra e da história. Ao mesmo tempo, ele nos alerta para a responsabilidade que temos em relação a elas. Ao contar nossas histórias, ao usar as palavras, estamos não apenas expressando a nós mesmos, mas também moldando o mundo ao nosso redor.

Perguntas em relação ao “mundo mágico das histórias” se entrelaçam no momento em que refletimos sobre o poder das palavras – como elas existem, se espalham e se fazem presentes em cada canto do nosso cotidiano. Cada gesto, cada respiração, cada olhar é carregado de histórias esperando para serem contadas, mesmo que em silêncio.

Esse diálogo entre criador e criação, das experiências vividas, das narrativas que ouvimos e lemos, se entrelaçam para construir nossa identidade e nossa visão de mundo. O texto nos entrega uma onipresença, mostrando que as histórias estão em tudo e em todos os lugares, possibilitando que cada um de nós se torne um contador de histórias, por mais simples ou complexas que elas sejam. Palavras como um patrimônio, que se transforma e se enriquece a cada nova geração, utilizando-se da diversidade que pode ser usada para inspirar, para informar, para emocionar, para conectar. E é na riqueza da linguagem que reside justamente essa diversidade, que nos permite expressar a complexidade da experiência humana.

Neste texto, buscaremos explorar essas questões, a infinita dança entre quem fala, quem escuta e quem escreve – o fascínio eterno da criação e da invenção por meio das palavras. O que elas nos dizem, e o que nós queremos dizer a elas?



Eu, escritor, crio as histórias
 ou são as histórias que me “inventam”?
 Como transformar palavras em histórias?
 Navego no mar
 ou é o mar que me faz navegador?
 Ando pelo mundo
 ou é o mundo que anda em mim?
 E que graça teria o mundo sem as histórias?
 As histórias estão por todos os lados...
 Se alguém espirra tem histórias...
 Se alguém tosse tem também...
 As histórias vão e vêm...
 De palavra em palavra
 todo mundo tem...

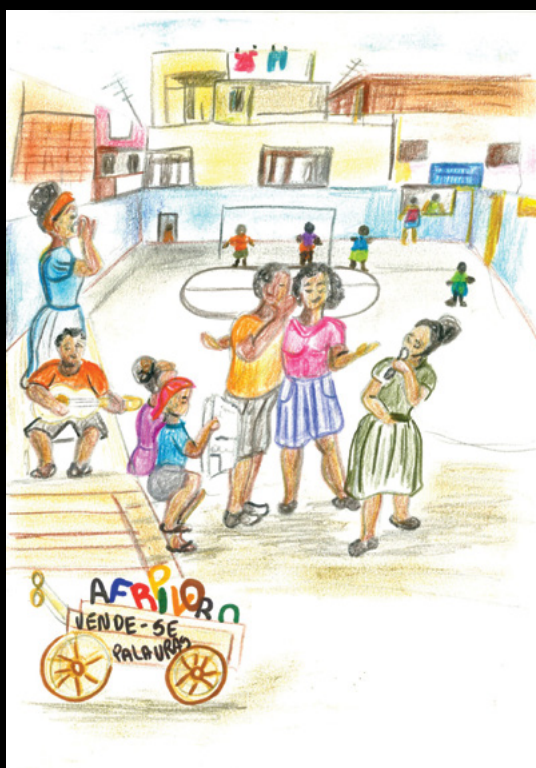


Palavras andantes...
Palavras que voam...
Palavras que nadam...
Palavras que afagam...
Palavras que ecoam...

E a pergunta que não deixa de incomodar:
Quem são os donos das palavras?!
Quem fala?
Quem lê?
Quem escreve?
Quem vê?
Quem ouve?
Quem canta?
Do adulto?
Ou da criança?

... uma história para contar!
Podem até inventar!
Desenhar também...
Cantar também pode...
Todos nós somos donos das histórias?
Das palavras também???
Que história você quer contar?
E que palavras quer usar?
Olhe para um lado e para outro...
suas palavras estarão por lá...

As palavras estão no ar...
escritas, faladas, cantadas, contadas...
GRANDES palavras ...
Palavras pequenas...
Doces palavras que inspiram poemas.
Palavras salgadas: Essas você pode
encontrar facilmente em uma salada.
Palavras escondidas, palavras não
lidas, que passam despercebidas.



O que uma escritora de ficção tem a dizer sobre a água? Essa pergunta me assombrou nas últimas semanas. A primeira coisa que me vem à cabeça é que a escritora pode começar pelas histórias, pelas relações que a rodeiam e constituem.

Sabemos que o capitalismo instaura uma série de crises.

Quero falar hoje sobre a *crise relacional*. Algumas relações – sob o regime de céu baixo da colonialidade – são enfraquecidas, forçadas à erosão e ao soterramento, ainda que não definitivo. Aqui, gostaria de fazer um convite para que percebamos nossa crise relacional com a água.

Enquanto escritora, não quero falar da água, ou dos corpos d'água, como pano de fundo, elemento de cenário, espaço, nem mesmo como metáfora. E muito menos da água como *recurso* – seja esse recurso em que se acredita, com a melhor das intenções, que precisa ser protegido.

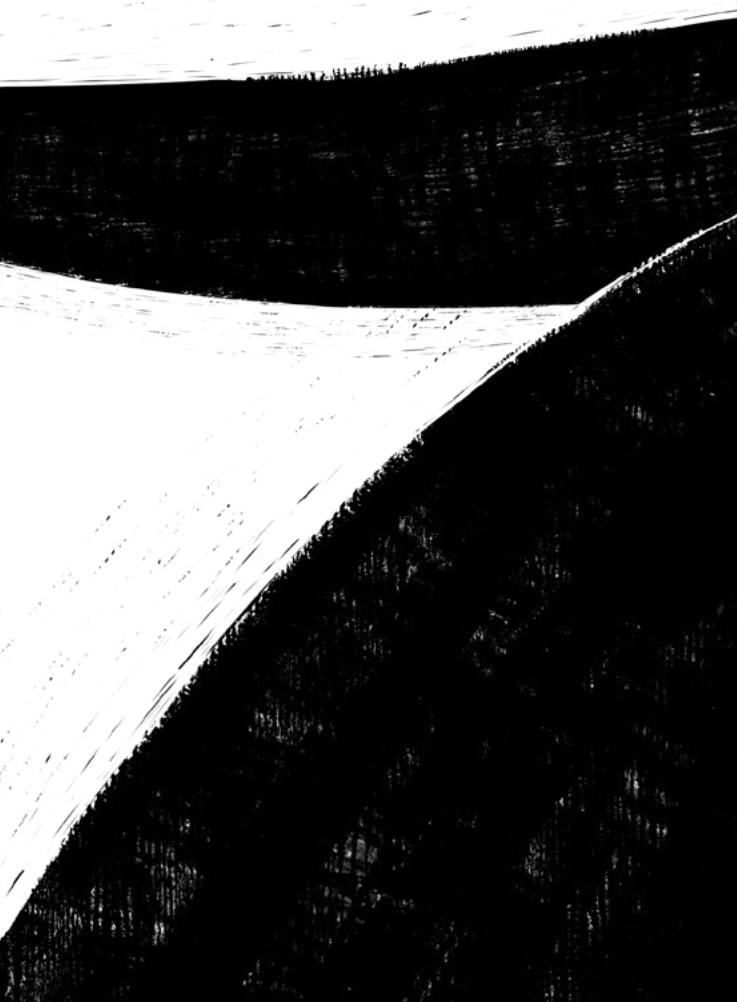
Quero falar da água como força. Entidade onipresente da Vida nas nossas vidas, que se manifesta das mais variadas formas. Formas com que temos maior ou menor grau de intimidade: chuva, névoa, granizo, queda d'água, rio, lago, lagoa, mar, também os vapores sem fim. Sua presença sentida no lodo, limo, no barro, mangue. Em boa parte do volume do nosso corpo (70% do corpo, 70% do planeta). E, por fim, o choro.

É importante fazermos esse exercício de perceber a água fora-dentro/dentro-fora de nós, porque tudo aquilo que rompe as relações que temos com o mundo do qual fazemos parte nos enfraquece e desencanta.

Então, daqui de onde estou, lanço para vocês uma pergunta-convite: e se recontássemos a nossa vida, a nossa trajetória autossociobiográfica (termo de Annie Ernaux) a partir da relação com a água? A água como força motriz para recontar histórias. O que você teria para me contar? Como você falaria da sua vida provocada pela presença da água?

Essas são algumas perguntas que fiz a mim mesma e que desembocaram em algumas notas que chamei de:





Notas autossocio- biográficas, escrever com a água

JULIA RAIZ

1.

Uma universidade inglesa conduz uma pesquisa com amostras de 258 rios de 104 países. Foram encontrados na água resquícios de medicamentos para dor, antidepressivos e ansiolíticos em todas as amostras. A pobreza aumenta consideravelmente o desenvolvimento de problemas de saúde mental. E isso diz muito sobre o Brasil como país. Penso no meu irmão, que morreu há quatro meses, todas aquelas cartelas de medicamentos para frear surtos de esquizofrenia agora flutuando debaixo dos meus pés, na água subterrânea. Um corpo morto primeiro incha, depois resseca. Um morto é aquele que devolve toda a sua água para o céu.

2.

Quando meu irmão tinha seis anos, fez cocô na piscina da casa de um amigo da escola. Foi proibido de voltar lá. Toda aquela água teve que ser drenada e isso custa dinheiro. A amizade entre os meninos foi proibida. Proibida também era a entrada dos meus amigos, Maykon e Michele, na piscina do terreno onde moravam. Eram uma família de caseiros, em troca de trabalho podiam morar na terra, mas a piscina era lugar proibido porque eles sujariam a água. Uma vez, quando dormi na casa dos meus amigos, sonhei que nós quatro – meu irmão, Maykon, Michele e eu – nadávamos pelados. Enquanto os proprietários da casa nunca achavam o caminho de volta, não podiam descobrir nossa desobediência nem nos punir.

3.

Cresci em uma cidade do interior do estado de São Paulo chamada Ibiúna. Cidade abastecida pela represa de Itupararanga, formada por duas grandes quedas d'água, uma com 18 e a outra com 56 metros de altura. A usina da represa fornece energia elétrica para as indústrias de cimento e alumínio. O volume útil da represa é de 286 milhões de metros cúbicos. Esse volume todo abastece cidades da região e faz com que Ibiúna faça parte do Cinturão Verde, produzindo hortaliças para todo o estado de São Paulo. Os agrotóxicos contaminam a água e as famílias dos produtores rurais mais do que os medicamentos para dor.

4.

Saí de Ibiúna há 16 anos. Hoje escrevo do Paraná. A palavra “Paraná” tem origem tupi-guarani, *pará* é “mar”, *anã* é “semelhante”. Um rio tão grande quanto o mar. O rio Paraná é o segundo MAIOR rio da América do Sul, o oitavo MAIOR rio do mundo em extensão, com 4.300 quilômetros. O estado do Paraná tem o MAIOR conjunto de quedas d'água do mundo em Foz do Iguaçu. Maior, maior, maior, essa palavra para os burocratas quer dizer “potencial hídrico”. Me recuso a usar o mesmo tipo de vocabulário: estou cercada de água por todos os lados, dentro-fora. Como não sentir a força da sua escrita em mim?

5.

No momento em que escrevo esta nota, o governador do estado do Paraná dá continuidade a um processo de privatização da Sanepar (companhia de abastecimento público de água). Mesmo sem nenhuma confirmação oficial, é o que alerta o Sindicato dos Trabalhadores do Saneamento do Paraná. Privatizações assim começam na calada da noite, longe da discussão popular, com ajuda de um instrumento chamado “caráter de urgência”. A privatização da água é um fenômeno de crise relacional: passa do uso da piscina, limitado ao proprietário de terra, à falta de saneamento básico para milhões de brasileiros. Água como recurso só pode ser água como propriedade.

6.

Didi-Huberman, filósofo, pergunta: como transformar o choro do luto em indignação coletiva?

7.

Antônio Bispo, pensador quilombola, diz: é preciso tomar lição com os ciclos das águas. Como aprender com a água uma outra maneira de se relacionar com a morte? Meu irmão fez a passagem: devolveu a água do corpo, e tem dias em que me deparar com essa devolução é insuportável. Tomar lição com a água talvez seja viver a circularidade. A água evapora e retorna em forma de chuva. Ir e voltar: “ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai – sem se desconectar” (Antônio Bispo). O saber da confluência dá margem ao luto e dá margem à indignação.

8.

Copio no caderno com a letra torta um poema de Fiana Hasse Pais Brandão. Leio em voz alta para a nuvem, para meu irmão escutar:

Lençol de água

*Nas tardes de verão quente e benigno
tão cheias de ruídos secos
a esperança mais íntima
o sentimento mais fluido
de cada um de nós próprios
amantes da matéria
era a água fria sob o solo*

9.

Meses atrás, sonhei com a alegria. Não lembro como ela era, mas a imagino uma corrente elétrica. A espiritualidade me ensina que a alegria é importante porque reanima os corpos, inclusive os corpos d’água.

Quem for capaz de alegria, alegre-se, reanime os corpos d’água.

Dívida

MÁRCIO BENJAMIN

Desde que a mulher morreu, Ezequiel decidiu não mais dizer uma palavra que fosse.

Foi a areia ribombar na madeira do caixão pesado e a língua do homem se deitar dentro da própria boca, secando pra sempre seus sete palmos, enterrada ao lado da falecida como um cão fiel.

E foi assim.

De primeiro o povo desculpou o luto, a perda insana que atravessava o juízo do velho lhe perturbava os pensamentos. Dor como aquela ninguém queria pra si, queria nada.

Deram de ombros em uma chuva de respeitos e os homens da cidade decidiram, de chapéus nas mãos e olhos baixos, esperar o tempo que fosse pelo retorno do companheiro. Afinal, o velho era um deles, era não? Dos poucos, contados nos dedos da mão, que cavaram as bases para a construção do povoado em um tempo do qual já nem se sabia.

Passaram-se muitos dias, mais de trinta, um atropelo de meses. Enxergou-se quase a esquina de um lustro inteiro enquanto Ezequiel remoía a sua saudade, trancado dentro de si como areado em seu próprio labirinto.

A casa varrida pelas comadres apiedadas; de dentro pra fora, como devia ser, os espelhos cobertos, e o coração do homem deserto, nas entranhas de um corpo seco, jogado por cima da cama grande, tal qual um saco de sorgo abandonado no roçado.

E a mulher valia tudo isso? – quiseram saber alguns, à boca pequena, quando o aguardo já se fazia muito além.

Até que um dia levantou-se Ezequiel.

Debaixo do céu ainda escuro tomou um demorado banho, perfumou-se com água de cheiro, engomou a melhor camisa, fez a barba e partiu pra feira, estalando as alpercatas gastas, mas honestas, pelo meio da poeira vermelha.

O avistamento do quase morto se deu em uma agonia zuadenta e a passagem do velho se atapetou em um chiado de mar, uma onda de milhares de cigarras que cobriam cada passo daqueles pés já pretos de barro seco.

Sem qualquer constrangimento que fosse, Ezequiel aproximou-se da barraca saudosa, ergueu um dedo em riste e não foi preciso qualquer palavra para ser compreendido.

Odete, velha conhecida, dona e proprietária das pingas dos fregueses, destampou a rolha da cana preferida e deixou que o líquido chorasse, por cima do copinho lascado, o seu doloroso aguardo.

Em um gole, o homem despejou a aguardente por dentro da garganta, estalando os lábios em aprovação.

Pediu mais uma.

E outra.

Até que a vista estivesse devidamente turva e o sorriso mole espreguiçado por cima do bigode alvo.

Arrodeando ambos, a feira nunca andou tão opulenta, com toda a população da cidade repentinamente interessada em tomates feios e galos vivos.

Odete riu um trinado de reconhecimento e demorou a vista nos olhos azuis de Ezequiel, ainda que meio leitosos da catarata.

Ergueu mecanicamente a garrafa, quase ao mesmo tempo que o homem sacudiu a cabeça de um lado pro outro.

Surpresa, colocou o vidro de volta em seu indevido lugar.

Até que foi atropelada pela delicadeza de Ezequiel, que levou a mão áspera da feirante às bordas da sua barba macia; por dentro dos seus lábios.

Com uma versada destreza, segurou as pontas dos dedos de Odete e, como se brincasse com boneco de menino, a fez lhe abrir a boca.

Acostumada aos rompantes dos bêbados do lugar, mas especialmente aos devaneios do próprio Ezequiel, Odete obedeceu.

De primeiro estranhou, porque não conseguia identificar nada além de uma rubra sombra.

Aproximou-se com cuidado e sentiu uma leve fígada no próprio peito assim que os últimos raios do sol pratearam a vista e o rosto de Ezequiel.

Porque Odete pôde enxergar, com muita clareza, em lugar da ordinária língua, um perfeito e pulsante coração.





Corpo Ancestral

Pisca- pisca

CALILA DAS MERCÊS

Lá em casa nunca tivemos árvore de Natal. Esses pinheiros plásticos enormes a gente só via nas novelas e na casa de gente de condição. Lá em vó, as meninas pegavam um galho seco, colocavam algodão branco para simular neve e depois colocavam aquelas bolas coloridas arranhadas e já gastas que ganhavam do que, se não aceitassem, iria pro lixo da casa de Doutor Marinalvo. Que na verdade era doutor-coisa-nenhuma, era só mais um herdeiro de fazendas de fumo e abacaxi que andava de carro pra lá e pra cá, ordenando a e b. Pessoal mais velho dizia que ele nunca tinha pregado um prego numa barra de sabão e não pegava fila em lugar nenhum. Chegava nos correios, todo mundo deixava ele passar na frente. No banco era a mesma coisa, chegava com malotes de dinheiro na mão e o pessoal já abria caminho, estilo aqueles quadros do mar vermelho que tem naquele mercado do Armando-crente, porque fora da Bíblia quem tem dinheiro tem prioridade para atravessar. Esse herdeiro de vez em quando fazia favor pro povo doente, colocava na parte aberta da caminhonete e carregava pro hospital, e também dava carona da roça pra cidade, da cidade

pra roça e já desenrolava uns portadores de recados, entregas e buscas. Dentro da caminhonete estava o lugar de Dona Aninha de José da Farinha. Ninguém podia ir sentado no lugar dela, que ficava quase sempre vazio. Só víamos ela sentada em dias de missas especiais, festa da padroeira e do período junino, em que o doutor-meu-marido, como ela o chamava, fazia questão de ir na hora do ofertório colocar aquela nota grávida que o povo nem conhecia direito.

A árvore de Natal deles era a maior que já tinha visto, pra lá de três metros de altura, e tinha vários piscas-piscas e enfeites diferenciados que não achavam em loja nenhuma, amarelos e verdes, parecia uma Copa do Mundo no Natal. Pessoal dizia que eles traziam essas coisas do estrangeiro.

Como conseguem trazer tanta coisa assim do estrangeiro e o estrangeiro não se importava? Ele era mesmo bom. Pensava eu cavalcando no meu cavalo de pau, e escutava o povo mais velho contando.

Lá em casa fazíamos nas palmeiras.

Dois votos para a do caqueiro de concreto a um voto para a do caqueiro de plástico verde. Os critérios eram sempre observar a que estava mais forte e mais cheia de folhas. Pegávamos a plantinha mais verde-brilhante. Mainha dava o toque final, fazendo uma poda rápida e pedindo pra gente dar uma limpada no caqueiro. A gente embalava aquele vaso calejado com papel de presente que guardava debaixo da cama para dar sorte. Mainha, antes de arrastar com a gente o futuro lar da nossa árvore natalina, já tirava três mudinhas e enfiava na terra do quintal. Ficava ali com as mãos na terra e só depois entregava aquelas caixas de cartões de Natal, o pisca-pisca de todos os anos que naquela época durava mesmo, e que pai-nho até trocava as minilâmpadas que queimavam. Vinham sempre de três a cinco extras dentro da caixa, e Seu Amado ainda vendia a unidade na loja de velharias e socorros da nossa rua.

Luiz e Mila já sabem, né, primeiro coloca os maiores, e na parte do olho da planta os menores. Ó, e cuidado com aquelas plantinhas-bebês que plantei ali quando forem brincar pra não quebrar as bichinhas.

Pronto, a nossa árvore estava pronta para mais um período do Natal até dia de Santos Reis. Teve uma vez que minha irmã Mila no dia 26 desarrumou a árvore rapidamente, guardou os cartões, piscas-piscas, e Mainha fez ela arrumar toda de novo, porque não pode fazer isso antes do dia dos três reis magos, sem nem ter tirado as sementes da romã e distribuído pra parentada toda colocar na carteira pra ver se a situação financeira melhora.

Aonde já se viu? Pode arrumar tudo de novo, que ninguém mandou você desarrumar nada.

Mas Mainha?!

Não tem *mas Mainha*, certo. Depois de Reis você guarda tudo.

Chegou minha prima Linda, veio da roça em que minha mãe nasceu, pra passar as férias da escola lá em casa. Era maiorzinha que eu, falava que nem gente grande importante e tinha passado de ano pra mesma série que eu, sexto ano. Inteligente, ela dizia ser. Usava sempre umas palavras grandes, que eu não sabia direito o significado, e aí ela me explicava.

Luiz, inteligente é ser capaz de ouvir e entender as coisas, ser silencioso, e ver além do que podemos ver. Se temos uma boca e dois ouvidos, significa que ouvir é mais necessário que falar. Dois olhos, duas narinas, duas mãos, sentir é mais necessário que ter e que mandar. Vó Margarida quem ensinou.

Linda dizia que nossa árvore era a mais original que ela já tinha visto. Original! O que é original? E que nem achava essas *coca-cola toda*, que ela preferiu dizer, adequada, a do Doutor Marinalvo, por parecer muito artificial, essa ela traduziu pra mim, que era para dizer que é de mentira tudo, tudo tudo, até o lugar vazio do carro, até a carona que ele tinha dado a ela junto a uma pessoa cheia de pontos que tinha recebido alta do hospital, e até o dinheiro que ele dizia ter recebido de uma venda de terras.

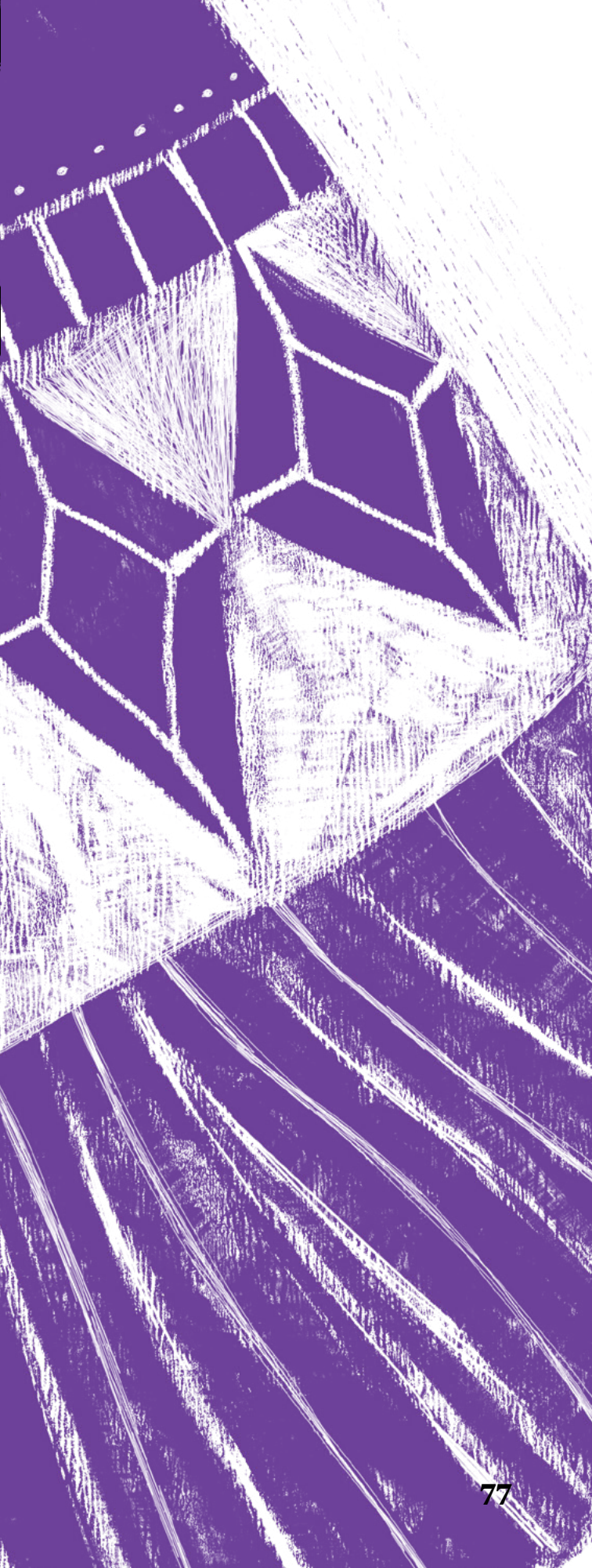
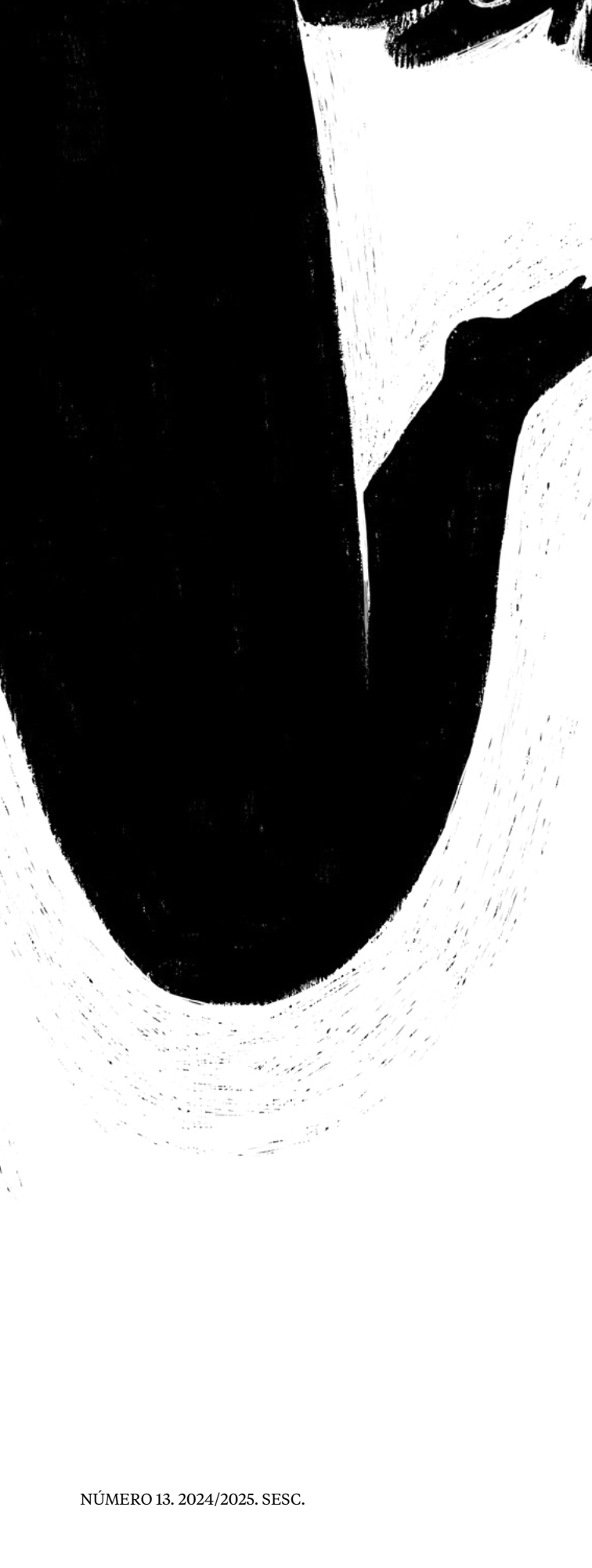
Ele está vendendo as terras que o pai deixou, será que está falido? Soube que ele falou na rádio que ia doar umas cestas básicas pro pessoal mais pobre. Será que quer ser prefeito? Quem

ajuda não precisa contar, né, tia?

Menina, não se meta em conversa de adulto!

A palmeira, mesmo carregada de tantas palavras, brilhava ternura. Era assim todos os anos. Uma árvore de Natal cheia de escritos, de papéis. Cheia de cartões pendurados com paqueras juvenis dos meus pais, abraços de tanta gente que nem existia mais e que nem me lembro do rosto. Gente que nem cheguei a enterrar. Mas que eles diziam que tinha sido boa gente, gente que ajudou a gente a ser tão chuva. Gente que nem sabia escrever, mas ditava palavras imponentes, como Linda me ensinou, para outras escreverem e desejarem um feliz Natal e um novo ano mais bonito para a gente. Mãe sempre dizia que nossa árvore era a mais verdadeira. E era.

Vixe, tem que chamar Painho que tem uma luzinha que queimou. Acho que ainda tem uma reserva na caixinha pra trocar. Melhor garantir mais uma em Seu Amado.



Dei pra participar das festas da vizinhança

JOMAKA

Dei pra participar das
festas da vizinhança
Sem nem ao menos ser visto

Roupas confortáveis às
vezes uso chinelos
noutras vezes fico descalço

Do lado de fora ainda estou dentro

Colando colando

Remendando fragmentos

A comida é o cheiro da rua

Músicas estão em cada cômodo

Rápido

Lento

O volume varia no espaço

Às vezes estremece as paredes

As luzes todas acesas

Cães e gatos pombos e ratos
mosquitos pássaros insetos
alto-falantes dos carros buzinas
dos carros das motos e do ônibus
que tem ponto bem aqui em
frente sirenes sinos alarmes gritos
altas risadas cantorias karaokê
televisão internet rádio ruídos
frases sem contexto palavras
soltas ouvidos papel e caneta

escrever é o ofício
Um copo de mar da vizinhança
E a festa literária está completa

Se prestar atenção
Dá pra ouvir histórias
As músicas mais distantes
A receita do bolo
Do pão de alho da caipirinha

se quiser aprender

Sabem fazer comida mexicana
Sabem construir aviões
Sabem inventar notícias falsas
Sabem dar nome pra
tudo em inglês

Nas festas da vizinhança
Do lado de fora ainda estou dentro
Não sei se falo
Ou só escuto

Quando chega a madrugada
Parece que acabei de acordar
Tamanha a força aberta
dos meus olhos
Lendo e tomando cerveja
café chocolate cigarros e

não aguento mais anotar
não aguento mais escrever
Mas não posso perder
aquela frase
o desfecho da curriola aquele xaxo
Não dá pra acreditar no ekê e

O povo não cansa e
nem vai embora
A bebura tomou conta de mim
Acho que foram os copos de mar

navegar navegar

Marinheiro só
Porém nunca

Palavras que são minhas
só aquelas que eu inventar

Ainda assim respiro com dúvidas

Mergulho em mim
quando afundo em histórias
Memórias retratos de
amanhã
Só se for agora



Cadê a doidera
Cadê a loucura
Cadê a saúde mental
Cadê o transmasc
Cadê a trava
Cadê noiz ali

livros livros livros
artes artes artes
pronome neutro e bajubá

A bússola que aponta pra lá
Lalala lalala

Lá onde desenhamos o
projeto do plano
O estudo da forma de conviver

Lá onde ser é seguro
É seguro porque estamos dentro
Mesmo do lado de fora

Lá não esquecem da gente
E podemos até chamar
falar sonhar concretizar

Plantar poesia
Rio
sem nem ao menos ser visto

Dei pra participar das festas
Da vizinhança

E é de penetra, juro
Faço tudo por detrás do muro

literatura história política
disputo
além de tudo
sussurros gemidos e

vento

estou sentindo muita fome

esqueci de perguntar qual
o nome do remédio pra

disseram que é preciso sair logo
tome logo ou pode ser
tarde demais

Shhh
fale baixo

vista-se

Não quero ir embora
não pertenço a ninguém

As pessoas me perguntam quando irei escrever sobre você

TÔNIO CAETANO

Tem horas em que, no silêncio da tarde, a gente se olha e sabemos o que é a verdade do mundo. Daí vêm os suspiros. Tua cabeça suave no meu ombro. E sempre o fechar de olhos num abraço, porque sentimos que abraçar é aproximar do coração. E talvez esse seja o gesto mais atávico, ancestral, a nos reorientar.

Aproximar do coração também é o que busco quando deixo livres as palavras para que algum leitor possa tomá-las para si. As palavras pertencem a quem consegue aproximá-las do coração. No momento em que nos distanciamos desse sulear, existe a posse e o engano de que podemos segurar algo pra sempre. A posse é instrumento de desalma, pertence a sistemas, estruturas, não ao que sustenta a breve e boa vida.

A escrita que pode nos contemplar é a que se dá no olhar, no suspiro que liberta, na utopia, nos eus que viram nós. E isso sei porque vejo o teu semblante mudar, o rabo ganhar rigidez, as pernas traseiras fazendo força, tracionando em rota de fuga, quando o abraço é muito apertado.

A palavra que aproxima do coração não é conquista, dívida, prisão. É liberdade, é não ter medo, como disse Nina Simone. O leitor se solta, se permite, se quer, se deixa ficar. Esta é a única política literária que pode formar leitores num país moldado na brutalidade como o Brasil.

Há sempre um copo de mar para uma pessoa navegar, diz o poeta. Penso que, depois da infância e da literatura, foi você quem me deu novas lentes, fonemas pra escrever. Foi a partir do habitar da tua presença nos meus olhos, na nossa casa, nos labirintos do dia a dia, que descobri que não há como estar no mar, nas palavras, sem dar corpo ao diálogo da arte com a vida.

Coloco estas palavras, Safira, na oportunidade dos teus nove anos. Sei que não é o teu idioma, mas também sei que as palavras são mais do que letras e, ao alcançar os leitores, podem chegar até ti multiplicadas nas sensibilidades.

E isso não é se confundir com o mar. É, a par de toda fragilidade, de tudo que nos quer afastar, decidir dizer não à dissolução. Resistir por meio da nossa verdade, que faz arte e abraça e encanta e reverbera. Nós podemos ser margens, lentes, sentidos a reorientar este mar.

O tom das tuas sílabas, Safira, são meu ponto de partida. É onde posso sustentar o vigor de tudo que expande. Onde posso deixar o corpo ir por si mesmo,



andar sem prestar atenção nos movimentos dos pés. E comunicar.

Tenho me ouvido demais repetir que é preciso cuidar de cada frase, de cada parágrafo, como quem deseja fazer chegar. Escrever é uma forma de estabelecer relação íntima, recordar, voltar a passar pelo coração. Sigo pensando que é preciso fazer as palavras tocarem o leitor, fazê-lo ouvir, sentir o cheiro, o gosto da palavra, da imagem, da memória ou da invenção.

Toda escrita tem origem, raiz, mas também se quer destino. Tentar chegar a esse lugar é desejo de encontro.

Tu era tão pequena, Safira, uma bolinha de pelos preta que não teve tempo de saber-se irmã, filha. Nesses nove anos, não recordo de ti reclamando do destino. Recordo do teu empenho em enterrar o primeiro osso, a imensa alegria de correr na grama do pátio até cansar, o farejar que ganha rua. A origem de tudo já estava dentro de ti. E, desde os primeiros dias, tua escrita sempre foi presente. A tua escrita também me inscreveu.

Perguntam-me se é possível pôr palavras sem partir de si. Respondo que sim, mas não quero. Quando afastamos nosso corpo, nossa história, das palavras, caímos na objetividade. Não há problema em ser objetivo. Mas eu gosto de frases longas, da poesia que brota sem aviso e me segura, da escrita que faz pensar, escrever. Escrivência é alimento pra quem escreve e pra quem lê. E aprendi com minha mãe que a vida é muito mais bonita quando a gente quer o outro sem fomes.

A tua chegada, Safira, coincide com o momento em que, saindo do curso de especialização em literatura brasileira, retomei os estudos de escrita literária. Sob o teu olhar, suspiros e companhia, pude escrever *Terra nos cabelos* e *Sobre o fundo azul da infância*, pude sobreviver à covid-19 e, mais recentemente, à barbárie climático-política que enlameou o Rio Grande do Sul.

Contigo, ando tão interessado nas coisas pequenas, no que já há em nós, no que acontece sem explicação, aquilo que, por não conseguimos definir, segue vivo, pulsante e impossível de se deixar pegar por qualquer racionalização.

Nove mágicos anos desde aquele dia em que você, de lenço vermelho, junto com outros de mesma estatura, dormia num cercado de um metro quadrado na borda do Parque da Redenção. Eu te escolhi porque, mesmo diante de um mundo como este, teu sono sem sobressaltos era de quem já sabia sonhar.

E, humano, deixei-me levar pela posse e te acordei. Precisava ter a imagem de você me olhando nos olhos pela primeira vez. E perguntei: que podia a arte diante do brilho dos teus olhos sonolentos?

Faz anos que venho te devendo um texto. As pessoas me perguntam quando irei escrever sobre você, ou pior, quando irei transformá-la em personagem. Mas também aprendi contigo, nas caçadas no quintal, que é preciso respeitar o tempo e o silêncio para não apequenar o salto. Às vezes, é apenas uma tentativa que temos.

Também é preciso uma vida inteira pra tentar compreender tudo que alguém é pra nós e faz a gente ser-no-mundo. Aquela lambida. A arte que não explica, mas aproxima o coração de algo maior, quem sabe pertencimento. Amor.

O menino que desenhava para o céu

JOSIAS MARINHO CASADACABA

— Jami, onde você está, meu filho?

Nenhuma resposta.
Só o farfalhar das
folhas da mangueira
sentindo a chuva
que se pronunciava.



— Onde será que esse menino se meteu? Essas nuvens e esse ventinho... Deve ser um chuvisco, mas vai atrapalhar a secagem das roupas.

— Búuuuu! Eu sou o bicho-papão!!

— O que é isso, menino?

Ela se assustou, mas pegou o menino nos braços e os dois se puseram a rir da brincadeira. Dona Dete gostava de sorrir e dar gargalhadas com o filho. Ali mesmo, ao lado da bacia com as roupas molhadas, embaixo do varal, eles se sentaram.

— Meu filho, está vendo aquelas nuvens ali no céu? Observe o formato delas. É diferente, né?

— Sim, mãe! Veja aquelas ali mais ao longe. Estão mais escuras!



— Isso mesmo, Jami. É gostoso olhar para o céu e procurar os detalhes. Parece até uma conversa por meio dos sinais que o céu oferece. Mas hoje, meu filho, vou te ensinar um rabisco para conversar com o sol. E só você, que é o caçula, que pode fazer esse desenho. Você vai ali embaixo da mangueira e procura um galhinho seco para servir como um lápis. Depois você vai até o centro do quintal, onde não tem muitas árvores, e vai desenhar um sol beeeemmmm grande. Maior que os teus braços abertos. E, enquanto desenha, você vai pedir para o sol ficar mais um pouquinho aqui e atrasar a chuva, se ele puder. Vai lá!

CONTINUA...



Estas páginas fazem parte de um projeto inédito de livro ilustrado onde um menino rabisca no chão de terra para se comunicar com o sol. Aguardem a publicação!

Afagar as palavras: mudar a si mesmo e o mundo

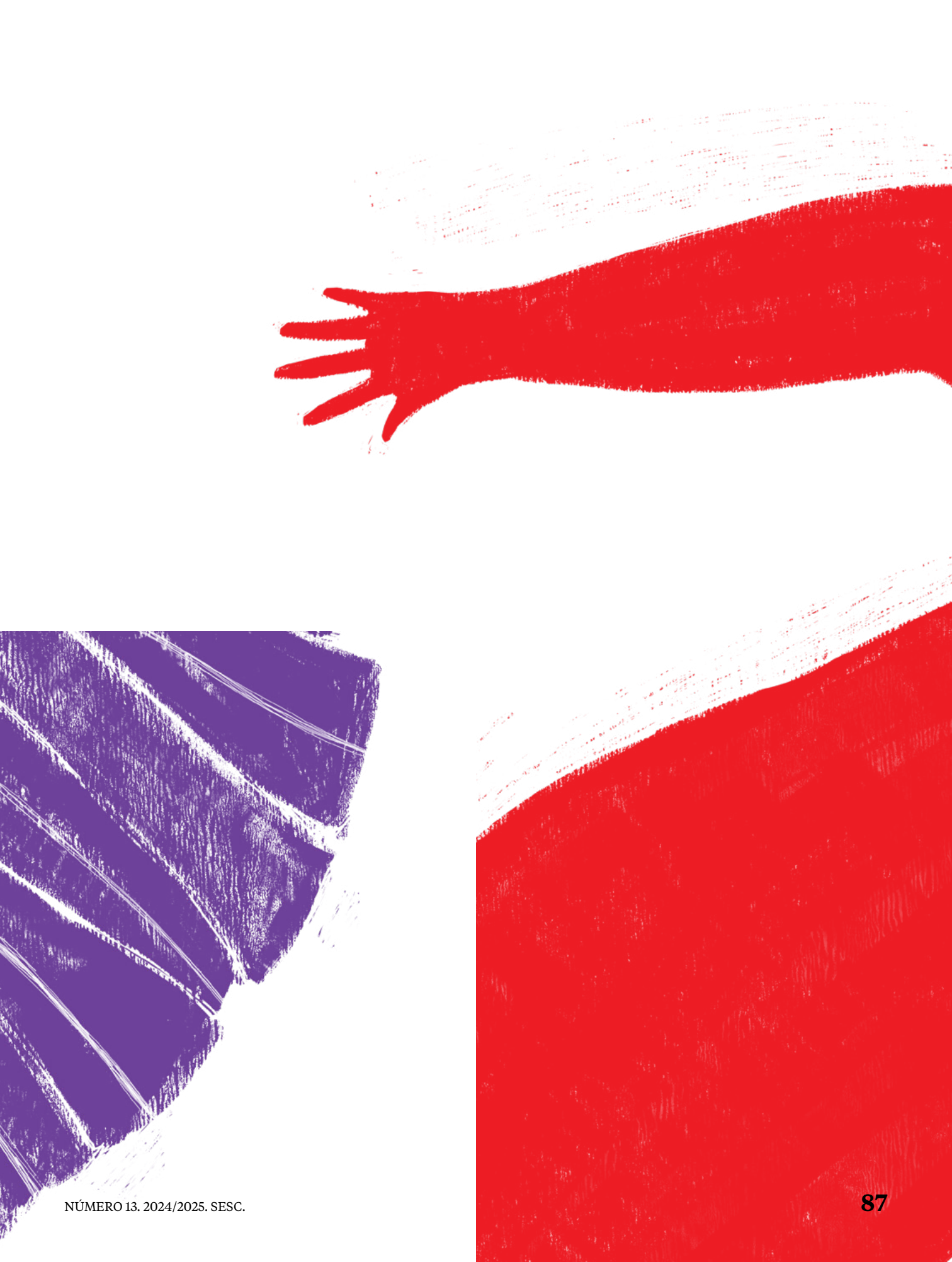
AIRTON SOUZA

O que podem as palavras contra as dores do mundo? Seus modos imperativos de violências? As agruras agarradas aos corpos? Os dilemas que atravessam, cotidianamente, os sentimentos? Essas são perguntas difíceis de serem respondidas quando pensamos, sobretudo, a quem pertencem as palavras de quem as escreve. A quem pertencem as verdades mais profundas por trás da soma de cada vocábulo, sentença ou frase?

É sempre o interrogar que move os sentidos rumo às brechas que as palavras abrem no mundo e também em nós. Não à toa o senegalês Mohamed Mbougar Sarr escreveu que cada homem sobre a terra deve descobrir sua pergunta. A pergunta que não só desvelará o sentido da vida, mas que é também fundamental dentro dos mistérios do coração e do destino. O mergulho dissonante capaz de buscarmos incessantemente e de maneira definitiva pelo que é necessário para nos reumanizarmos para sempre.

Isso porque as literaturas são permeadas por grandes questões que estão atreladas às subjetividades e à coletividade. E são, grosso modo, esses processos de interrogações que mobilizam os imaginários ou as fascinações provocadas pelas escrituras – sejam elas orais ou escritas. Eu acredito que escrever é, antes de tudo, tentar colocar em relação permanente dois processos antagônicos: o de ternura e o de vingança. A primeira – a ternura –, para tentar nos mostrar que, apesar de qualquer coisa, a vida é possível. O de vingança, permeado pelo que a vida não foi e, às vezes, ainda não é. Pelo que ela guarda de um passado repleto de feridas abertas. Embora a vingança tenha também, no fim das contas, algo de ternura. Algo de assaz, que a princípio é incompreendido por nós mesmos. De certa maneira, escrever é vingar todos aqueles que não tiveram a chance de aprender a escrever. É justamente nesse ponto que a ternura abraça o ato de vingar. Palavras e vida conjugando os sentidos do mundo.

A lembrança mais remota que tenho dos meus primeiros contatos com as palavras é a da mão calosa de minha vó Antônia, segurando firme em uma das minhas. Eu banhado. Cabelos penteados. O gosto de sabão por cima da língua e entre os dentes. As pernas cinzentas, meio que benzidas pela poeira da avenida Quinze de Novembro, na parte mais alta de Fortuna, no Maranhão. Íamos beirando as casas, tentando aproveitar as sombras delas, entre as valas de lama, os limos e os primeiros centímetros da avenida, em



meio a uma terra quase estranha. Hoje suponho que aquele era o nosso contrato mais tácito, não no sentido instrumental dessa palavra, mas no que ela pode significar em relação à comunhão.

Agora não me resta dúvida de que as raras vezes em que nós segurávamos um a mão do outro tinham a ver com a distância que separava a casa, a escola e as palavras que ainda não nos pertenciam. Escola e casa, dois chãos de aprendizagens díspares. Ambas localizadas na mesma avenida de terra batida, embora localizadas em sentidos opostos. Naquele tempo, nos anos finais da década de 1980, os paralelepípedos que hoje cobrem a avenida Quinze de Novembro eram apenas um sonho distante. Por isso, sempre que começávamos a nos distanciar de nossa casa a poeira do chão besuntava os nossos pés, deixando-os quase cinzas. O calor excessivo impregnado nos pedregulhos aumentava o meu medo da distância. O desconforto que apenas o desconhecido é capaz de nos fazer sentir. O medo intuído. Aquilo que acaba por provocar em nós uma espécie de salvamento que somente a palavra anos mais tarde concretizaria.

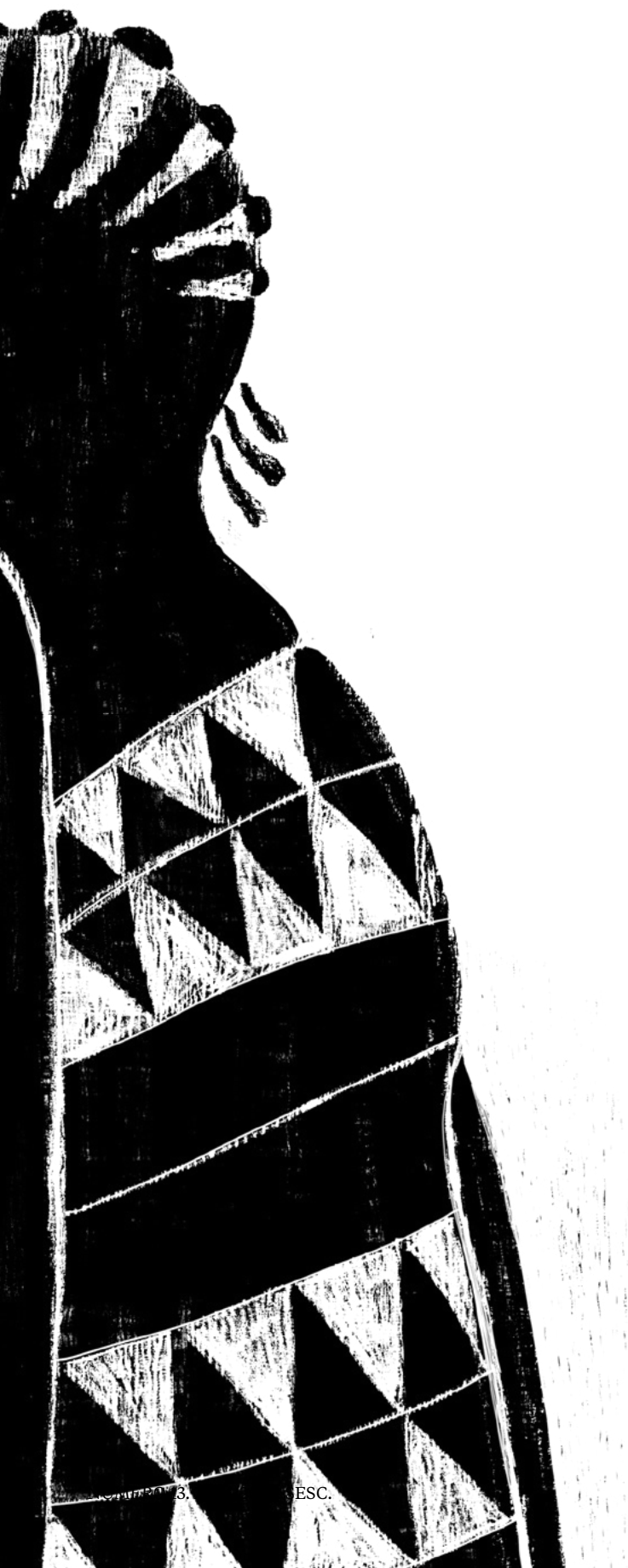
Enquanto caminhávamos, o cheiro de paiol que saturava a casa da vó e a imagem de todos os camponezes de nossa família alertavam-me para alguma coisa que até agora eu não consegui decifrar por inteiro. Embora fosse certeza que o estranho cheiro jamais pudesse ter qualquer ligação com a calma de meu avô Armando, com os seus braços meio brancos, meio avermelhados. Com o som quase rouco de sua voz e as suas camisas abotoadas só até a altura de seu peito.

Confesso que, de vez em quando, as minhas esperanças estavam na mão da vó Antônia, que, enrugada próximo às unhas, já começava a angariar os indícios da velhice. Contudo, estranhamente sempre no meio da distância que separava a escola de nossa casa a vó soltava minha mão e repetia esta frase, como se fosse parte de uma de suas rezas: *vai, meu filho!* A candura na voz não diminuía meu medo. A singular beatitude nos olhos dela não aplacava minha vontade de voltar até ela e dizer: *vamos, vó!* O que seria palavra contra palavra. Ordem e desordem.

Só muitos anos depois é que fui compreender por que ela fazia isso. Um dos motivos era que eu tinha que aprender, a qualquer custo, a trilhar meu próprio caminho. Aprender, sem medo, onde pisar. Aprender a calcular cada tragédia do passo em falso que daria.

Porque, mesmo sem nunca ter lido *Grande sertão: veredas*, minha vó já tinha aprendido sozinha que o que a vida quer da gente é coragem. No fim das contas, o que ela tentava fazer, ao soltar minha mão, não era apenas dizer: *vai, meu filho!*, mas preparar-me para lidar com as coisas inefáveis do mundo.

Eu tinha a mão livre. Na outra levava um lápis, uma borracha e um caderno brochurão de capa colorida. Em suas folhas consegui esboçar os primeiros riscos do fio de Ariadne e das milhares e uma noites que ligavam todas as histórias de meus parentes que não tiveram a chance de ir à escola. Que não tiveram a oportunidade de aprender pelo menos a escrever seus nomes. Eu não tinha noção de que naqueles objetos estava o meu destino. A oportunidade de descortinar outros sentidos sobre a vida. Que neles estava a única chance de aprender a ler e a escrever o mundo, ao mesmo tempo que também escreviam algo em mim. As coisas e o mundo postos às margens. As experiências fronteiriças nas palavras. O elo joyceano entre a carne, o verbo e o dia.



Antes de começar a ser conduzido à escola pela mão da vó eu já havia experimentado o peso do analfabetismo. Os lanhos nas costas e nos braços deram-me a noção de que necessitava consagrar a minha pele e os meus sentimentos a outros horizontes. Esses lanhos eram o resultado de quem tinha que ir dentro do coche, conduzido no rumo da roça por um jumento montado pelo vô Armando. E isso nem foi a lição mais dura que o analfabetismo me ensinou. Anos mais tarde, já em Marabá, no Pará, de volta à casa de minha mãe, eu aprenderia a pior de todas as lições sobre o analfabetismo, que era a de ver minha mãe ir, muitas noites, dormir com fome, porque tinha que repartir o resto de comida que sobrara do almoço com os filhos. Ela sempre mentia, dizendo que não queria comer porque estava sem fome. Agora minha mãe está morta. Meu pai está morto. Meu vô está morto. Felizmente minha vó continua viva, e nem tem a dimensão do quanto a sua mão repleta de calos e de rugas ensinou-me que o que a vida quer mesmo da gente é coragem.

A avenida Quinze de Novembro configurou-se como uma outra margem possível. Foi ela também que, aos poucos, deu-me a noção da vastidão do mundo. As sombras das casas. A mão da vó. Os pedregulhos. A poeira besuntando os pés. A quentura. Todas essas coisas dando-me a chance de renomear o sensível, o poder das palavras, os seus pertencimentos múltiplos, multifacetados, e fazendo-me compreender aquilo que escreveu Benedicto Monteiro, ao afirmar que a vida e a escrita não tinham princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem... mas outra margem... No fim das contas as minhas palavras pertencem à outra margem, porque a escrita me permitiu enxergar outras possibilidades do mundo e da vida.

Aí pe'îra arapygua 'ei¹

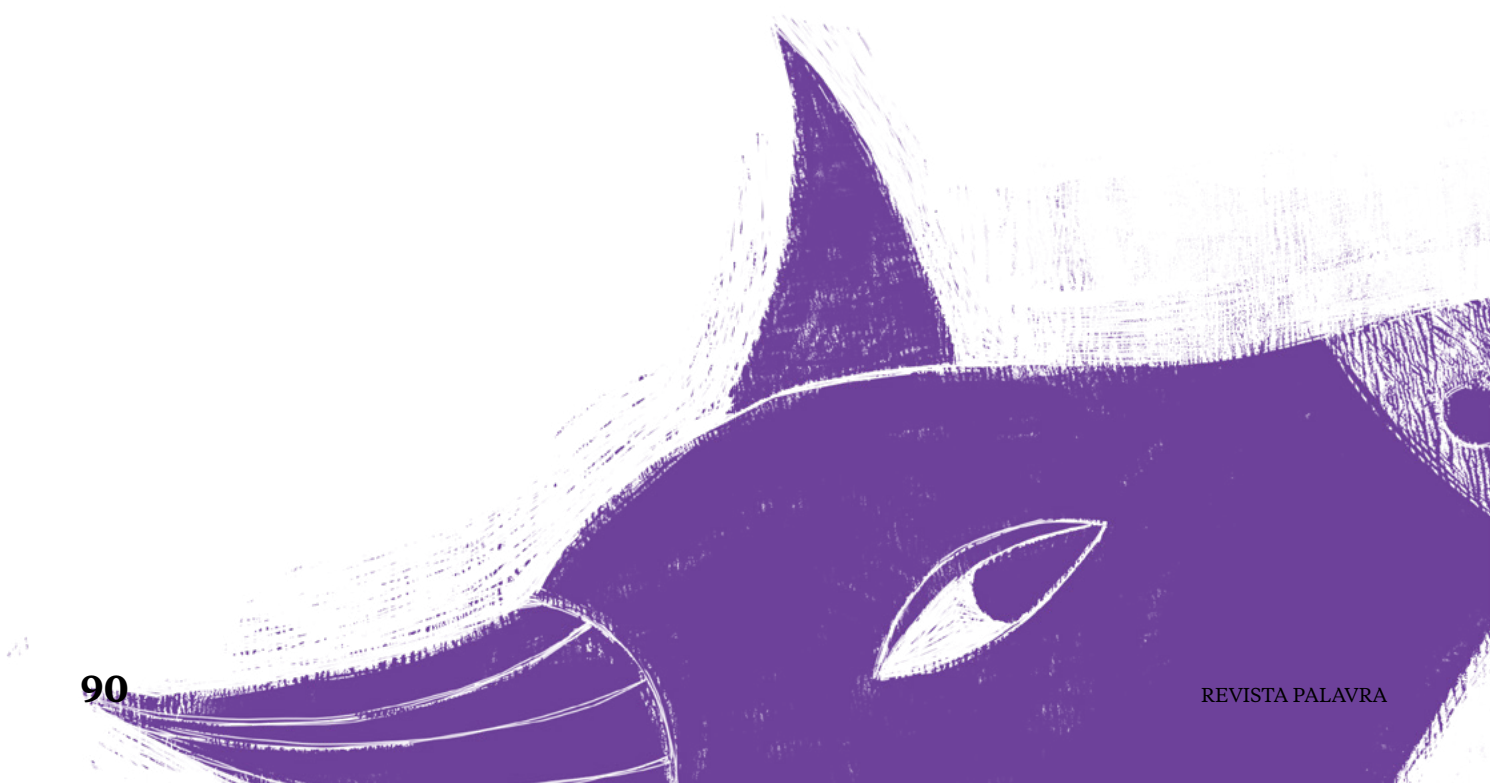
AURITHA TABAJARA

Licença, meus ancestrais,
Firme no meu maracá,
Voz da semente lançada,
Nas penas do meu cocar,
A flecha e o pensamento
Serão sempre o ensinamento,
Para eu poder começar.

**

As memórias que componho
Terão uma direção,
Aos leitores deste texto,
Pra não esquecer quem são,
Assim como a cestaria,
Trançando a sabedoria,
Na dança da inspiração.

**



Em minha pequena aldeia,
Onde tudo é conversado,
Quando se tem uma dúvida,
Nosso velho é acessado,
Isso é do povo nativo,
Ancião é livro vivo
E não coisa do passado.

**

Meu avô era vaqueiro,
Nas serras do Ceará,
Minha avó, sábia parteira,
E o canto do sabiá
Fala muito com os dois,
Não se deixa pra depois,
Lição do lobo-guará.

**

Fecho os olhos e me lembro,
Dos aboios que aboiava
Vindo da encantaria
As toadas que cantava,
Voz forte e com alegria
Coragem e maestria
O gado o escutava.

**

Sabia de longe o tempo,
Media as horas com a mão
Se ia chover ou secar,
E falava a direção,
Que o sol se encontrava,
Com carinho ele falava,
Seja um sábio ancião.

**

O meu verso é solo fértil,
Que o vento pode espalhar,
Em mentes desconhecidas,
No mundo, em qualquer lugar,
Pertence a quem for caminho,
Como rio que anda sozinho,
Mas o limite é o mar.

**

Um grão livre pela terra,
Sem margem da sua raiz,
Quem ouve, sente e transforma,
Vai além do seu nariz,
Não espera outro plantar,
Disposto a respeitar,
Cada sílaba do aprendiz.

**

Palavras não têm fronteiras,
Mas pertencem ao cuidado,
De arremessar em alguém,
Ou também ser arremessado,
Depois de serem ouvidas,
Podem custar uma vida,
Ou um “C” bem-educado.

**

Hoje é lembrança viva,
Na memória do sertão,
O avô que foi vaqueiro
É herói de geração,
Sua lida com o gado
Será livro encantado,
Virou canto e tradição.

**

Minha avó, grande pajé
Da aldeia ela é parteira
Contadora de histórias,
É também a mezinheira
No ritual do toré
Faz um banho de guiné,
É anciã Curandeira.

**

Palavras eu vou falando,
Para ser interpretada,
E ganharem vida própria,
Ou talvez ignoradas.
Despertar na tua mente,
Quero ser uma semente,
Para em ti ser germinada.

**

Reagir pertence ao tempo,
De escuta e experiência,
A quem pertence a palavra?
Ao mundo da referência.
Depende muito de nós,
Transmitir a nossa voz,
Promover a com-ciência.

1 A quem pertencem minhas palavras?
no idioma nheengatu

Ilustrações

Como um corpo fala? Quantas cantigas e histórias contém? Como a natureza e a cultura se infiltram em nós e se constituem como parte indissociável de quem somos? Essas provocações, a partir de conceitos como linguagem, corpo-território, identidade e suas interseções, conduziram o processo artístico das ilustrações. A escolha por corpos diversos em formas e gestos expressa a maneira como interagimos e ocupamos os espaços aos quais pertencemos e onde circulamos. Um corpo brinca, dança, acolhe, repele e encontra, buscando os significados que dão contorno à sua existência. As imagens não se pretendem tradutoras das palavras, mas se alargam em significados à medida que se relacionam com os textos verbais e, juntos, crescem quando confluem com o projeto gráfico. Linguagens que convergem em direção à noção de corpo-território investigada aqui. As ilustrações nascem a partir da interferência de um projeto que, ao propor um deslocamento na maneira como significamos as representações por meio da fragmentação e da interação dos elementos no espaço das páginas, rompe suas fronteiras, ampliando as leituras e as percepções. Desse modo, foi imprescindível pensar as ilustrações a partir do projeto gráfico, pois suas texturas, inscrições, ruídos e margens se integram ao todo desta cartografia.



Carol Fernandes nasceu em 1987 em Belo Horizonte (MG) e mora em Sabará (MG), onde trabalha como autora de livros ilustrados. Conheceu a literatura para as infâncias durante sua

graduação em pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FE/UFMG) e descobriu seus próprios textos e imagens. Cria utilizando técnicas em aquarela, acrílica, guache e digital. Além dos próprios livros, também é coautora de diversas obras ao lado de outros autores e editoras. Em 2023 foi a ilustradora convidada do 5º Festival Literário Internacional de Belo Horizonte. @carolcaracolilustra





Colaborações



Ailton Souza nasceu em Marabá, em 1982. É doutor em ciências da comunicação pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor da educação básica. Autor de *Otuno de carne estranha*, que

venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2023, foi finalista do Prêmio Oceanos e Prêmio São Paulo de Literatura, em 2024. Seu romance *Fedor da carne de deus* venceu o Prêmio FCP de Literatura. @airtonsouza



Atena Beauvoir Roveda é professora licenciada em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), antropóloga em formação na Universidade Federal do Rio Grande do

Sul (UFRGS), autora de nove livros, entre contos, poemas e crônicas. Recebeu menção honrosa pelos direitos de pessoas LGBTQs na cidade de Canoas (RS) em 2016. Finalista do Prêmio Minuano de Literatura em 2019 pelo livro *Contos transantropológicos*. Em 2023 foi a primeira pessoa trans a aprovar um projeto de lei tornando a poesia de rua, o *slam*, patrimônio cultural de Porto Alegre. Em janeiro de 2024, o governo do estado do Rio Grande do Sul concedeu a ela o troféu visibilidade trans pelo seu trabalho social e político na capital gaúcha, e em março do mesmo ano o Ministério da Cultura (MinC) concedeu o prêmio Sérgio Mamberti pelo seu trabalho de preservação, valorização e difusão da diversidade cultural. Atualmente elegeu-se como a primeira vereadora LGBTQI+ do PSOL na capital gaúcha. @atenabrpsol



Auritha Tabajara. Meu nome ancestral é Auritha Tabajara, nasci em Ipueiras, interior do Ceará, e chorei na barriga da minha mãe antes de nascer. Nasci em casa pelas mãos da minha avó

parteira Francisca Gomes, e por essa razão o nome Auritha (significa "pedra de luz"), com o qual assino minhas obras literárias.

Sou escritora, cordelista e contadora de histórias indígenas, trago um repertório que explica o sagrado da vida contado por minha avó. Tenho seis livros publicados, alguns folhetos e vários textos em antologias no Brasil e exterior, alguns traduzidos para o inglês e o alemão. Tenho levado a literatura indígena a várias feiras literárias dentro e fora do país. Meu livro carro-chefe, *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), é altamente recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infante e Juvenil, faz parte do acervo da biblioteca de Washington, é selo Flip 2023 e inspirou o filme *Mulher sem chão*, que conta minha história. Sou membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), com a cadeira 345, e a primeira mulher indígena a publicar livros de cordel no Brasil. Ganhei o prêmio Jabuti em 2024. @ita.tabajara



Bethânia Pires Amaro nasceu em Recife, em Pernambuco, em 1988, mas foi criada na Bahia, em Ilhéus e Salvador. Seu primeiro livro, *O ninho*, publicado em novembro de 2023 pela editora Record, foi

vencedor, na categoria contos, dos prêmios Sesc de Literatura, APCA e Jabuti. Reside atualmente em São Paulo, onde trabalha na Secretaria Municipal de Educação. @bethaniapiresamaro



Calila das Mercês nasceu em Berimbau, Conceição do Jacuípe, na Bahia. É poeta, escritora, jornalista, pesquisadora e doutora em literatura pela Universidade de Brasília (UnB).

Realizou o pós-doutorado coordenado pela catedrática Conceição Evaristo no Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo (IEA/USP). Possui textos literários em publicações brasileiras e internacionais. Foi indicada ao Prêmio Jabuti com *Planta oração* (2022), seu primeiro livro de contos.



Carlos de Assumpção (Tietê, SP, 1927) é um dos maiores expoentes da literatura afro-brasileira e símbolo de resistência poética e social. Entre os 20 e 40 anos, Carlos destacou-se no Movimento Negro

paulistano, usando a poesia para denunciar o racismo e fomentar a consciência negra. Formado em letras e direito em Franca, São Paulo, sempre esteve envolvido como poeta e ativista do Movimento-Negro. Em reconhecimento à sua relevância cultural, foi agraciado com dois títulos *honoris causa*, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor do poema icônico *Protesto*, escrito nos anos 1950, Carlos transformou a indignação com a exclusão social e racial em um manifesto que segue vivo e atual. Em *Não pararei de gritar* (2020), lançado pela Companhia das Letras, ele reúne muitos de seus poemas mais célebres, incluindo críticas contundentes às desigualdades enfrentadas pela população negra no Brasil. Carlos também idealizou o *Sarau Protesto*, espaço dedicado à luta por igualdade social e econômica para negras e negros brasileiros, perpetuando o legado da oralidade africana. É autor de obras como *Quilombo* (2000) e participou da antologia *Cadernos negros*. Em parceria com o poeta Cuti, lançou o CD *Quilombo de palavras* (1998). Sua trajetória foi tema do documentário *Carlos de Assumpção: Protesto* (2019). Membro da Academia Francana de Letras, ele combina a ancestralidade africana e a estética moderna para fazer de sua poesia uma poderosa arma contra as injustiças sociais. @carlosdeassumpcaooficial



Carol Ito é jornalista e quadrinista. Publicou trabalhos em importantes veículos de imprensa, como as revistas *Trip*, *Tpm*, *Piauí*, *Caros Amigos*, *Agência Pública*, *Morel*, *O Grito*, entre outras.

Em 2022, recebeu o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria Arte, pela reportagem em HQ *Três mulheres da Craco*, publicada na revista *Piauí*. É autora de três livros em quadrinhos e foi a primeira mulher a desenhar charges ao vivo no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. @carolito.hq

© Andrea Rego Barros



Cida Pedrosa nasceu em Bodocó, no sertão de Pernambuco, em 1963. É poeta e feminista. Escritora e advogada de direitos humanos. Católica e filha de Oxum e Xangô. Autora de

onze livros de poesia, dentre eles: *As filhas de Lilith* (2009), *Claranã* (2015), finalistas dos prêmios Portugal Telecom e Oceanos, respectivamente. Seu trabalho *Solo para viajeiro* (Cepe, 2019) foi vencedor do Prêmio Jabuti nas categorias Poesia e Livro do Ano. Seu mais novo livro, *Araras vermelhas* (Companhia das Letras, 2022), conquistou o Prêmio APCA na categoria Poesia e foi finalista do Prêmio Jabuti. Sua obra vem sendo transcrita para o teatro e o audiovisual. Em 2024 foi agraciada com o prêmio literário Guerra Junqueiro Lusofonia, pelo conjunto da obra. Atualmente exerce seu segundo mandato como vereadora do Recife. @cidapedrosa65

© Ga Olho



diana salu nem existe
arranjo de palavras pra invocar
presença que ainda não havia
é delírio de vontade

vento
garganta
boca fechada
uma concha nos olhos
som sem palavras
arfar explosivo
decisão serena
buraco
e
suspensão
poema

acolherdestruirotempo.substack.com

© Fernando Rabello



Eliana Alves Cruz é uma das grandes autoras da literatura brasileira contemporânea, com obras premiadas no Brasil e exterior. Jornalista, escritora e roteirista, foi indicada

ao International Emmy Awards 2024 pelo trabalho na série *Anderson Spider Silva*. Vencedora do Prêmio Jabuti de literatura em 2022, destacou-se com *A Vestida*, explorando as relações étnico-raciais brasileiras. Entre seus livros mais reconhecidos estão *Água de barrela*, *O crime do cais do Valongo*, *Nada digo de ti*, *que em ti não veja* e *Solitária*. Na TV, apresenta o programa *Trilha de Letras* (TV Brasil) e atua como roteirista em diversas produções. @elianalvescruz

© Sidarta



Ezter Liu é uma escritora da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Em seus quatro livros publicados traz a marca dessa geografia e um forte teor político e feminista. @ezter_liu

© Febraro de Oliveira



Febraro de Oliveira é escritor, livreiro e professor de escrita. Ministrou aulas em instituições culturais e no circuito Arte da Palavra (2024), do Sesc. Venceu o Prêmio Leia MS (2021) e o Prêmio

de Reconhecimento Popular (2020) na categoria Livro do Ano, além do Prêmio Caio Fernando Abreu de Literatura (2022) e o Inova UEMS (2022). Seu romance de estreia, *Uirapuru* (2021), recebeu os prêmios TCD Awards (Nova York, 2022) e LAD Awards (Lima, 2022) pelo projeto gráfico. Publicou, em 2023, o livro *Caixa d'água* pela editora Reformatório. Atualmente, trabalha no romance *Longa noite a ferir o céu de seu nome*. @febrarodeoliveira

© Roberta Marisa



Francis Mary Alves de Lima é uma poeta acreana de 67 anos. O imaginário e a luta dos povos da floresta liderados por Chico Mendes inspiraram seus primeiros poemas. Publicou *Akiri*, um

grito no meio da mata (1978); *Gota a gota* (1982); *A noite em que a lua caiu no açude* (1998); *Pré-históricas e outros livros* (2004); *Gogó de sola/Flor do astral* (2016); e *Escritas do ser/A seiva de um* (2022), em parceria com a poeta Vera Sá. Em 2000, adquiriu um casarão e criou uma casa de cultura para realizar saraus, recitais e outras atividades artísticas. Em 2023, participou da Feira Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô), em Salvador. Em 2024, participou circuito Arte da Palavra e do Festival Arte da Palavra (Farpa), do Sesc. @francismary.bruxinha

© Karine Xavier



Geni Núñez é ativista indígena guarani, escritora e psicóloga. Possui doutorado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade

Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC) e mestrado em psicologia social. Atualmente cursa pós-doutorado no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). É membro da Comissão de Direitos Humanos (CDH), do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e da Articulação Brasileira de Indígenas Psicólogos/as (Abipsi). É coassistente da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY). @genipapap

© Maria Ribeiro



Helô D'Angelo é ilustradora e quadrinista, vencedora dos troféus HQ Mix e Angelo Agostini e do Prêmio Carolina Maria de Jesus. Ela é autora dos livros em quadrinhos *Dora e*

a gata (2019), *Pequeno manual de defesa pessoal* (2022), *Nos olhos de quem vê* (2022) e *Isolamento* (2020), que foi finalista do HQ Mix e do CCXP Awards em 2021. Também coeditou a coletânea *Boy dodói* (2023), na

qual participou também como artista, e esteve presente em outras coletâneas, como *Ragu*, *Harvi* e no catálogo *Cómic HQ Brasil*. Em 2024, lançou o diário em quadrinhos *Só com a gente*, além de versões do *Pequeno manual de defesa pessoal* em espanhol e birmanês, e a coletânea de tirinhas *Cuscuz surpresa*, com Daniel Cesart. www.helodangelo.com.br

© Roan Nascimento



Isabor Quintiere

nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Possui graduação em letras (inglês) e mestrado na mesma área, ambos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Autora dos

livros de contos *A cor humana* (2018) e *Ritúdia* (2023). Isabor encontra inspiração para sua prosa principalmente na literatura fantástica latino-americana e na ficção científica. Tem publicado textos em coletâneas e revistas diversas, de alcance tanto nacional quanto internacional. Seu trabalho já alcançou diversas conquistas, como o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica (2019) e a participação no circuito Arte da Palavra (2024), do Sesc. @iquintiere

© Gui Maker



Jomaka é brasileiro, nasceu em 1991, na cidade de Belo Horizonte (MG). Autor dos livros *Generalidades ou passarinho loque esse* e *Embreagencer* (ambos pela editora

Impressões de Minas) e organizador da *Coletânea academia transliterária* (editora Marginália). Teve um poema traduzido para o espanhol no livro *Pequena antologia trans brasileira* (editora elle_ellu). Publicou o conto inédito *Cartão amarelo ou gol contra*, na revista virtual da Ria Livraria, e *Aluga-se garagem*, na plataforma Compartilhada. Assina textos publicados em coletâneas, antologias, revistas, além de dramaturgias e roteiros para audiovisual. Em sua trajetória desenvolve trabalhos nas áreas da produção cultural, artes visuais, teatro, cinema e na performance com participação, por exemplo, em duas edições da Balada Literária (SP) e no evento em comemoração ao centenário

da Semana de 22, Modernismo em MG (Palácio das Artes/MG). Na arte-educação desenvolve projetos de promoção à leitura por meio de oficinas/ateliês, como escrita criativa e poesia em movimento, em diversos aparelhos públicos, bibliotecas e centros culturais de Belo Horizonte e, mais recentemente, no projeto Ateliê Circulante, do museu a céu aberto de arte contemporânea Inhotim (Brumadinho/MG). Em 2024 foi júri técnico na subcomissão de poesia do Prêmio Sesc de Literatura e foi selecionado como autor em Minas Gerais para o Arte da Palavra – Circuito de Autores do Sesc. @poetajomaka

© Josias Marinho Casadecaba



Josias Marinho

Casadecaba é quilombola de Forte Príncipe da Beira (Rondônia). Desde criança tenho uma relação bem bonita com o desenho e uma curiosidade enorme

pelos histórias dos bichos, da natureza e da humanidade. Estudei na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFGM) e, em 2007, illustrei meu primeiro livro. Em 2023 fui um dos selecionados para a exposição *Karingana: presenças negras no livro para as infâncias*, no Sesc Bom Retiro (2023–2024). Tenho um livro de imagens chamado *Benedito* (2014), um dos destaques de minha produção gráfico-literária. Já fui contemplado com a Selection of Brazilian Writers, Illustrators and Publishers Bologna Children's Book Fair em 2014, 2012 e 2010. Dos trabalhos mais recentes como ilustrador, *O mar de Manu* (texto de Cidinha da Silva) foi vencedor do Prêmio APCA 2021 na categoria Livro Infantil. *Inquietações de um Brasil contemporâneo* (texto de Francisco Gaetani e outros) foi finalista do Jabuti Acadêmico 2024 na categoria Ciências Agrárias e Ambientais. Desde 2016 sou professor efetivo de artes visuais na Universidade Federal de Roraima (UFRR). @josiasmarinhocportfolio

© Ulisses Raiz



Julia Raiz é

trabalhadora da escrita, tradutora e agitadora cultural. É doutora em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com ênfase em estudos feministas da tradução,

e ministra oficinas de escrita. Desde 2017, faz parte do coletivo Membrana. Atualmente é coordenadora do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (PMLLB) de Curitiba. Publicou livros e plaquetes. @julia.raiz

© Omar Salomão



Manoela Sawitzki

(Rio Grande do Sul, 1978) é doutora em literatura, cultura e contemporaneidade, escritora, roteirista e jornalista. É autora dos romances *Vinco* (Companhia das

Letras, 2022), *Suíte dama da noite* (Record, 2009) – publicado também em Portugal (Cotovia, 2009) e na França (Tupi or not Tupi Éditions, 2014) – *Nuvens de Magalhães* (Mercado Aberto, 2002) e da peça *Calamidade* (Funarte, 2004 – Prêmio Açorianos de Melhor Dramaturgia). Participou de cinco antologias de contos, publicadas no Brasil, na Argentina e na França. Foi contemplada pelo Prêmio Funarte de Dramaturgia de 2004 e pelo edital Residência Literária do Sesc em 2018. Recebeu, em 2006, o Prêmio Açorianos de Melhor Dramaturgia e o Prêmio Santander Cultural/Prefeitura de Porto Alegre para projetos de longa-metragem. Em 2021, recebeu o Kikito de melhor roteiro em curta-metragem no Festival de Gramado. Em 2023, foi semifinalista do Prêmio Oceanos. @manoela_sawitzki

© Fernando Rabelo



Marcia Tiburi é

escritora e filósofa. Autora de sete romances, entre eles *Magnólia* (2005) e *Com os sapatos aniquilados, Helena avança na neve* (2024), além de diversos ensaios, entre

eles *Complexo de vira-lata e Análise da humilhação brasileira* (ambos de 2021). É colunista da revista *Cult*. @marciatiburi

© Michelle Lustosa



Márcio Benjamin Costa Ribeiro é autor de romances e livros de contos de horror rural e folclóricos (*Maldito sertão*, *Fome* e *Agouro*) e dramaturgo (*Hippie-Drive*, *Flores de plástico*, *Ultraje*). Participante

de projetos do Sesc (Arte da Palavra, Mostra Sesc de Culturas, Mostra Sesc Cariri, Flipelô), feiras nacionais (Bienal do Livro do Ceará, Recife e Salvador) e internacionais (Primavera Literária de Paris e Nova York e Feira do Livro de Paris). Roteirista de séries (*Dê seus pulos*, *As primas*, *Enfim S.O.S.* e *Agouro*), curtas-metragens premiados (*Bucho de peixe*, *Sombras da alma* e *Encruzilhada bar*) e longas-metragens (*Quebrando o gelo* e *Fome*). Ganhador dos prêmios Moacyr Cirne de Ficção (2019), Odisseia de Literatura Fantástica Narrativa Curta de Horror (2020), Leblanc de Literatura (2022), José Cândido de Carvalho (2023) e VI Prêmio Aberst de Literatura Narrativa Longa de Terror (2024), com *Sina*. Braço nordestino da Editora DarkSide Books (Sina), participou em 2023 pela Globo Livros da coletânea juvenil *Mundos paralelos – horror*. @oterrordemarciobenjamin

© Pablo Regino



Maria de Regino nasceu no Rio de Janeiro em 1950. Leu muito, viajou, teve três filhos, plantou muitas árvores e escreveu alguns livros. Estudou e lecionou na Universidade Federal

de Goiás (UFG), onde criou a Bibliolibras, uma biblioteca bilíngue Libras/Português, on-line e gratuita, para crianças e jovens surdos e deficientes visuais. Doutora em linguística e literatura, Maria de Regino dirige projetos culturais relacionados à produção de livros audiovisuais e audiolivros. @suelimariaregino

© Vicente Costa



Otávio Junior é escritor, contador de histórias, mediador de leitura, roteirista e produtor teatral. Ficou amplamente conhecido por abrir a primeira biblioteca das favelas

do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no estado do Rio de Janeiro, um projeto social chamado Ler é 10!, e logo após ser convidado para a publicação de um livro autobiográfico, *O livreiro do Alemão*, sucesso no Brasil e traduzido na França e na Espanha. Nasceu e mora no Complexo da Penha, onde desenvolve muitos projetos com a leitura/literatura. Atua há mais de dez anos como escritor e atualmente tem cerca de vinte livros publicados, em sua maioria abordando o perfil literário negro-periférico, onde desenvolve histórias que se entrelaçam com as suas vivências e memórias afetivas, de um então menino negro que sempre viveu dentro da favela, fazendo de seus textos uma incrível experiência lúdica de todo esse cotidiano, de uma forma única e sensível. @otaviojuniorautor

© Carmen Helena



Roberta Tavares é paraense, historiadora e poeta, quilombola das margens de um igarapé amazônico chamado Cravo, radicada em Belém, no Pará. @robertaraizes

© Petricor



Sony Ferseck em poesia, **Wei Paasi** em Makuxi maimu, pertence ao povo Makuxi. É poeta, escritora, palestrante, pesquisadora. Atualmente é pós-doutoranda em

literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). Doutora em literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF), mestra em literatura, artes e cultura regional e graduada em letras (inglês) pela UFRR. Foi professora substituta no Instituto de Formação Superior Indígena Insikiran entre 2020 e 2022. Publicou *Pouco verbo* (2013), *Movejo* (2020) e *Weiyamî: mulheres que fazem sol* (2022), obra finalista na categoria Poesia do 65º Prêmio Jabuti. Cofundadora, junto a Devair Fiorotti (1971–2020), da primeira editora independente de Roraima, Wei, em 2019. Em 2024, participou do circuito Arte da Palavra, do Sesc, viajando pelos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Goiás. @sony.ferseck

© Diego Lopes



Tônio Caetano nasceu em Porto Alegre (RS), em 1982. É escritor, especialista em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e servidor

público municipal. É filho de Virginia e Armindo, pai da Safira e dindo do Guga, da Sarah e do Ique. Cresceu correndo com os seis irmãos pelas lombas da Vila Vargas, periferia de Porto Alegre. Membro fundador do Coletivo de Escritores Negros de Porto Alegre (CEN). Acadêmico da Academia de Letras do Brasil, seccional Rio Grande do Sul, cadeira 136, Patrono Lima Barreto. Autor do livro *Terra nos cabelos*, premiado pelo Prêmio Sesc de Literatura em 2020 na categoria Conto, e do livro *Sobre o fundo azul da infância*, premiado pela Academia Rio-Grandense de Letras em 2021 na categoria Narrativa Curta. É uma pessoa em busca da própria voz, do seu lugar na luta que cabe a cada um diante da página em branco, da realidade e de si. @tonio.rs

© Viviane Laprovita



Valeska Torres é poeta, escritora, performer, educadora e editora. Entre as cem pessoas inscritas de mais de trinta cidades ao redor do mundo, ela foi uma das duas escritoras selecionadas para a

residência literária Writer in the Park 2024, em Ljubljana, na Eslovênia. Participou como poeta convidada do Mundial Poético de Montevideu (Uruguai) e do Festival Internacional de Poesia de Rosário (Argentina). Ministrou diversas oficinas literárias pelo Sesc Rio e pelo circuito de criação literária do Arte da Palavra 2024 – Sesc Brasil. Compõe a antologia *As 29 poetas hoje* (Companhia das Letras, 2021), organizada por Heloisa Teixeira. É autora dos livros *O coice da égua* (7Letras, 2019), *Plutônio-239* (7Letras, 2022) e *Navalhar o chão com dentadas* (2024), além de ter sido publicada em diversas antologias, fanzines e plataformas digitais na Argentina, na Colômbia, na Eslovênia, nos Estados Unidos, no Paraguai, em Portugal e na Venezuela. @valeskatorresss

Referências

Airton Souza

MONTEIRO, Benedicto. *A terceira margem*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

SARR, Mohamed Mbougar. *A mais recôndita memória dos homens*. São Paulo: Fósforo, 2023.

Eliana Alves Cruz

ASSIS, Machado de. *Obras completas. Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. São Paulo: Editora José Olympio, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

MUNIZ, Sodré. *Pensar nagô*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

VIERA JÚNIOR, Itamar. *Oração do carrasco*. Salvador: Editora Mondrongo, 2017.

Geni Núñez

ANGATU, Casé. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Fapesp / AnnaBlume, 1998.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Estudos sobre o tempo: o tempo na filosofia e na história. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/ USP). Textos: transcrição das comunicações apresentadas na mesa-redonda *O tempo na filosofia e na história*, promovida pelo Grupo de Estudos sobre o Tempo no Auditório de Cinema da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no dia 29 de maio de 1989. Autores: Maria Helena Oliva Augusto, José Carlos Bruni, Raquel Glezer, Milton Santos.

BENITES, Sandra. “Educação guarani e interculturalidade: a(s) história(s) nhandeva e o teko”. *Caracol*, São Paulo, n. 20, jul.-dez. 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAUSTINO, Deivison [Deivison Nkosi]. *Por que Fanon? Por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. São Carlos: UFSCar, 2015.

FAUSTINO, Deivison [Deivison Nkosi]. “Frantz Fanon, a branquitude e a racialização: aportes introdutórios a uma agenda de pesquisas”. In: MULLER, Tânia; CARDOSO, Lourenço (orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. 3 ed. São Paulo: Escala, 2009.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1946.

SILVA, V. T. Silva (Timóteo Popygua). “Depoimento: Verá Tupã Popygua Timóteo da Silva”. *Revista Continente*, [s. l], v. 1, n. 1, abr. 2017.

Julia Raiz

BRANDÃO, Fiana Hasse Pais. *Três rostos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* Trad. Cecília Ciscato. São Paulo: 34, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Manoela Sawitzki

CARRÈRE, Emmanuel. *Ioga*. São Paulo: Alfaguara, 2023.

Marcia Tiburi

AUERBACH, Eric. *Figura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Walter. “Para uma crítica da violência”. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2011.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

KAFKA, Franz. *O veredito e Na colônia penal*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: ensaio sobre as doenças mentais*. Trad. Vinicius Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993.

LOREAUX, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. *História das mulheres no ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1993.

Maria de Regino

APULEIO, Lucius. *O asno de ouro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAMPBELL, Joseph. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

GILGÁMESH. *Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Manoel Odorico Mendes. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Manoel Odorico Mendes. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

SCHULER, Donald. *Odisseia II: regresso*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

Roberta Tavares

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 3. ed. Belém: Cejup, 1994.

Sony Ferseck

FERSECK, Sony. *Weiyamí: mulheres que fazem sol*. Boa Vista: Wei Editora, 2022.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional

José Roberto Tadros

Departamento Nacional

Diretor Geral

José Carlos Cirilo

Diretora de Programas Sociais

Janaina Helena Cunha

Gerente de Cultura Interina

Veronica Tomsic

Equipe de Literatura

Diogo Borges

Priscila Branco

DEPARTAMENTO REGIONAL SÃO PAULO

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendências

Técnico-social

Rosana Paulo da Cunha

Comunicação Social

Ricardo Gentil

Administração

Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento

Marta Raquel Colabone

Assessoria Jurídica

Carla Bertucci Barbieri

Gerências

Ação Cultural

Érika Mourão Trindade Dutra

Artes Gráficas

Rogério Ianelli

REVISTA PALAVRA

Curadoria de Conteúdo

Diogo Borges

Marco Antônio Rosa Junior

Mariana Marquiori

Thais Heinisch

Tiago Marchesano

Coordenação da Revista Palavra

Diogo Borges

Priscila Branco

Coordenação da Edição 2024/2025

Fabrizio Floro

Thais Heinisch

Tiago Marchesano

Coordenação Editorial e Gráfica

Erica Dias

Fabíola Tavares Milan

Karina Camargo Leal

Wendell de Lima Vieira

Produção Editorial

Carol Ribas

Projeto Gráfico e Diagramação

ps.2 arquitetura + design

Flávia Nalon

Fábio Prata

Yugo Borges

Ilustrações

Carol Fernandes

Revisão

Samantha Arana

Mariana Delfini

© Sesc Departamento Nacional, 2025

Av. Ayrton Senna, 5555 – Barra Olímpica,

Rio de Janeiro – RJ, 22775-004

Telefone: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.

ISSN 2178-1443

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei n. 9.610 de 19/02/1998.

Os textos assinados são de responsabilidade
dos autores e não refletem,
necessariamente, a opinião da revista.

As referências dos textos estão disponíveis
na versão digital, acessível em:
[sesc.com.br/multimidia/publicacoes/
revista-palavra-2024-2025/](http://sesc.com.br/multimidia/publicacoes/revista-palavra-2024-2025/)

Escreva-nos!

Sua opinião é muito importante para o
aprimoramento da revista.

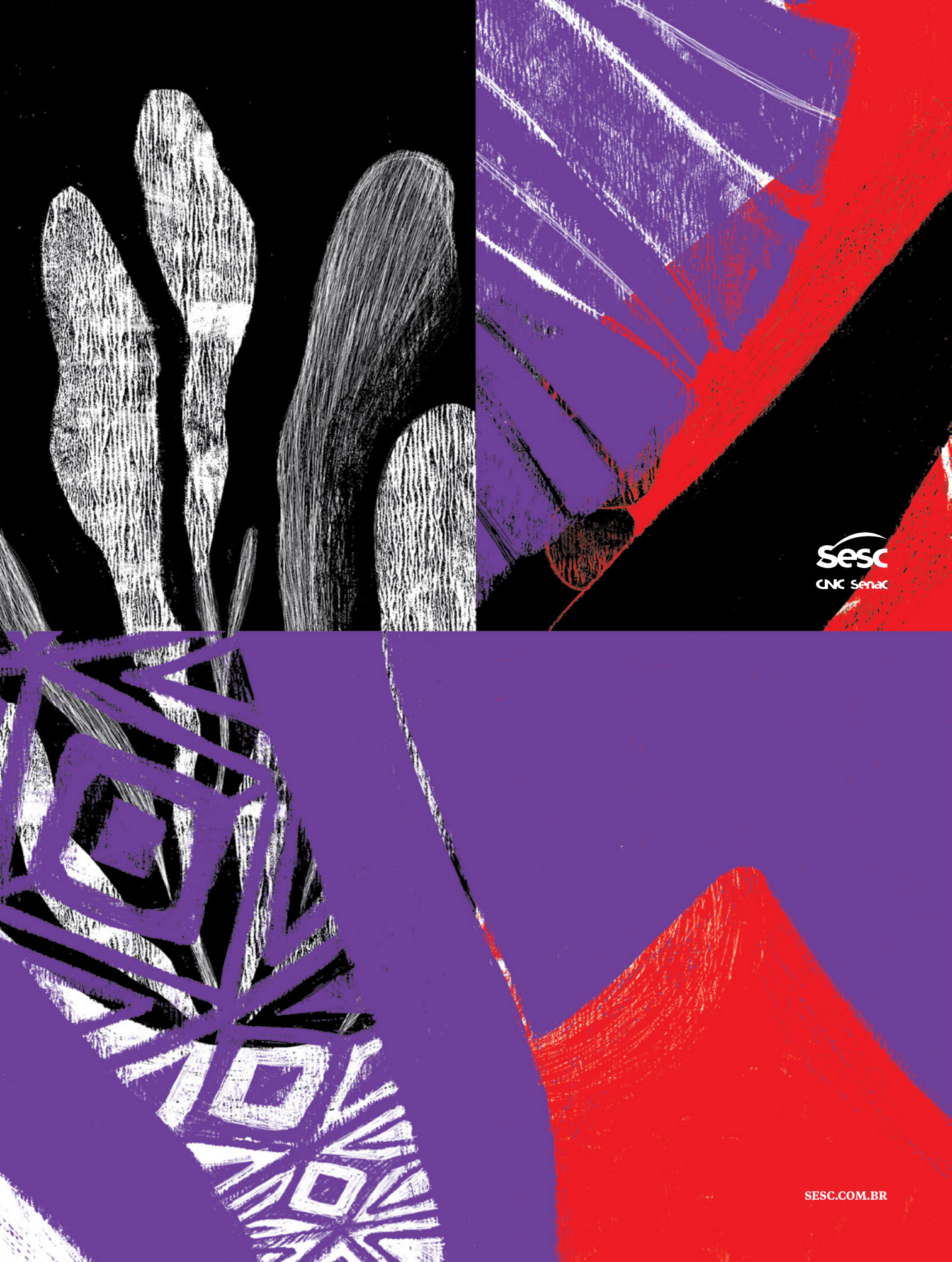
Para sugestão ou recebimento de
exemplares, entre em contato conosco pelo
e-mail: secascom@sesc.com.br

Composto com a fonte Tiempos Text,
desenhada por Kris Sowersby. Impresso
em papel Alta Alvura 90g/m² e Supremo
250g/m² em maio de 2025. Tiragem: 15.000.
Impressão: Margraf.



**A política
literária
é escrita
por quem
escreve.**

**A quem
pertencem
minhas
palavras?**



Sesc
CNC Senac